

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE HISTÓRIA DIREITO E SERVIÇO SOCIAL**

ANA DANIELA DE SOUZA

**A IDENTIDADE FORJADA PELA MÍDIA:
Expressões cotidianas reveladas por jovens das classes populares em
roteiros pelos metrô de São Paulo.**

FRANCA – 2007

ANA DANIELA DE SOUZA

**A IDENTIDADE FORJADA PELA MÍDIA:
Expressões cotidianas reveladas por jovens das classes populares em
roteiros pelos metrô de São Paulo.**

Tese apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", para obtenção do título de Doutora em Serviço Social. Área de Concentração - Serviço Social: Trabalho e Sociedade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Ângela Rodrigues Alves de Andrade

FRANCA – 2007

Souza, Ana Daniela de

A identidade forjada pela mídia : expressões cotidianas reveladas por jovens das classes populares em roteiros pelos metrô de São Paulo / Ana Daniela de Souza. –Franca: UNESP, 2007

Tese – Doutorado – Serviço Social – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP.

1. Meios de comunicação – Influência – Classes populares.
2. Jovens
3. Jovens – Exclusão social – Cotidiano – São Paulo.
4. Violência urbana.

Dedico a todos os irmãos da grande comunidade.

AGRADECIMENTOS

À Prof^ª. Dr^ª. Maria Ângela Rodrigues Alves de Andrade, pela orientação neste trabalho.

À Prof^ª. Dr^ª. Graciela Pedroni Sarrible por ter sido co-orientadora no projeto de estágio na Universitat de Barcelona.

À Prof^ª. Dr^ª. Raquel Santos Sant'Anna, pelo acompanhamento.

À Prof^ª. Dr^ª. Maria das Graças de Gouvêa, pelos esclarecimentos e incentivo.

Ao Lugar onde fica meu tesouro guardado; toda a minha família, a que vim e a que escolhi; os amigos.

Minha querida avó, rainha Antonieta Giloni, por sempre me dar colo.

Meu avô José (in memorian) pelas longas horas de conversa e ensinamentos.

A minha mãe Ana Lúcia por tudo.

Ao meu pai Nedemir pela aproximação que podemos ter a cada dia.

Às irmãs Ana Paula, Ana Claudia e Ana Marcela pelo carinho fraterno.

Ao meu irmão Duda (in memorian) pelos momentos sagrados.

À minha tia Mirian por todo apoio.

À minha tia Angélica e tio Eduardo, pela presença constante.

Ao meu querido primo Gu por toda nossa infância.

À minha bisavó Anna, e tio bisavô Maneco, ambos (in memorian).

À minha tia-avó Nair porque me ajuda a ver o mundo com mais compaixão.

À minha afilhada Ana Eduarda por tudo o que vamos construir.

Ao meu afilhado Cadu pelos conhecimentos que sempre vamos compartilhar.

As minhas sobrinhas Ana Júlia, Giovana e Ana Laura, com muito amor.

Aos mestres Sérgio Barreto e Telma Jábali, por tudo o que me ensinam.

À Mari, Felipe, João Pedro, Bibia, Lourenço e Ana Paula.

Aos que sempre estão, ou estiveram comigo, nos dias de alegria, e nos dias de angústia: como é bom ter amigos!

A Deus que me colocou no caminho da vida desses jovens para ver outras formas de manifestação de amor e vida. A todos: felicidade!

ENSAIO**Nos trajetos,**

a intenção em explorar a essência do ritmo de uma linguagem,
o nascimento de uma identidade tão reveladora,
capaz de violar conceitos rígidos.

Palavras que ganham musicalidade,
e já não têm mais quem as silenciem.

Ecos que vêm da Bolívia,
Haiti e Sudão estremecem estruturas antigas,
e subjugam as lógicas.

Na utopia,
almas subversivas em movimentos lutam por dignidade.

Com todas as armas da idéia,
a aspiração para o religar da objetividade e subjetividade.

Poder enxergar a explosão de uma força coletiva, alimenta a vida.

Enquanto se pode percorrer pelas ruas,
contam com risos ambíguos que choram pelo nascer de mais um dia.

Quando a vida se encontra entre as grades,
se ouve o sussurrar pelo chão da casa, pela liberdade e da metrópole.

A grande cidade que recebe de suas idéias a esperança de uma nova vida em festa.

Entre taças,
o tilintar que não deixa mais a História ser revivida.

A manhã que supera o caos.

Portais que se abre para a irmandade.

Gente, uma constelação em edifícios e pavilhões,
com sorriso pela dança,

em São Paulo que é como “um mundo todo”,
onde amor também se ganha.

Daniela Gillone

RESUMO

A avaliação dos aspectos da realidade de determinado segmento de jovens das classes populares, com mínima possibilidade de acesso a condições de trabalho formalizado - situação que os torna suscetíveis a cometerem infrações ou atividades tangenciais ao crime - e sua relação com a mídia, motivaram e suscitaram o objetivo deste trabalho enquanto processo de conhecimento. Nesta busca, procurou-se desvendar a influência dos meios de comunicação nas escolhas e aspirações no cotidiano dessas pessoas que vivem em situação de risco social na metrópole paulistana. O entendimento da construção de identidades recorreu às teorias que exploram as relações sociais na contemporaneidade, e também na observação participante da autora durante sua vivência e trajetos pelos metrô de São Paulo-SP. São jovens os sujeitos desta pesquisa, conhecidos popularmente como *manos*, e é assim que eles se autodenominam e se reconhecem mutuamente. O contexto social em que vivem é marcado pela desigualdade social e econômica e, geralmente, estão envolvidos ou expostos ao universo da criminalidade. As atividades recorrentes ao universo da cultura tais como a música, a dança e o grafite, assim como as outras vias que encontram para estabelecer participação social, formam os pilares em que eles se apóiam para a construção de sua identidade. Essas pessoas, em sua maior parte, moradores dos bairros populares e da periferia, quando envolvidos no laço coletivo para a superação da discriminação, têm seu cotidiano fortalecido por um conjunto de elementos que podem despontar em uma cultura construída como reação aos processos de exclusão social. Identidade e resistência convergem em uma ambígua formação de consciência crítica. A incitação ao consumo e a sedutora mídia tradicional e comercial influenciam esses jovens na construção de identificações. Avaliar e questionar medidas políticas para trazer melhores condições para a sociedade em geral exige, sobretudo, conhecer a realidade de uma população que já não está mais à margem e sim na trama central dos contundentes problemas da rede social.

Palavras-chave: classes populares; cultura; cotidiano; identidade ; *manos*; mídia; violência.

ABSTRACT

The evaluation of the aspects of the reality of a determined young people segment of the popular classes, with almost no access to legalized work - situation that makes them susceptible to commit infractions - and its relation with the media have motivated the objective of this work while a discovery process. This search aimed at unmasking the influence of the media in the aspirations and choices taken by those who live in a situation of social risk in the city of São Paulo. The understanding of the construction of the identities was based on the theories that explore contemporary social relations, and also on the scenes observed by the author during the time she spent on the subways of the city. The subjects of this research are young, popularly known as “manos”, and that is how they name themselves. Their social context is marked by social and economic inequality, and they are often involved in crime or exposed to it. Culture-related activities, such as music, dance and graffiti, as well as the ways they find to establish some social participation, form them pillars over which they build their identity. These people, mostly inhabitants of the popular quarters and the periphery, when involved in a collective flow to overcome discrimination, have their daily life fortified by a set of elements that can result in a culture constructed as a reaction to the social exclusion process. Identity and resistance converge in an ambiguous formation of critical conscience. The incitation to the consumption and the seductive traditional and commercial media influence the youth in the construction of identifications. Evaluating and questioning political measures to achieve better conditions for society in general demand, above all, to know the reality of a population that already is not on edge of society anymore, but in the central spot of social problems .

Key-words: popular class; culture, quotidian, indentity, mano; media; violence

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Trajetos e tecnologias no mundo urbano	11
--	----

PARTE 1

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E O PODER DA FORÇA COLETIVA	30
--	----

1.1 Quem são os “manos”?	35
--------------------------------	----

1.2 Identidades e diferenças	45
------------------------------------	----

1.3 Unidos pela exclusão	53
--------------------------------	----

1.4 A cidade São Paulo e os trajetos cotidianos	63
---	----

PARTE 2

A INFORMAÇÃO E SUAS INFLUÊNCIAS NAS EXPRESSÕES COTIDIANAS	76
---	----

2.1 O capitalismo e a democratização da comunicação	82
---	----

2.2 <i>Mass média</i> e fantasia	91
--	----

2.3 Tecnologia versus cidadania	101
---------------------------------------	-----

2.4 A identidade forjada pela mídia	116
---	-----

CONCLUSÕES.....	130
-----------------	-----

REFERÊNCIAS	141
-------------------	-----

ANEXOS	155
--------------	-----

Anexo A	156
---------------	-----

Anexo B	166
---------------	-----

Anexo C	168
---------------	-----

INTRODUÇÃO

Trajetos e tecnologias no mundo urbano .

Com esta pesquisa está a intenção em centrar a análise de determinado segmento de jovens das classes populares¹ que cometem infrações ou se envolvem com atividades tangenciais ao crime², como também, participam do mercado de trabalho informal para obterem os produtos que são considerados da moda. A situação de risco³, oriunda aos moradores de favelas e bairros populares da metrópole paulistana e a influência que recebem da mídia para a construção de uma identidade⁴, que é discriminada pelos órgãos oficiais e pela sociedade em geral, são os principais elementos que a presente investigação procura compreender.

As ações desses jovens, mediante a informação recebida pelos meios de comunicação são os resultados, entendidos aqui, como as influências do processo da globalização com modelos e estilos de vida mitificados. Desvendar a reação que estes sujeitos desenvolvem a partir da operacionalização de imaginários que a mídia constrói é o que desafia este estudo.

Como universo físico da pesquisa foi escolhido os locais por onde este segmento de jovens das classes populares circula. Assim, os metrô de São Paulo foram definidos como o espaço ideal para o contato com essas pessoas, pautando-se pelo **critério de**

¹ “Numa formação social capitalista, segundo K.Marx, as classes fundamentais são a burguesia e o proletariado. A categoria ‘classes populares’ amplia o conceito clássico marxista, uma vez que contempla as mais diversas inserções no mundo do trabalho: os desempregados, os subempregados, os trabalhadores domésticos, etc. A todo esse conjunto de trabalhadores é que se denomina classes populares.” (GOUVEA, 1997 p.3)

² O envolvimento dos jovens com a comercialização de produtos considerados ilegais são reconhecidos, nesta pesquisa, como atividades tangenciais ao crime (NOGUEIRA, 1995)

³ A “situação de risco” como uma condição social entre a grande maioria das pessoas pertencentes às classes populares moradoras dos bairros periféricos, dos conjuntos habitacionais destinados ao processo de desfavelização, as próprias favelas, e os barracos oriundos nesses redutos, é constatada pela economia que movimentada essas localidades em estreita relação com a criminalidade, principalmente o tráfico de drogas. Este cenário deixa o cotidiano desses indivíduos permeado a uma condição de risco social. (FAUSTO, 1991)

⁴ Castells (2000, p.24) observa que as identidades “constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e constituídas por meio de um processo de individuação”, nesse sentido toda e qualquer identidade se torna resultante de uma construção, que tem como objetivo organizar significados que são mantidos na temporalidade, em um determinado contexto social marcado pelas relações de poder.

acessibilidade. A escolha deste meio de transporte se deu pela utilidade que tem no cotidiano da vida desta população, por circundar áreas próximas de suas moradias.

Os trajetos definidos para a pesquisa partiram da observação da autora em um período que desenvolveu trabalhos como jornalista e docente universitária na Zona Leste de São Paulo. A preocupação com o tratamento dispensado à informação para os jovens das classes populares também trouxe a necessidade de aprofundar o conhecimento nas teorias da comunicação.

Com esta investigação procurou-se compreender, basicamente, a condição de resistência na identidade que esses jovens, conhecidos popularmente como *manos*, desenvolvem para sua inserção nas relações sociais cotidianas. A integração estabelecida com a sociedade, mediada pela cultura que constroem, são questionadas como busca de expressão da vida cotidiana em tempos de globalização.

O fato de não fazer uma pesquisa que determine e circunscreva bairros para avaliar esta população é porque, mesmo por existir em suas relações alguns traços que contornam o termo *bairrista*, a condição de viver em diferentes zonas que dividem as áreas da metrópole paulistana não distancia a maneira como este segmento de pessoas lida com as questões sociais. Como exemplo, a disputa iminente entre os jovens de diferentes localidades da periferia de São Paulo que se envolve com o tráfico de drogas não exclui aspectos comuns em suas vidas. Os sujeitos, envolvidos ou não, com o universo do crime apresentam aspectos de sua cultura e identidade que são universais, independentes do bairro em que moram. É por esse motivo que eles se reconhecem como uma grande comunidade; a comunidade da periferia.

Por ser demasiado amplo o universo da cultura desta população, **a questão criminalidade não é o foco principal de entendimento deste trabalho**; no entanto, este conceito será abordado por contribuir, ou fazer parte da formação de sua identidade. O aprofundamento se estende na produção da cultura desses jovens, os “*manos*”, durante o período de 2003 a 2007, como um movimento que possui grande força coletiva. Portanto, faz-se necessária uma reflexão para avaliar as implicações deste processo de desenvolvimento da identidade e sua inserção no cotidiano da sociedade.

A aproximação com este tema, que envolve os jovens das classes populares, surgiu devido a um conhecimento prévio mais aprofundado, por parte da pesquisadora, tanto em

sua dissertação de mestrado⁵, como também em suas atividades com jornalismo. A experiência prática que obteve com oficinas de fotografia e produção de documentários, ministradas nos bairros populares de Ribeirão Preto, inclusive no Programa Ribeirão Criança, tiveram o apoio da Caixa Econômica Federal (CEF) em parceria com a Secretaria da Cidadania de Ribeirão Preto durante os anos de 1998 a 2004. Essas oficinas trouxeram uma leitura mais acurada do cotidiano dessas pessoas.

As respostas trazidas pelos adolescentes envolvidos como sujeitos de pesquisa na dissertação de mestrado, cujo objetivo foi, basicamente, avaliar os “resultados” das oficinas de Arte e Criatividade nos bairros populares de Ribeirão Preto, abriram espaços para transpor questionamentos ao cotidiano dos jovens das classes populares em uma grande capital. Agora, os sujeitos envolvidos nesta pesquisa são pessoas que já não mais têm vínculos com instituições de ensino, e que já **construíram massa crítica em um movimento coletivo que reivindica atenção às suas aspirações e necessidades** .

O processo de articulação cultural desses jovens, com a forte presença das tecnologias de comunicação, e o tão usual telefone móvel também reforçam a exigência em não restringir a pesquisa a determinados bairros. Os celulares hoje são mais que um meio para se comunicar com alguém distante. Além de filmadoras com câmeras fotográficas embutidas e transmissão de mensagens de texto, os aparelhos de última geração recebem rádio FM, permitem a captação de mensagens em vídeo, tocam arquivos desenvolvidos para a denominada tecnologia MP3, que é transmissor a de áudio com potente armazenamento de músicas.

O fenômeno da comunicação *wireless*⁶ permite, simultaneamente, a individualização das pessoas com o acesso a uma diversidade de informação, em tempo real que é globalizada, e traz, entre emissores e receptores, a mediação para o processo de torná-

⁵ SOUZA, Ana Daniela. **Arte e Cidadania**; O Fazer da Arte no Cotidiano das Classes Populares de Ribeirão Preto. p. 187 - Dissertação (Mestrado em Serviço Social) 2002. Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2002 .

⁶ As redes sem fio (*wireless*) ganharam grande popularidade pela mobilidade que provêm aos seus usuários, e também pela facilidade de instalação em uso tanto em ambientes domésticos, quanto empresariais. Essas redes são também conhecidas como IEEE 802.11, Wi-Fi ou WLANs, e utilizam sinais de rádio para a sua comunicação. Neste sistema *wireless* são definidas duas formas de comunicação: O modo “infra-estrutura” que normalmente é o mais encontrado, e utiliza um concentrador de acesso (*Access Point* ou AP), e o modo “ponto a ponto” (ad-hoc) que permite a um pequeno grupo de máquinas a comunicação direta, sem a necessidade de um AP (SILVA, A. J. S, 1998).

la tribal, ou seja, a possibilidade de se criar uma identidade na comunicação para determinado segmento de pessoas. Este processo de identificação que ocorre com os suportes da comunicação é um instrumento que já deu suas caras para demonstrar a força que agrega no desenvolvimento de movimentos coletivos.

A força coletiva, a identificação, que existe entre os jovens das classes populares que cometem infrações, ou estão envolvidos nas chamadas atividades tangenciais ao crime, e não vivem sob as penas da legislação do sistema carcerário e, também não estão sujeitos a uma prisão condicional, determina um conjunto de ferramentas da comunicação que atuam no processo de construção de sua identidade cultural. O convívio desses jovens com pessoas de outros segmentos da sociedade, e a comunicação que existe entre eles, estando em diferentes áreas da cidade formam um cenário onde se funde e desintegra a hierarquia tradicional. Nesta mescla surgem as dicotomias nos papéis de liderança e autoridade definidos nas diferentes classes que formam o tecido social.

Ainda que permaneça a categorização de camadas da sociedade, ou o predominante conceito marxista de classes sociais que é derivante de uma organização da divisão social do trabalho, a globalização abriu espaço para a criação de um novo desenho sobre a forma como se gera a intercomunicação entre as pessoas que representam diferentes segmentos sociais. A sociedade em rede e o significado da identidade no mundo globalizado refletem uma contraposição sobre a ordem convencional de diferenciar as pessoas na contemporaneidade.

As classes populares, por terem menos acesso à educação, cultura e lazer, ficam mais vulneráveis às referências da informação executada pela mídia tradicional. A afirmação que esses jovens têm para o consumo se contrapõe, em suas contestações, à negação ao rarefeito da mídia massificada em operar uma homogeneização em estilos de vida para a sociedade. Eles se afirmam como 100% favela, morro e periferia e, nesta colocação, gera-se um dos fatores para a criação de um poço de ambigüidade em seus valores. Ao mesmo tempo em que defendem a importância de assumir a identidade e cultura do local onde moram, eles almejam os produtos que são criados para as camadas média e alta.

O laço que une esses jovens traz questionamentos pertinentes à formulação desta cultura que, mesmo por apresentar **âmbitos de resistência**, é formada pela incitação ao

consumo e individualismo produzidos pela mídia. Nesta complexidade ficou a tentativa em desvelar o movimento de ação desses sujeitos e a reação que pode surtir na sociedade. O contato com as teorias dos meios de comunicação permitiu uma avaliação sobre a programação, e seus conteúdos durante o período em que se situa esta pesquisa.

Uma avaliação dos meios de comunicação convencionais trouxe contribuições para esta pesquisa, no sentido de apresentar a influência da fantasia e do fetiche, a partir das programações que contemplam temas atrativos para o universo dos jovens das classes populares. Com a mídia definida como alternativa incluíram-se os meios de comunicação comunitários, e as manifestações culturais que, geralmente, surgem nos bairros da periferia e oferecem programas desenvolvidos por pessoas que apresentam ter alcançado um conhecimento crítico sobre a identidade que aqui é questionada.

Neste estudo, como um conjunto de elementos envolvidos na construção da cultura dos “manos”, conseguiram-se revelar fatos que demonstram quão a resistência que criou uma identidade está calcada em uma dinâmica construída como reação ao capitalismo, não obstante, alimentada pela própria lógica deste sistema. É paradoxal a construção de uma cultura que apresenta resistência, ao mesmo tempo em que surge da influência de necessidades que são criadas.

A ambigüidade que reside na identidade deste universo delimitou a importante contextualização dos processos históricos que delineiam as distâncias entre as classes sociais. Descortinar a realidade de exclusão social sob a ótica da incitação ao consumo que legitima as formas simbólicas de violência e atinge principalmente as classes populares é uma forma de compreender a sociedade.

A atuação da mídia na operacionalização de imaginários, como expressão de violência simbólica, também foi analisada quanto à sua representação na centralidade que o consumo ocupa na vida desses jovens. A incitação, dirigida para as grandes massas, em obter as mercadorias da moda é um fato que vulnerabiliza as pessoas que vivem com pouco acesso às necessidades básicas de sobrevivência. Des cobrir o que ocorre com os jovens das classes populares, neste processo fetichista da mídia em angariar público para obter os produtos que são ideologicamente aprovados pela indústria cultural, é um passo a ser dado para se aproximar à resposta de como se processa a reação a essas necessidades produzidas.

Como é possível criar políticas sociais públicas, numa perspectiva de resgatar nas pessoas das classes populares, as condições para se viver com dignidade, principalmente das que vivem em situação de risco ?

O dia 15 de maio de 2006 mostrou para São Paulo, e também para o país, o quanto é urgente pensar em formas de distribuição de renda. Esta data, marcada pelo ataque da organização do Primeiro Comando da Capital, o PCC, facção formada por criminosos que vivem dentro e fora do sistema carcerário e coordena o crime organizado na metrópole, mostrou a necessidade tardia de rever o modelo econômico brasileiro.

Ainda não vivemos tempos de guerra, mas a usina da dor está em constante produção no cenário da vida cotidiana da maior parte da população. Esse “locus” criado para a manifestação das possibilidades de identificações é o momento de estandarte das pessoas que estão excluídas da lógica de necessidades que o capitalismo produz para as classes privilegiadas.

Uma das formas de superação da angústia que é trazida pela exclusão social é o fortalecimento da identidade desta população, proveniente dos bairros com menos acesso à educação e cultura. Um trabalho feito com o tratamento à informação dirigida às áreas de concentração das classes populares, se enquadra numa visão humanista de evolução. O desenvolvimento da cultura para o segmento de jovens, abordado neste trabalho, é uma forma de integração para superar a condição de discriminação, e conceitos que os estereotipam a condições inferiores no tecido social.

É possível criar espaços que tragam para a sociedade, a consciência e a crítica sobre a reação que existe nesses movimentos, mesmo que apontem a transgressão às leis e a desordem no que diz respeito aos direitos de cidadãos? Existem conceitos e critérios para se adequar à formulação de uma legislação que corresponda à realidade das diferenças entre as camadas sociais no Brasil?

Essas questões que se tornam, a cada dia, tão evidentes ainda não alcançaram uma força que seja igual ou maior à ação conservadora que impera no conjunto de leis do país. A união coletiva existente nesse movimento dos “manos” é entendida aqui, como um grito de resistência aos processos de exclusão das diferentes identidades e culturas.

Entre as ruas e os roteiros pelos metrô de São Paulo, durante o período de atentados de facções ligadas ao crime organizado, foi possível notar a sensibilidade

expressa nos rostos de toda a população. Parte do segmento de jovens das classes populares, envolvidos no universo da criminalidade, ou seja, alguns dos entrevistados nesta pesquisa estavam reunidos no terror como uma grande festa para registrar um período histórico.

Foram muitas pessoas envolvidas entre as idas e vindas pelos chãos subterrâneos e pelos elevados da grande cidade. Sensações se repetiam e, quando o sol já estava em seu poente, a luz laranja-lilás trazia um alento para conseguir superar a ansiedade existente na procura de respostas. As hipóteses pré-concebidas se esvaíam trazendo imenso vazio. Foi com este esvaziamento que se pôde criar este espaço, onde fica a tentativa de expressar a realidade deste universo de pessoas que estão na trama central dos problemas sociais. Entre os diálogos que preencheram espaços da subjetividade e a catarsis e da arte do debate foi possível compreender parte dos sonhos que alimentam a vida desses jovens.

Aqui, a esperança em reproduzir o que a imagem pode falar é muito grande. Claro que não existem palavras reunidas que tenham esta potencialidade, mas esta te se procura vislumbrar um pouco do olhar e das idéias desta população frente ao que desejam retratar para a sociedade. Pode-se dizer que a forma como estas pessoas cultivam atividades não inseridas em suas ações para a aquisição de produtos por meio de infrações ou atividades tangenciais ao crime, ou seja, o momento em que se encontram livres do espaço de atuação da lógica consumista, se produz o cerne da criação de sua própria cultura e identidade. Este período em que estão livres desta lógica propicia os avanços para se fortalecerem enquanto atores sociais desta denominada “comunidade da periferia”.

A construção da pesquisa e as **referências teóricas** que orientam este trabalho foram estruturadas durante a leitura realizada sobre a realidade da vida deste segmento da população. Com esta, um levantamento dos elementos que apresentam o tratamento dado à informação, foram organizados para a condição do vislumbre de se criar instrumentos para a conquista da consciência crítica da sociedade civil. Um reconhecimento das intenções que existem por trás dos manifestos destes jovens é um passo a ser dado para o enfrentamento dos problemas sociais. Os projetos que abrem espaços para as expressões do cotidiano desta população mostram o quanto o caminho pela busca da identidade se converge para o processo de evolução, em uma visão humana das relações.

Mediante esses referenciais, foi feita a opção pela pesquisa qualitativa por elevar a superioridade da dialética marxista ao abarcar o sistema de relações que constroem o modo de conhecimento exterior ao sujeito, e às representações sociais, que constituem a vivência das relações sociais que lhe atribuem significados. Conceituar metodologia como caminho e instrumental próprios de abordagem da realidade, coloca -a em lugar central como parte intrínseca da visão social de mundo veiculada na teoria. Requer aplicar no método a práxis da interpretação; o momento que se estabelece consenso entre o pensamento e a existência, e vice-versa.

As ciências sociais que recorrem à compreensão histórico-hermenêutica⁷ procederam das práticas em questões públicas com abrangência na política e na organização de comunidades e de trabalho para produção. Ou seja, sua manifestação é originada onde a vida individual e a organização social são impossíveis sem alguma estabilidade do sentido intersubjetivo. São essas as condições que trazem a exigência do desenvolvimento das ciências culturais ou sociais. A compreensão da realidade social traz para as ciências hermenêuticas sua característica de interesse prático cuja finalidade é trazer as referências que possibilitam a atividade social.

Caracterizar o objeto das Ciências Sociais percorre especificidades como: ser histórico; ser possuidor de consciência histórica que preside a identidade entre sujeito e objeto da investigação; ser intrínseca e extrinsecamente ideológico e essencialmente qualitativo traz como implicações a consideração do sujeito de estudo: gente, em determinada condição social que é pertencente a um determinado grupo social, ou classes com suas crenças, valores e significados (MINAYO 1996, p.20-21).

Com essa dinâmica hermenêutica **a metodologia se orientou nas teorias de análise da cultura e da vida cotidiana desse segmento de jovens das classes populares.** Tendo em vista que o marxismo interpreta a realidade como uma totalidade onde tanto fatores visíveis como as representações sociais integram e configuram um modo de vida

⁷ Gaskell refere que a compreensão hermenêutica tem a finalidade de restaurar elos e canais rompidos da comunicação, transpondo para esta pesquisa, a comunicação entre a sociedade e o segmento da população analisado, como também as particularidades desses sujeitos ressaltam a seguinte afirmação proposta pelo autor: “Isto se dá em duas dimensões: a primeira, no elo entre a própria experiência de vida de alguém e a tradição à qual ele pertence; e a segunda se dá na esfera da comunicação entre diferentes indivíduos, grupos e tradições.” (GASKELL, 2000 p.32)

condicionado pelo modo de produção específico e que a realidade ultrapassa os fenômenos percebidos por nossos sentidos, o qualitativo atrai para o interior da análise o subjetivo e o objetivo, os atores sociais e o próprio sistema de valores do cientista, os fatos e seus significados, a ordem e os conflitos.

A opção por abordagem metodológica à dialética não fica limitada a uma postura ideológica, mas contempla uma aproximação ao conjunto de métodos mais fecundos que privilegiam o consenso; o fenômeno da transição, da mudança, do vir-a-ser sobre a estabilidade; o movimento histórico; a totalidade e a unidade dos contrários.

Em sua fase exploratória a pesquisa compreendeu a etapa da escolha do tópico de investigação, de delimitação do problema, de definição do objeto e dos objetivos, de construção do marco teórico conceitual e dos instrumentos de coleta de dados, e da exploração do campo. Nesta fase pretendeu-se reunir os conceitos fundamentais usados na prática das Ciências Sociais para construir o quadro teórico como: teoria, conceito, noção, categoria, hipótese e pressupostos.

Como recursos teóricos foram priorizados os que possibilitam alcançar uma aproximação à compreensão da realidade dos indivíduos nas suas relações com os aspectos inerentes à subjetividade e à materialidade. Dessa forma consideraram-se as teorias de análise da identidade, do cotidiano e, da comunicação no mundo urbano, desenvolvidas por autores que trazem, no conjunto de concepções e conceitos, reflexões direcionadas à análise do mundo contemporâneo.

Mediante a consideração de conceitos como unidades de significação que definem a forma e o conteúdo de uma teoria, buscou-se reunir no conjunto de posturas dos sujeitos da pesquisa as questões mais aparentes da formação de sua identidade. Suas ações refletem certo ponto de vista a respeito da realidade, pois focalizam determinados aspectos dos fenômenos, hierarquizando-os. As noções dos elementos de uma teoria que ainda não apresentam clareza suficiente foram utilizadas como imagens na explicação do real.

Para observar algo é preciso descrevê-lo. Daí os esforços em trazer, através dos depoimentos dos sujeitos desta pesquisa, os aspectos de seus trajetos na vida cotidiana. Os depoimentos referem-se a uma representação implícita, permitindo organizar a observação. Noções expressam mediações do caminho do pensamento, referentemente à relação intrínseca entre a experiência e a construção do conhecimento.

As categorias, segundo Marx, indicam conceitos relativos à realidade, historicamente relevantes, expressando os aspectos fundamentais à sua abordagem. As categorias analíticas retêm historicamente as relações sociais fundamentais e podem balizar o conhecimento do objeto nos seus aspectos gerais. **As categorias de análise** escolhidas neste trabalho foram construídas durante o processo operacional ao trabalho de campo (a fase empírica) ou a partir desta. Como exemplo, as expressões cotidianas dos indivíduos, a negação que têm em relação à estrutura do poder institucionalizado, a condição dos gostos, enfim, a identidade construída com a influência da mídia.

As hipóteses⁶, enquanto afirmações provisórias a respeito da determinação da identidade dos jovens das classes populares, sua relação com a mídia, e a forma de se inserirem no tecido social. Após testadas empiricamente foram, em parte, confirmadas ou rejeitadas. Assim, a definição do objeto referindo ao recorte da área mais ampla de interesse desta pesquisa: A resistência que é criada/fortalecida pela incitação da mídia como elemento de construção de identidade incide sobre o processo que estabelece as relações destes jovens na sociedade. Essas questões se vinculam a descobertas anteriores, cuja clareza decorre de uma relação dialética entre as tentativas de estabelecer marcos conceituais, os mais possíveis amplos e abrangentes e, de os articular à prática. O real coloca-se como premissa, embora se parta da elaboração do abstrato para o concreto.

A construção dos instrumentos de apreensão dos dados empíricos e de entrada exploratória no campo da investigação contou com os recursos de trabalho de campo, tais como: o roteiro e realização de entrevista, a coleta de depoimentos, o estabelecimento dos critérios para observação participante que inclui o diário de campo e identificação dos itens para discussão das teorias da comunicação e identidade.

Nesta discussão, **a intenção foi refletir cientificamente sobre a possibilidade interventiva direcionada à mudança com o fortalecimento do conhecimento crítico, e com a utilização de meios específicos de comunicação**. A proposta desta pesquisa exigiu estratégias que orientam a compreensão de questões específicas. Não pode ser definida de

⁶ Por sua conotação formal, positivista, por vezes, a hipótese é substituída pela expressão pressupostos para referir-se a parâmetros básicos que possibilitam encaminhar a investigação empírica qualitativa. (MINAYO, 1996, p. 91-95).

forma estática; só pode ser compreendida historicamente e entendendo -se todas as contradições e conflitos que permeiam seu caminho.

Para chegar até seus objetivos recorreu -se aos métodos que otimizam estabelecer a comunicação com esses jovens. Como já exposto, a observação participante da autora, e também as teorias que trazem o entendimento desta identidade coletiva estão reunidas nesta intenção. As entrevistas foram realizadas com o recurso da tecnologia de gravação ⁹ digital, por sua capacidade de armazenar informações com qualidade e sem restrições a espaços para esse conteúdo.

Os depoimentos como resposta dos sujeitos, são *interfaces* que se alcançam em uma entrevista, e foram coletados nas próprias estações de metrô, ora dentro de um circuito, e em outros momentos nos arredores das estações. Procurou -se percorrer todas as estações nas respectivas linhas que atravessam as áreas subdivididas por zonas sul, leste, oeste, norte e, central da cidade. A exploração do campo contemplou atividades como: escolha dos sujeitos da pesquisa e o estabelecimento dos critérios de amostragem e estabelecimento de estratégia de entrada em campo. Durante a seleção dos sujeitos esteve considerada a observação participante da autora para identificar as pessoas mediante o conhecimento de suas posturas. Semelhantemente, a indicação por parte de lideranças que exercem trabalhos sociais na periferia contribuiu significativamente na seleção dos sujeitos, bem assim na qualidade de informações em decorrência da confiabilidade que as lideranças imprimem.

A fase do trabalho de campo, dada pelo recorte espacial do universo das classes populares, corresponde à abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico relativo ao objeto da investigação. Seus componentes são: a entrevista e a observação participante. Assim, os primeiros passos para compreender o segmento destes jovens foram dados com uma atenção para compreender suas condições de existência, e de sobrevivência.

As entrevistas ofereceram dados de duas naturezas: os que se referem a fatos que a autora poderia obter através de outras fontes (objetivos ou concretos) e os que se referem diretamente aos indivíduos entrevistados (suas atitudes, valores, opiniões), informações ao nível mais profundo da realidade, ou subjetivos. Essas entrevistas abordaram fatos, idéias,

⁹ A utilização do gravador nas situações de entrevista e no registro dos depoimentos pessoais trazem uma necessidade de salvaguardar a autonomia do informante para que seja possível “desvendar questões inesperadas” e, assim, aproximar-se da realidade social a partir da experiência vivida dos indivíduos “cuja maneira de ver e sentir pode estar muito longe da do pesquisador.” (QUEIROZ, 1988)

crenças, maneiras de pensar; opiniões, sentimentos, maneiras de sentir; maneiras de atuar; conduta ou comportamento presente ou futuro; razões conscientes ou inconscientes de determinadas crenças, sentimentos, maneiras de atuar ou comportamentos. A trajetória histórica e cultural destes sujeitos das classes populares, e as forças que constituem seu “campo social” (BOURDIEU, 1996), trazem contribuições à compreensão de sua identidade que, como pressupõe Canclini (1997) sua construção é apreendida à medida em que é narrada.

Durante o ato da entrevista, com esta perspectiva de se aprofundar nas representações¹⁰ que desvelam o universo pesquisado, nem sempre se conseguiu trazer à tona esses elementos. As entrevistas que ficaram, por vezes, incompletas ou insatisfatórias na avaliação, por não apresentarem conteúdos relevantes, muitas vezes ocasionados pela dissimulação de alguns jovens em retratar as expressões de seu cotidiano, contribuíram para a observação participante. **Ao todo são doze sujeitos registrados com entrevistas consideradas “completas”** ao que se refere às buscas de respostas válidas desta pesquisa.

¹⁰ Marx não considera o indivíduo como fonte absoluta de significação capaz de criar e dar sentido a partir de si mesmo. Assim Marx traz a compreensão que as representações são socialmente produzidas e operam em determinado contexto histórico. (MARX,1984, p.73).

O quadro a seguir oferece uma identificação dos sujeitos, com informações individuais quanto a faixa etária, ocupação no mercado de trabalho informal, escolaridade, local de moradia, e referência da estação de metrô em que foi realizada a pesquisa .

QUADRO DEMONSTRATIVO

Indicação do sujeito	Idade	Ocupação	Escolaridade	Estação de metrô	Moradia
S1	29	Vendedor de artigos de informática	1º grau	Dom Pedro I	Brás
S2	26	trabalhos esporádicos como pintor	1º grau incompleto	Carrão	Belém
S3	28	comercializa tecnologias digitais	2º grau incompleto	República	Campo Limpo
S4	24	trabalha esporadicamente para feirantes	1º grau	Santa Cecília	Artur Alvin
S5	27	comercializava mercadorias importadas	1º grau incompleto	Sé	Santa Ifigênia
S6	28	trabalhos esporádicos como ajudante de pedreiro	1º grau	Clínicas	Socorro
S7	24	comercializa tecnologias digitais e é membro de conjunto de hip hop	2º grau	Sta Efigênia	Cidade Tiradentes
S8	26	trabalhos esporádicos como pintor e ajudante de oficina de silk screen. Faz grafites nas ruas da cidade	2º grau incompleto	Luz	São Miguel
S9	27	trabalha com artesanato, junto com a mãe	2º grau	Vila Madalena	Cidade Tiradentes
S10	25	ajudante em bar	1º grau	Belém	Heliópolis
S11	29	hold de conjunto de hip hop	2º grau incompleto	Armênia	Chácara Sto Antônio
S12	28	Produz e vende cds piratas	2º grau	São Judas Tadeu	Penha

A duração da práxis comunicativa entre/com esses doze entrevistados tiveram suas variantes no tempo que vão de 40 min. até 4h30min. Essas variações se deram por motivos circunstanciais; a dependência da disposição dos sujeitos em relatarem suas expressões cotidianas entre outras questões eminentes da estrutura da entrevista.

Foram consideradas “completas” as entrevistas que satisfizeram as instruções temáticas propostas que nortearam a estruturação das entrevistas:

Instruções temáticas contidas na estruturação das entrevistas

- Sociabilidade com pessoas do mesmo e de outros segmentos sociais.

- Relação dos sujeitos com instituição e órgãos oficiais.

- A visão dos sujeitos quanto às formas de movimentação da economia e sua inserção nestas.

- Os produtos (vestuário e tecnologias) incluídos como necessidades

- Os meios de comunicação que os sujeitos procuram para aumentar seus acessos na sociedade.

- Os eventos culturais dos quais os sujeitos participam, tendo em vista captar sua visão de valorização da cultura.

A intenção foi priorizar os tipos de entrevistas que variam entre estruturada e não estruturada e o status da palavra, da fala individual como reveladora de códigos de sistemas

e valores contraditórios, e a discussão do caráter da interação social que está em jogo na relação pesquisador/pesquisado, o qual traz à luz implicações sócio-políticas, culturais e ideológicas de uma prática social que se proponha com critérios de objetividade.

O tratamento do material qualitativo de coleta pautou-se por procedimentos de análise de conteúdo, de análise do discurso e de análise hermenêutico-dialética.. Conforme o círculo hermenêutico transposto por Geertz (1991) em estudo sobre a análise das culturas, neste trabalho permaneceu a intenção dialética de compreender as expressões cotidianas dos sujeitos em sua relação a toda a estrutura do contexto sócio-cultural. Com esta definição as determinações fundamentais foram estabelecidas na fase exploratória da investigação, no levantamento do contexto sócio-histórico desse grupo social, que constitui o marco teórico fundamental para a análise. Os objetivos perseguidos pela **análise do material coletado** como a ultrapassagem da incerteza, o enriquecimento da leitura e a integração das descobertas tenderam a garantir a ultrapassagem da ilusão da transparência num quadro de referência da totalidade social ¹¹. Avaliar a atuação do indivíduo dentro da cultura à qual pertence, constituiu-se essencialmente significativa à compreensão dos fenômenos individuais e coletivos. As explicações e afirmações originadas no cotidiano, ou seja, a forma de se adquirir conhecimento e comunicar o já adquirido favorece desvendar o pensamento individual e coletivo como campo de ação e reação.

As fases de análise de expressão, das relações, de avaliação ou representacional e de enunciação regeram-se pela análise temática que se operacionaliza e desdobra nas etapas: pré-análise, descrição analítica ou exploração do material, e tratamento dos resultados obtidos e interpretação (TRIVIÑOS, 1990, p. 161-162). As expressões reproduzidas no cotidiano como espaço onde as pessoas fazem suas críticas, seus comentários e trocam idéias são expressões que atuam em suas relações, decidem suas escolhas e planos, trazem elementos que traduzem a necessidade de uma nova organização social.

A fundamentação teórica e operacionalização da análise de discurso, semelhantemente à da hermenêutica-dialética, deverão remeter a conclusões e propostas de

¹¹ A análise de conteúdo releva a questão da significação na atividade de desvendamento de mensagens obscuras, de duplo sentido de um discurso simbólico e polissêmico, perpassado pela lógica e pela retórica. Relaciona estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados, articula à superfície dos textos descrita e analisada com os fatores que determinam suas características: variáveis psico-sociais, contexto cultural, contexto e processo de produção de mensagem. (MINAYO, 1996, p.203)

interpretação¹². Por esse viés, a representação da comunicação verbal, além de ampliar o campo da linguagem, amplia também o campo de seu comentário, o campo dos discursos de um vocabulário que esta população desenvolveu e que tem suas particularidades: a sintaxe que se apreende ao universo inteligível das imagens na representação verbal. O relato que reconstrói o outro, e descreve a identidade se torna também uma “co-produção”. (CANCLINI, 1995 p.149).

Os jovens selecionados compreendem a faixa etária entre 21 a 30 anos¹³ e um dos motivos que levaram a avaliar a influência das mídias e construção de identidades deste segmento juvenil é pela necessidade e dificuldades de acesso aos produtos considerados da moda. Segundo dados econômicos brasileiros, as pessoas com mais pré-disposição para o consumo compreendem esta faixa etária selecionada. O fato da escolha deste universo se reforça na necessidade que este trabalho tem em averiguar a identidade de uma população que é construída sob a influência da mídia, e que já tenha alcançado uma consciência crítica e autonomia em suas escolhas. Neste trabalho, a identificação dos sujeitos não é apresentada pelas iniciais de seus nomes por questões de segurança, já que muitos estão envolvidos com a criminalidade e atividades tangenciais ao crime. A forma de indicação do sujeito que recorre a utilização de numerais deve-se ao compromisso ético explicitamente assumido na fase inicial de cada entrevista.

A maior parte dos jovens que compõem este universo é do sexo masculino. Muitas das mulheres deste segmento da sociedade estão envolvidas no universo da prostituição ou já constituíram família. Este fato se dá por uma certa limitação de romper tradições calcadas no universo onde se desenvolvem. Outra situação muito comum que afasta as

¹² As orientações presentes na obra de Minayo (1996) auxiliam a ampliação do conhecimento no mundo da investigação social e da pesquisa qualitativa. Compreender o significado da pesquisa requer considerar as tônicas teórica e técnica.

¹³ Compreendendo que é nesta faixa etária em que os jovens determinam e assumem as atividades que os fazem cumprir o papel de se auto-sustentar e, já superaram o período da adolescência que segundo conceito estabelecido pelo ECA/1990 é considerado como criança (pessoas com até 12 anos de idade incompletos) e, adolescente (pessoas de 12 A 18 anos). Esta concepção se reafirma com a análise de pesquisas econômicas realizadas no Brasil. A empresa Credicard revela que as pessoas entre 21 a 30 anos são as que mais usam cartão de crédito, e segundo dados divulgados pela FIAP – Faculdade de Informática e Administração Paulista, quase metade dos gastos com cartão de crédito, tem maior concentração na faixa etária entre 21 e 30 anos e, o uso está relacionado com alimentação, roupas e calçados. (CRIVELARO, M, 2006) Reportagem e pesquisas veiculadas na revista Época apontam que as pessoas de 21 a 30 anos, os jovens adultos estão espalhados entre as classes C, D e E e são, em sua maioria, homens e desempregados, e é esta a faixa etária que mais apresenta inadimplência junto a bancos, estabelecimentos comerciais, e empresas prestadoras de créditos econômicos. Informações divulgadas em 27/10/2005, Época, edição 389 (ARANHA, A, p.4, 2006).

jovens das atividades desenvolvidas pelos “manos” é a gravidez precoce ¹⁴, que ocorre principalmente nos bairros onde moram as classes populares ¹⁵. Portanto as atividades desenvolvidas entre jovens homens e mulheres que convivem no universo da criminalidade nem sempre são as mesmas. As jovens que se envolvem no universo cultural dos “manos”, quase não aparecem, segundo as informações publicadas ¹⁶, a observação participante da autora, e os depoimentos dos sujeitos.

Imaginários desenvolvidos como mecanismos de resistência, integrados a um sistema que cria supostas necessidades, pautam a leitura deste processo, numa perspectiva crítica e histórica. Através dos procedimentos metodológicos, segue a necessidade em pontuar a cultura e identidade deste segmento de jovens das classes populares e as respostas aos acessos e conhecimentos das tecnologias.

A realidade da homogeneização da informação para as grandes massas influencia a identidade desta população e cria um movimento de cumplicidade que é forjado pela mídia: a formação de consciências através da produção da fantasia. Na medida em que a sociedade se tece em rede, a união que se constrói pelo processo de exclusão fortalece a identidade dos jovens, sujeitos desta pesquisa.

Os objetivos das reivindicações, as estratégias de comunicação e os valores da comunicação são dialogados, mediante os conceitos de teóricos e das categorias desenvolvidas para revelar a cultura e identidade deste segmento da população. Portanto, a formulação de páginas que alcancem a compreensão dos aspectos inerentes à subjetividade e a materialidade dos jovens das classes populares compôs o seguinte conteúdo, descrito em duas partes.

¹⁴ A partir de dados oficiais sobre adolescentes grávidas na cidade de São Paulo, chega -se a um escândalo. Documentos mostram que, por dia, 81 adolescentes têm um filho. Repetindo, 81 casos. Para ver o estrago da gravidez precoce, basta saber que, tomando como base a estatística oficial, nos últimos vinte anos cerca de 700 mil crianças, apenas em São Paulo, nasceram de mães que tinha no máximo 19 anos de idade. Informações veiculadas na folha *online* em 04/10/2004. (DIMENSTAIN, 2004)

¹⁵ “A incidência maior de gravidez precoce está na periferia, mas as adolescentes são de todas as classes sociais. A maioria das garotas não sabe nem quem é o pai do bebê e assume a maternidade sozinha. Está notícia divulgado no *site* da BVS Adolec Brasil. (FERREIRA, 2006)

¹⁶ Segundo a psicóloga Viviane Mendonça, que fez seu doutorado na Unicamp sobre as meninas grafiteiras, não só o hip hop, mas as culturas juvenis em geral - como o rock, e o punk - são tidas como masculinas. Ela afirma que as meninas curtem, mas nos bastidores. As que fazem realmente são poucas, e pouco é falado sobre elas. Para a autora, a participação no grafite ajuda as meninas a se afirmarem enquanto mulheres de periferia, pois passam a questionar a participação feminina na sociedade. Informações publicada no jornal Folha de São Paulo - Folhateen - 20/12/2004 (MANTOVANI, F, 2004, on-line)

A primeira faz uma abordagem da construção da identidade a partir das necessidades criadas, e a condição de estar arraigada a processos históricos da sociedade. Esta realidade se expressa com a produção de uma cultura construída. Segue uma averiguação dos acontecimentos que se deram no cenário da capital paulistana. As situações cotidianas da população mostram especificidades da vida na urbanidade e o desenvolvimento da metrópole com o aumento de bairros periféricos.

Quando se chega à segunda parte, as teorias posicionam os aspectos da comunicação frente a esta condição de movimento coletivo como resistência à globalização. As teorias da comunicação e de identidades apóiam o percurso de entendimento do processo de alienação/exclusão. Neste viés, os precedentes que ocorrem com a homogeneização da informação são averiguados enquanto potencialidades para a construção de meios de comunicação alternativos que atuam no fortalecimento do conhecimento crítico das classes populares.

Como conclusão procura-se desvendar os aspectos da informacionalização neste processo da construção da identidade que surge através de necessidades criadas para viver no mundo urbano da era digital. Frente ao desenvolvimento das tecnologias, a humanidade experimenta novos desafios no cotidiano. Como resultado da cultura de massa no cotidiano, com forte presença do universo áudio-visual, as diferenças que existem entre as classes sociais pautam o surgimento de resistência à homogeneização cultural na convergência de novas identidades coletivas.

As diferenças entre as classes sociais somadas à influência da cultura norte-americana, que integra a ideologia pragmática das relações sociais, trazem os grandes índices de exclusão das classes populares. Dentro deste quadro, a crise da democracia acentua a autonomia política que existe nos meios de comunicação como fonte de alienação das pessoas. Os valores políticos e morais, difundidos pela mídia, são discutidos com a intenção de se criar um lócus que reorienta caminhos a serem trilhados. Uma busca pela mudança do conceito de sociedade democrática.

PARTE 1

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E O PODER DA FORÇA COLETIVA

Como e por quem, diferentes tipos de identidades são construídas, e com quais resultados, são questões que não podem ser abordadas em linhas gerais, abstratas: estão estritamente relacionadas a um contexto social. A política de identidade, escreve Zaretsky, ‘deve ser situada historicamente’. (CASTELLS, 2002, p. 26)

A intenção em descortinar a afirmação de uma identidade que é construída a partir de uma reação aos processos excludentes que a mídia reforça e reproduz pode ser traduzida com a leitura do cenário da vida cotidiana do segmento de jovens das classes populares que aqui são questionados. As mudanças significativas, que ocorreram durante os anos de 2003 a 2007, estão reunidas para o entendimento da formação da cultura desta população, cujos indivíduos se reconhecem como “manos”, e vivem no contexto urbano da maior metrópole do país.

A maioria das pessoas que são os sujeitos desta pesquisa são moradores dos bairros populares, geralmente localizados na periferia de São Paulo¹⁷. O fato de viverem sob

¹⁷ Os bairros populares e a periferia de São Paulo surgiram a partir dos bairros considerados com o dos operários; imigrantes que se tornaram operários das indústrias da cidade de São Paulo estabeleceram-se, no início do século XX, em loteamentos populares que se localizavam distantes do centro, em terrenos acidentados ou várzeas. Foi assim que nasceram os primeiros bairros operários, como Brás, Bexiga, Barra Funda, Belenzinho, Mooca, Lapa, Luz, Bom Retiro, Vila Mariana e Ipiranga. Hoje, ao todo são 1.544 bairros e vilas existentes nos 96 distritos da cidade de São Paulo. Os bairros da periferia nas quais a legislação de ocupação do solo é menos respeitada, são compostos por sobrados ou residências térreas, mas com densidade maior que o casario supracitado. As áreas em que se localizam os bairros populares e da periferia da cidade foram desenvolvidas a partir da configuração dos seguintes bairros distribuídos nas respectivas “zonas” da cidade. Zona norte: Santa Efigênia, Campos Elíseos, Bom Retiro, Cantareira, Vila Maria, Casa Verde, Limão e Freguesia do Ô. Na zona leste Brás, Belém, Tatuapé, Vila Carrão e Penha. Na zona sul a partir dos bairros Glória, Cambuci, Aclimação, Ipiranga, Vila Clementino e Bosque da Saúde e zona norte Vila Albertina,

condições de risco social, pelo envolvimento com a criminalidade e com atividades tangenciais ao crime confere, além do estereótipo de excluídos ou de marginalizados, uma identificação coletiva que se contrapõe à convencional noção dos conceitos impostos na comunicação, política e cultura. A identidade que constroem, a partir dos seus próprios valores, para se inserirem no tecido social, traz novos elementos para questioná-los quanto às suas posturas e condições ocupadas na sociedade.

Este segmento de jovens, inserido no universo do mercado informal, legitima a produção histórica de uma identidade que traz um novo desenho de organização da sociedade brasileira. Para alcançar as respostas concretas que convergem na definição deste novo cenário consideraram-se as condições sócio-econômicas, os acessos que os jovens aqui questionados têm para o consumo, como também suas aproximações aos espaços de cultura e lazer. A economia que movimentam para a aquisição dos bens materiais que almejam, incluindo as roupas, tênis e, tecnologias de comunicação, são referências para a formação de sua identidade.

Mediante o impacto da globalização, novos elementos se agregam à definição clássica de identidade em seu pertencimento “sócio-espacial”. Sua configuração passa a ser estabelecida, em grande parte, pelo consumo, na dependência daquilo que os sujeitos possuem, ou do que podem chegar a consumir. O conjunto de mudanças sócio-culturais leva à necessidade de apropriação e uso dos produtos para a inclusão de cidadãos, na perspectiva do consumo. Esta nova dinâmica de integração social traz o afastamento da época em que as identidades se constituíam “a-históricas”, deixam de ter um espaço territorial como referência e se apóiam ao consumo. (CANCLINI,1995, p.15-53).

Parte desta população de jovens moradores dos bairros populares que, em geral, se concentra em conjuntos habitacionais, favelas¹⁸ e barracos, utiliza os metrô da cidade

Santana e Cachoeirinha. . Os bairros registrados oficialmente na cidade de São Paulo somam-se em 454 bairros (PONCIANO, 2002).

¹⁸ As favelas são caracterizadas pela ocupação de áreas não compradas, públicas ou privadas, sobre as quais são edificadas habitações precárias. Segundo o censo de 1987 da Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano, atualizado em 1999, existem em São Paulo 1855 favelas, distribuídas na totalidade das Subprefeituras (segundo a distribuição vigente em 1987, 20 ARs). Entretanto, possuem maior concentração nas áreas periféricas da cidade, com exceção do extremo sul do município. O censo de SEHAB considera também favelas as áreas constituídas por pequeno número de domicílios, diferindo da classificação utilizada

como meio de transporte em situações específicas. Com estilos de vida idealizados aos de como eles mesmos dizem *playboy* por ter poder aquisitivo elevado para o consumo, geralmente somam a um percentual pequeno com o acesso a veículos particulares. Esta minoria de jovens que possui carros e motos se destaca pelo fato de “posse” entre os demais. Muitos destes ocupam o status de líderes da “comunidade da periferia”, e os transportes coletivos ficam para o momento de lazer.

Estes grupos de jovens, tanto a minoria que ocupa papel de liderança, quanto a maioria que também está inserida neste universo marcado pela condição de risco social, defende a cultura que é construída na periferia, e se determinam como uma grande comunidade onde os valores são universais. Eles se identificam independentemente da região em que moram na cidade. Alguns desses sujeitos, membros da comunidade da periferia, mantêm relações diretas com as facções criminosas ligadas ao tráfico de drogas. Esta integração com o universo da criminalidade, entre outras atividades informais, influenciam a rede de relações política, econômica e cultural que sustentam a condição de identificação coletiva.

Em primeira instância, a formação cultural desses jovens se apresenta alheia aos interesses do Estado e dos grandes grupos econômicos que detêm o poder para permitir a cultura que é propícia de ser transmitida pela mídia convencional. Este segmento da população, que no período de formação fundamental para crianças e adolescentes, teve pouco acesso à informação e ao ensino, lidou com a estreita convivência e, muitas vezes participação ativa no universo da criminalidade.

Enquanto jovens, os acessos às tecnologias da informação e produção cultural, ganham uma certa inserção com a potência de reunir os instrumentos pelos quais constroem sua identidade. A condição de excluídos ou marginalizados se confere na forma convencional de inclusão/exclusão no mercado de trabalho formal, legalizado.

Os acontecimentos que norteiam os aspectos das atividades cultivadas pelos “manos” são expressões de contestação às condições impostas, juridicamente como legais, para se viver na sociedade contemporânea. As pistas para alcançar o entendimento desta

no tema sócio-econômico deste trabalho (mapa de população favelada), que foi baseada nos dados do IBGE, que define favela a concentração de pelo menos 50 moradias (ATLAS AMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, 2006).

cultura que surge, na medida em que se fortalece a resistência ao sistema de organização social capitalista, são os próprios fatos que ocorrem no cotidiano.

O movimento coletivo destes jovens que defendem a cultura da periferia tende e idealiza desafiar a ordem social estabelecida, a partir do contexto urbano contemporâneo de uma grande cidade, como São Paulo. A força desta união, resultante da exclusão social, engendra e produz uma identidade que é coletiva. No ideário deste movimento as reivindicações, objetivos e valores se dimensionam em uma relação ambígua dada pela incitação ao consumo e individualismo produzidos pela mídia, mediante a frustração de serem pertencentes a uma camada social não privilegiada pelos interesses mercadológicos.

Sem dúvida, os agentes constroem a realidade social; sem dúvida, entram em lutas e relações visando a impor sua visão, mas eles o fazem mediante pontos de vista, interesses e referenciais determinados pela posição que ocupam no mesmo mundo que pretendem transformar ou conservar (BOURDIEU, 1989, p. 8).

A cultura que produzem tem a forte referência de uma linguagem própria. O vocabulário que desenvolvem traz para eles, enquanto indivíduos, uma identificação e reafirmação de comunidade. Importante entender que a questão da comunidade aqui não se refere a um espaço físico, e sim ao caráter complexo de valores morais. Um laço coletivo que alimenta a condição de dignidade para viver neste determinado contexto social capitalista.

O fato de pertencerem a esta comunidade que se situa em um recorte de uma camada social oprimida e, ao mesmo tempo, almejem os produtos e as tecnologias que os grandes grupos econômicos, a indústria cultural¹⁹ produz para as camadas mais privilegiadas, reforça uma lógica paradoxal na construção de identidade.

¹⁹ Com o advento da Indústria Cultural tudo se torna negócio, com seus fins comerciais realizados por meio de sistemática e programada exploração de bens considerados culturais. Tal conceito permanece essencial para a compreensão das características e contradições na sociedade contemporânea. A Indústria Cultural produz em série e através de máquinas, bens culturais e artísticos. A primeira indústria cultural que surgiu na Europa foi a imprensa e a indústria editorial responsável, no início do século XIX, pelo lançamento de escritores novos que se tornariam celebridades. O que caracterizava essa nova produção era o fato de o escritor se tornar um funcionário e a obra ser um empreendimento comercial visando o lucro e a aceitação por parte do grande público. Posteriormente surgiram outras indústrias culturais, dentre as quais as mais famosas na atualidade são o cinema e a televisão (ADORNO, 2002).

O paradoxo surge a partir das expressões cotidianas destes jovens. A necessidade que têm em adquirir os produtos da moda faz contrapontos com a negação que têm em relação à estruturação de classe e, dominação da sociedade burguesa. Estas características do movimento destes jovens, aliadas aos determinantes históricos, trazem as imagens reais da identidade que constroem.

A necessidade subjetiva de compreender determinados aspectos da realidade, parte freqüentemente da impressão de que o observado coincide com o 'real'. Esse real compõe uma comunidade humana que tem uma história e pertence a um mundo, objeto de conhecimento a ser desvendado na busca da compreensão dos saberes adquiridos por essa comunidade na construção de seu respectivo mundo em construção histórica.

A partir de uma leitura das condições de desenvolvimento da cidade, do processo de periferização, e das influências geradas pelo distanciamento das classes sociais, a condição da população envolvida nesta pesquisa apresenta uma esfera de atuação complexa na sociedade que se tece em rede. Traduzir este cenário de produção da identidade implica evidenciar as necessidades e reivindicações por parte destas pessoas que cultivam e defendem os costumes da periferia.

Este trajeto exige percorrer e reconhecer o processo, partindo da exterioridade que se expressa pela via da objetivação. A exteriorização permite transpor a necessidade subjetiva em objetivação e, assim, realizar uma exposição cujo trajeto traz o conhecimento da realidade, marcada pela especificidade e pela diferenciação. A construção da identidade se estrutura na contínua integração do movimento subjetividade e objetividade das expressões do cotidiano.

1.1 Quem são os “manos”?

No Brasil, manos, como forma hipocorística de irmão, substantivo masculino familiar e antigo de irmão soa como um diminutivo, uma forma carinhosa originada pela palavra latina *germanu*, que quer dizer irmão. É desta maneira que eles se consideram, irmãos na construção de uma fraternidade como resultado da diferenciação que ocupam no status de cidadão. A igualdade que estabelecem entre si traz a relação de comunidade que reproduz atitudes de limite e respeito entre eles. Um mano²⁰, não deve cometer infrações com o outro porque seria um roubo e desencadearia penalidades oriundas de seu universo.

Já quando estão frente a outros segmentos da sociedade, a postura difere. O que legalmente se considera como roubo, em seu universo é “correria” como eles mesmos pronunciam. A forma como muitos vêem o crime não é a mesma considerada pelo conjunto de leis que rege a organização social capitalista. Existe um ideário que pauta estratégias como um movimento coletivo que reivindica suas necessidades. A lógica informal, que grande parte desta população encontra como ação para movimentar a economia, predispõe o conceito de marginais para a visão conservadora dos órgãos oficiais e, da população em geral.

É a partir do espaço da ação que este determinado segmento de jovens das classes populares congrega no cotidiano, um conjunto de valores que os fazem se identificar como manos e, ao mesmo tempo, se diferenciar no contexto social contemporâneo. Em todas as metrópoles dos países ocidentais existem classes sociais marginalizadas, cujo comportamento e forma de sobrevivência se assemelham ao modo de vida dos manos.

Pensá-los na perspectiva teórica de classe social remete a concepção descrita onde o termo classe surge a partir da definição de estratos ou camadas, e a relação com as faixas de rendimento e posições de ocupações (BOTTOMORE, 1988 p.167). A noção de classe

²⁰ Singular do coletivo manos que neste trabalho, mediante as referências dadas, já os torna mais comum e é desta maneira, que acredita-se que o termo pode deixar de vir acompanhado com a sinalização de aspas quando se designa este segmento de pessoas.

criada por Marx surge através da necessidade política em caracterizar os sujeitos, os atores sociais por questões econômicas e, também por sua lógica. Praticamente este conceito surge para identificar o sujeito transformador que encaminharia a luta revolucionária contra o pragmatismo da organização do Estado.²¹

Com a noção de classes populares temos uma maioria com pouca disponibilidade para os prazeres e lazeres, como também para as propriedades de discurso e poder. O segmento de jovens das classes populares se desvela em um universo que é desprotegido, uma juventude que vive a condição de risco em suas várias expressões cotidianas que deveriam ser preservadas de todos os perigos para manter seu valor diferencial.

Os jovens, sujeitos²² das classes populares marginalizadas no Brasil: pessoas do sexo masculino que cometem infrações e têm entre 21 e 29 anos correspondem ao perfil que aproxima a definição de quem são os manos; uma juventude transformadora neste recorte das relações de produção em seu movimento histórico na urbanidade do início do século XXI; uma população identificada através do desenvolvimento de uma cultura reconhecida por ser gerada nos redutos da criminalidade, e que não se silencia diante das diferenças.

A existência da criminalidade e das atividades tangenciais ao crime, organizadas pela juventude oriunda dos bairros populares e da periferia de São Paulo, apresentam fundamentos sociológicos do crime. Autores como Fausto (1984) em seu estudo sobre a criminalidade na metrópole paulistana e Adorno (1998) em seu estudo sobre a sociologia da violência com enfoque para as classes populares da cidade, contribuem com categorias que apresentam a socialização pelo crime.

²¹ O pensador francês Pierre Bourdieu tem opiniões distintas à definição marxista de classes sociais. Ele utiliza o termo “espaço social”, para dimensionar o “campo de ação” dos “agentes sociais” porque para ele classe é praticamente virtual. (BOURDIEU, 1996: p. 29). A esta menção de Bourdieu, Thompson faz um contraponto na condição sobre classes sociais “por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência” (THOMPSON, 1987, p. 9). A compreensão de classes sociais neste trabalho está calcada na definição marxista mesmo por abordar questões de identidade em determinado conceito histórico. Os autores Bourdieu e Thompson, embora apresentem olhares diferentes sobre esta definição de classes, trazem elementos indispensáveis para compreender questões sobre cultura e identidade da população que este trabalho se focaliza.

²² A denominação sobre sujeitos, indivíduos, e atores sociais difunde que “Sujeitos não são indivíduos, mesmo considerando que são constituídos a partir de indivíduos. São o ator social coletivo pelo qual indivíduos atingem o significado holístico em sua experiência” (CASTELLS, 2002, 26)

A dificuldade maior de se conquistar uma harmonia em tre esse sentido que o crime veio tomando, consideravelmente no fim do século XX, deve-se ao fato que a cultura possui tanto uma expressão global, como também uma parcial que se refere a todas as coisas inerentes ao ser humano que inclui seu modo de pensar, de agir e de ser. É neste sentido que se pode dizer que a socialização tem sua influência na formação da identidade coletiva. As atividades informais, consideradas tangenciais ao crime, e também a própria criminalidade mantém um universo de comunicação e de troca que são oriundos da cultura que é cultivada por este segmento de jovens das classes populares, e determina contradições históricas da sociedade.

Segundo dados da ONU em 2005 a população brasileira entre 15 e 29 anos corresponde a 38% dos jovens. Na Suécia, essa proporção é de 21%. Nos Estados Unidos, 26%, o que é uma taxa alta para países industrializados. Essas referências refletem na questão da criminalidade do Brasil conforme avaliações de pesquisas realizadas pela ONG Population Action International, divulgadas nas mídias de larga escala do país, tais como Época e BBC Brasil em 2004, classificam que os jovens adultos são responsáveis por cerca de 90% dos crimes violentos em quase todos os países.

Os índices de avaliação apontam para mudanças positivas quando a proporção do país cair para menos de 30% de jovens. A estrutura etária do Brasil é similar à da Coreia do Sul, Taiwan e Tailândia na metade dos anos 80. A redução desse índice é ideal para o crescimento econômico e para o investimento em educação. Sem esta redução apontam a potencialidade do Brasil ter grande projeção na criminalidade da América Latina.

O envolvimento dos jovens da periferia no crime caracteriza um universo constituído pelo gênero masculino. A porcentagem de mulheres no universo do crime é muito pequena. Geralmente são autoras passivas das infrações sujeitas a penalidades.

Nos presídios do país, a quantidade de mulheres que vivem em sistema carcerário, de acordo com o referencial de fevereiro de 2005, oferecido pelo Grupo de Estudos de “Mulheres encarceradas” com a participação do Instituto Latino Americano das Nações Unidas Para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquentes (ILANUD), e do Comitê Latino Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (CLADEM) chega ao número de 4.015 mulheres presas no sistema penitenciário e 4.304 mulheres no sistema de

segurança pública, portanto as mulheres, embora representem apenas 4% da população carcerária brasileira, cumprem pena em sistema de ilegalidade.

A desigualdade no tratamento entre homens e mulheres descrita na frase “Nenhuma sociedade trata suas mulheres tão bem quanto seus homens” pelo relatório de desenvolvimento humano de 1977, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, ainda permanece sob muitos aspectos, até mesmo pelas condições de encarceramento das mulheres²³.

O distanciamento do gênero feminino das atividades dos homens, também reflete a opção feita pela carreira de prostituta. As mulheres geralmente partem para a prostituição, ou assumem a condição de mães ou esposas neste segmento da sociedade, onde também impera a conduta machista. As mulheres que se inserem neste contexto que envolve o amplo universo da arte de rua, tais como, o grafite, a dança e a música, se reafirmam com suas diferenças na sociedade.

Estabelecer uma inclusão das mulheres em atividades que foram praticamente criadas pelos homens tem suas complexidades em todas as camadas da sociedade. A inserção do gênero feminino em uma cultura masculina sempre demanda um tempo de amadurecimento estrutural da comunidade. A emancipação das mulheres na sociedade burguesa é tão recente quanto às origens de como surgiu a periferia²⁴ e sua proveniente cultura.

O movimento cultural da periferia de São Paulo tem forte envolvimento do hip hop. Estilo de música originado da cultura negra, e criado nos redutos onde vivem as classes

²³ É indispensável que o Governo Brasileiro passe a realizar efetivas ações de inclusão da mulher presa, com ações afirmativas que busquem o equilíbrio e sanem a desigualdade histórica. Jornal **Juízes para a Democracia**. São Paulo, 10 de março de 2005. (FELIPPE, K.B, 2005)

²⁴ “Em termos mundiais, o conceito de periferia foi reforçado após as duas grandes guerras e agravado com a Guerra Fria, destinando o status de centro àqueles países de maior poder econômico e militar, e de periférico aos mais pobres, dependentes, com problemas de infra-estrutura (...)” Já no contexto “das cidades, o conceito se aplica ao espaço onde está o centro econômico de poder. Do lado oposto, estaria a periferia.” Este conceito surgiu na tentativa de tornar toleráveis a manutenção de cidades ao Estado. Mas o que se tem na verdade, é uma perpetuação das desigualdades sociais e econômicas. “No contexto brasileiro, a palavra periferia é algo típico do processo de metropolização dos anos 1960-70. O termo periferia carrega consigo um sentido político, econômico e social. A noção de periferia está relacionada à noção de centro. É um par dialético que faz parte dos fundamentos da teoria do desenvolvimento econômico. O termo periferia tem sido usado para designar loteamentos clandestinos, ou favelas localizadas em áreas mais centrais, onde vive uma população de baixa renda.” (PALLONE, 2005, p.11).

oprimidas. Esse ritmo que surge nos bairros populares, geralmente liderados por jovens homens que já têm sua autonomia para o consumo, forma o universo dos manos incluídos nesta pesquisa. Eles não têm vínculo com instituições de ensino e, se enquadram dentro da faixa etária que mais consome os produtos da moda. Assim, os ma nos entrevistados, têm entre 21 e 29 anos e, “como a maior parte da população brasileira são negros ou afro-descendentes”²⁵.

Muitos desses jovens entrevistados tiveram participação no universo da criminalidade enquanto crianças e adolescentes e deram suas contribuições como “olheiros” do tráfico. Foram os meninos que avisam com pipas, e fogos de artifício que a polícia está nos arredores. Grandes vítimas da polícia e dos chamados acertos de contas entre os traficantes. Os casos de crianças e adolescentes que morrem por envolvimento no tráfico se acentuam a cada dia. No início do ano de 2006 como foi demonstrado em duas seqüências de documentários veiculados no Fantástico pela TV Globo, sob o título “Falcão Meninos do Crime” a maioria dos meninos inicia as atividades no tráfico aos 13 anos e não chega a completar 21 anos.

Este documentário apresentou formas de processamento do tráfico de drogas que acontecem no Rio de Janeiro e a relação das crianças e adolescentes neste universo. A dinâmica de como é organizado o tráfico de drogas em São Paulo não difere em essência. O quadro de estruturação é geralmente esse: adolescentes ficam nas portas e comandam o tráfico de rua que funciona com distribuição de pequenas quantias de drogas para as pessoas que passam de carro.

Na hierarquização do tráfico sempre existe o chefe do tráfico que é o “dono da boca”, respeitado como o patrão dos demais. Este chefe normalmente deixa o local de produção ser administrado por quem eleger como “gerente” e, que cumpre o papel de organizar quem são as pessoas que estarão envolvidas com a “boca”. É o gerente que reúne as pessoas que estarão ocupando outros cargos como os de “soldados”, “aviões”, “olheiros”. As pessoas designadas a desenvolverem essas três últimas atividades são as que mais ficam expostas no tráfico e também as que são menos favorecidas da economia que envolve todo o “trabalho”.

²⁵ (MAIO, MARCOS E VENTURA, 2005).

Os garotos que transportam armas e drogas são os “aviões” e também os “olheiros”, que ficam de sentinela para avisar o que pode ameaçar a “boca”. O que surge como possibilidade de ameaça são os policiais que não estão envolvidos em acordos e, pessoas inimigas oriundas de outras “bocas”. Os “olheiros” ficam encarregados em avisar os consumidores das “bocas”. Os “soldados” são os indivíduos encarregados de cobrar as dívidas. Sempre armados os “soldados” é que acabam sendo os matadores da organização do tráfico de drogas.

As experiências que este quadro de jovens das classes populares adquiriram, ou ainda adquirem no meio do tráfico, sejam como “chefes”, “gerentes”, “soldados”, “aviões” ou “olheiros”, incorporam muitos dos aspectos da cultura da periferia. As condições de acessos ao consumo que privilegie a vida no mundo contemporâneo são favorecidas pelas atividades consideradas ilegais e, pertencer ao grupo de pessoas que comandam o tráfico também representa poder.

As regras e leis estabelecidas pelo tráfico não podem ser violadas e, com isso, as crianças e adolescentes têm suas vidas marcadas por um acentuado condicionamento para exercerem essa atividade. Entre as mortes que ocorrem com adolescentes que vivem no universo do tráfico muitos são vítimas de violência policial²⁶.

A antipatia que esta população tem pela polícia desenvolve um elemento de construção de sua identidade como forma de resistência à organização da sociedade civil. A representação desta reação se insere em várias atividades cotidianas. A linguagem que desenvolvem na música, na dança, nos diálogos reflete o distanciamento que estabelecem dos órgãos oficiais e, principalmente da polícia.

²⁶ Em São Paulo, 81 adolescentes e jovens foram executados sumariamente pela Polícia do Estado, 49 foram assassinados entre os dias 12 e 31 de maio de 2006, período em que a cidade de São Paulo foi sacudida pelos ataques da facção criminosa PCC. De acordo com o Observatório das Violências Policiais, as comunidades pobres atingidas pela chacina policial denunciaram que os assassinatos eram precedidos de visita de um carro da polícia e que, após o crime, rapidamente chegavam viaturas policiais recolhendo as cápsulas das balas e desfazendo a cena do crime. Segundo os registros da ONG, todos os assassinatos ocorridos neste período seriam de responsabilidade da Polícia (MAGALHÃES, H. J, 2006).

Nesse contexto violento, os jovens moradores das periferias se transformam nas principais vítimas das polícias e do tráfico, o qual, fazendo parte do cotidiano periférico, se transforma em possibilidade próxima e concreta de trabalho, muitas vezes como única forma de inclusão e participação econômica e social. O crime se torna cada vez mais jovem e se transforma numa opção de vida, mas vida de risco, risco de morte (RODRIGUES, 2004, p. 60).

Na maioria das vezes os jovens, quando não estão inseridos no tráfico ou na “correria” estão em trabalhos informais ou vinculados com o comércio do mercado paralelo que também se estrutura de forma hierárquica. A venda ilegal de mercadorias vai de chocolates a câmeras fotográficas, celulares, entre outros produtos digitais. Em qualquer uma de suas atividades que lhes conferem acessos para a vida que almejam no contexto urbano, estão agindo de forma que os deixam vulneráveis a condições de risco. O trabalho informal, as infrações, ou atividades tangenciais ao crime, aqui são entendidas como formas de inserção no tecido social.

Se considerar que a condição de exclusão envolve tanto a falta de acesso ao consumo, como a ausência das condições necessárias para o exercício pleno da existência: moradia adequada, acesso à saúde, educação, cultura, lazer e participação política é evidente que esta população procura uma forma de se sentir digna de seus direitos. Todavia, em meio à marginalização e opressão em que os jovens vivem torna-se impossível concretizar o ideal do que muitas vezes se designa cidadão. Dependendo do período histórico, o significado deste termo se transforma e, no contexto histórico contemporâneo, chega a ser utópico pensar como condição a ser alcançada por esses jovens.

A representação do indivíduo enquanto ser social e humano, dotado de qualidades e virtudes, bem como características mais ou menos favoráveis às relações em comunidade, manifestando-se quantitativamente não corresponde aos valores difundidos pelos meios de comunicação. A produção dos bens culturais, dos valores simbólicos, particularmente aqueles que são produzidos e divulgados pela mídia, não estão interessados em necessidades sociais coletivas ou em promover os valores humanos e a solidariedade, mas sim em explorar supostas necessidades individuais que podem ser “satisfeitas” pelo consumo (LEFEBVRE, 1991).

No mundo urbano ser cidadão somente ganha reconhecimento enquanto detenção de bens materiais; e a forma mais comum para se obtê-los é por meio do trabalho formalizado.

O acesso ao mercado de trabalho formal é praticamente inexistente para a maioria dos manos. Portanto as atividades que não são legalizadas na sociedade contemporânea têm outro sentido para os manos. Não são eles que estão errados. Tampouco roubam ou são infratores. A ordem social é que está errada.

O crime ganha um novo sentido e passa a ser organizado para a conquista de direitos de uma população oprimida:

Crime não é isso não que falam por aí. As pessoas não percebe, mas o crime tem que existir porque se não tamo engolido. É isso, com esse capitalismo 'néeeeo' liberal a gente tem que trabalhar conforme as condições que é dada. Menina, eu faço minha própria filosofia, tô me aprimorano, num quero ter gíria que é pra todo mundo me entendê. Ainda vou criar minha instituição. Vou levá o conhecimento que as pessoas precisam tê. Muito poca gente sabe o que é o crime, e é através dele que as coisas podem mudar. Eu acredito em mudança, e acho que a forma como o país tá dividido é muito errada. Classe A, B, C, D e E. Isso é só em país subdesenvolvido ter D e E. Vejo a política de outros países, se a distribuição do dinheiro fosse correta no Brasil as crianças da periferia poderiam estar fazendo intercâmbio. Isso só o Crime pode conseguir. Eu não penso só nas condições básicas, as pessoas precisam ser instruídas. Eu concordo em muitas coisas com o PCC, participo de algumas reuniões e eles ap óiam minhas idéias. O que o Comando tem, todos sabem que não é pouca coisa não, e acho que o terrorismo só surge no Crime porque tem opressão. Acompanho o terrorismo de outros países. Acho que é melhor morrê por uma causa de que morrê que nem um rato. S1

S1, relata que hoje vende equipamentos de alta tecnologia como celulares e câmeras fotográficas digitais.

Os manos trazem, em suas trajetórias de vida, uma resistência intensa aos processos conseqüentes da exclusão social. Eles formam um grande exército. O curioso é que os indivíduos oriundos das condições mais desfavoráveis ao que se refere como estrutura econômica e familiar, geralmente passam a liderar sobre os que apresentavam ter maiores acessos econômicos. Este é o caso de S1 quando questionado sobre sua infância e adolescência. Com uma postura politizada, e com acesso aos produtos e tecnologias digitais, mantém relações com membros da facção do crime organizado de São Paulo, o Primeiro Comando da Capital (PCC) mitologizado no domínio das prisões.

O poder de fogo da facção que se origina na capital paulistana, e abrange todo o estado, é superdimensionado pela mídia. O proveito político que extraíram dos ataques ocorridos em maio de 2006 formaram clima de insegurança cuja atmosfera propiciou endurecimento penal e supressão de garantias²⁷. O meio jurídico de São Paulo levantou suposta necessidade de aprovação de um projeto de lei, na gerência Cardoso, que incluiria no Código Penal um título a "crimes contra o Estado". Esta atitude foi entendida por advogados de diversos movimentos sociais como um instrumento de criminalização da organização popular.

Muitas são as distorções a respeito da ideologia da facção que a mídia impõe como a maior organização criminosa do país, em número de filiados e simpatizantes. As informações divulgam que o PCC comanda o crime organizado²⁸ no Estado de São Paulo, especialmente o tráfico de drogas na Grande São Paulo e na Baixada Santista. A facção é dirigida exclusivamente de dentro dos presídios, e possui um estatuto com 16 itens que devem ser cumpridos por seus membros. As pessoas que estão em regime carcerário, geralmente se integram ao PCC para adquirir status, em busca de proteção ou de melhores condições de vida quando cumprirem a pena. Alguns entram devido a alguma dívida.

O poder coletivo desta facção, de certa forma, tem suas influências em atribuir à comunidade da periferia elementos que sustentam sua identidade. O celular é o principal instrumento de comunicação para o grupo por entrar nos presídios através de familiares, advogados ou carcereiros subornados. Nas ruas, quando em manifestos, os jovens ligados à facção usam pistolas, submetralhadoras e bombas caseiras. Ao contrário dos traficantes do Rio de Janeiro, os paulistas não costumam usar fuzis.

Para eles o crime é encarado como um trabalho sério, e assim demonstra a facção do crime organizado o PCC, com armas potentes e automáticas, os traficantes controlam a

²⁷ A série de assassinatos de policiais e atentados contra ônibus e agências bancárias ocorrida entre os dias 12 e 19 de maio, deixou uma lista de que registra oficialmente 162 mortos. Em ato realizado no dia 29 Após ataques do PCC, no Largo de São Francisco, em São Paulo, liderança do Movimento em Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes, revela que o IML lavrou certidões de óbito de adolescentes mortos com tiros no peito ou na nuca apontando como *causa mortis* respectivamente parada cardíaca e traumatismo craniano. Pelo menos sete pessoas desapareceram após serem abordadas pela Polícia Militar. (MAGALHÃES, H. J, 2006).

²⁸ Mingardi busca esclarecimento do significado de organização criminosa e aproxima a idéia de atuação de modo empresarial em que cada integrante tenha função estabelecida. MINGARDI, Guaracy. **O Estado e o crime organizado**. 1996. Tese de Doutorado em Ciência Política da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.

distribuição e demarcam uma posição estratégica na distribuição de drogas. Esta organização em São Paulo tem os bairros da periferia como ponto estratégico de distribuição e repasse.

O cenário da periferia é *locus* onde se fundem o crime e a cultura, em que muitos dos jovens criam sua esfera de atuação. Esse espaço se constitui em uma espécie de resistência aos outros contextos da realidade social: o administrativo e o político. Sem esse espaço, esses jovens não teriam como trazer, para essa esfera, a síntese de seu cotidiano, de suas relações comunitárias, e culturais, bem como, a participação na política e na economia. Esses dois aspectos, o Estado e o mercado estão estreitamente associados à questão cultural onde atuam em seu desenvolvimento e transformação.

1.1 Identidades e diferenças .

Salve é o termo que se usa no crime quando não teve um reconhecimento entre si. Se um mano vem e não me reconhece dentro do carro, pra não azará, tem que olhá bem na bolinha, no olho. A gente se reconhece na bolinha. S2

A cumplicidade desta população que vive nos bairros populares, mediante as dicotomias que existem entre as suas atividades cotidianas como “correria”, trabalho informal, vendas de produtos do mercado paralelo, o uso e tráfico de drogas, a música, a dança e o grafite desenvolvem uma identidade que é contextualizada por diferentes funções. Como em toda comunidade, a linguagem é universal e os papéis que esses indivíduos exercem são específicos na organização de suas funções. Cada uma de suas atividades tem seus significados como expressões de inserção e construção de sua identidade.

Segundo abordagem de Castells, entende-se por identidade coletiva a fonte de significado e experiência que são construídas no cotidiano permeado por relações de poder. Nesta construção o enfoque está em como é exercida a relação de poder como um consenso da elite dominadora, da sociedade burguesa frente à natureza de luta das relações políticas.

A produção cultural onde o indivíduo se reconhece e se sente diferente em uma relação de poder também confere ao conceito de identidade relevado por Sainsaulieu na condição das inter-relações entre identidade, poder e cultura. Não podem ser dissociadas e se encontram intimamente ligadas. A identidade é mediada pelas lutas de poder. A luta pelo poder desponta na construção de representações a partir do movimento em que se organizam e se contrapõem entre si. (SAINSAULIEU, 1977 p. 333).

A sociedade contemporânea está caracterizada pelo entrelaçamento cultural. Utilizando em parte a idéia de Geertz, nunca se fez tão forte o entrelaçamento da “teia de significados” (GEERTZ, 1976). Pensando a globalização como uma conseqüência natural

do processo capitalista de produção é que se pode ter o entendimento sobre as relações de poder que originam diferentes identidades.

As classes dominantes determinam poder cultural sobre as classes com pouco acesso aos lazeres e prazeres. Os jovens da periferia são condicionados a construir formas de superação as culturas instituídas pelo sistema burguês. Com a globalização esta lógica se processa de forma muito veloz. São reações que existem ao processo da globalização sob as máscaras de uniformização mundial, em detrimento da cultura local. Instrumentos cujos interesses estão em favorecer as classes dominantes.

Hoje, com esta globalização denominada “sem fronteiras”, o mundo está fortemente marcado pela competição econômica, daí a importância de se ganhar novos mercados, pois assim, apesar de não se conquistar terras, como há séculos atrás se fazia, acaba-se conquistando o comércio, e pior, acaba-se também modificando a cultura desses países conquistados. (IANNI, 1997)

Neste segmento das classes populares os determinantes de sua identidade se dão pelo conjunto de expressões que ganham uma identificação coletiva, tais como: o trabalho informal, as atividades tangenciais ao crime, o estilo musical, a sintaxe, o acesso às tecnologias de comunicação, a forma de se vestir e os gestos. Essas expressões constituem fontes de significados para esta população, e são originadas e construídas por eles em um processo de individuação; “[...] entendo por identidade o processo de construção de significado com base em atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.” (CASTELLS, 2002, p.22)

Para o autor, o próprio processo de autoconstrução e individuação é o que faz das identidades serem fontes de significados que são organizados. Portanto esta forma de identidade, questionada enquanto coletiva, tem em sua natureza o ser construída. Castells pressupõe que a construção da identidade se faz com a utilização de uma “matéria prima” que é oferecida pela história da sociedade em sua ampla dimensão cultural, política e social. A forma de utilização de determinado “aparato”, processado pelos indivíduos e grupos sociais, fazem uma reorganização de significado que orientam seus interesses e projetos sociais.

As fontes de significados e o processo de individuação, inerentes à identidade dos jovens das classes populares, são formas de reorganizar as noções de apropriação das necessidades que são criadas no sistema capitalista de produção com sua determinada estruturação de camadas da sociedade. Através desta reorganização criam-se arcabouços de resistência no contexto das sociedades e economias globalizadas.

A vigente hegemonia da cultura norte-americana aliada à política neoliberal forja o desaparecimento das diferenças culturais de identidade entre países, classes e grupos. Nesta condição, os países que detém uma cultura considerada dominante, por questões econômicas deixam frágeis as forças que mantinham a identidade de cultura de povos e, dos países subdesenvolvidos. A identidade nacional tem sua formação a partir das semelhanças e diferenças na língua, na história, nos valores e na cultura de seu povo. A condição da lógica da globalização, com a crescente exclusão social, desintegra as forças que mantinham tradições do nacionalismo cultural.

A perda da referência da identidade nacional no sistema de produção global exige do coletivo um esforço de construção da identidade. A globalização traz a emergência de novas formas de identificação coletiva, que já não mais se definem em função da tradição territorial, mas na necessidade de questões econômicas da relevância global. Esta identidade coletiva que surge é uma forma de exteriorizar uma nova subjetividade (CANCLINI,1995).

As identidades coletivas que determinam reação ao padrão uniformizador da sociedade se estabelecem mediante as características de um grupo social que partilha as mesmas intenções. As atividades que este grupo desenvolve estão apoiadas num passado com um ideal coletivo projetado. A identidade como uma construção social estabelecida confere aos indivíduos as qualidades de proximidade e semelhança. Esta construção de identidade coletiva, empreendida na luta pelos direitos e fruição de atividades como o lazer e práticas culturais passam, muitas vezes, pelo processo de apropriação cultural.

Gosto de vê os mano dançando *hip hop*. Fazem um show com a dança. Mas eu gosto mesmo é de *Black*. Acho o ritmo mais legal. O *hip hop* viro muito coisa de moda. Muito dos clipe que a gente vê é gringo, e num tem nada haver com os problemas que a comunidade convive. É uma outra vida. Vida que todo mundo qué tê né? Carrão, dinheiro, mulher bonita. Conseguir tudo isso com musica é uma vitória. Tem muito *playboy* gringo no *rap*. Acho que no Brasil é diferente. Dinheiro mesmo é com o tráfico. Hoje já não estou no tráfico e sou contra as drogas porque temos que respeitar nosso corpo, que é a morada do Criador. Infelizmente a maioria não é assim. Já tive muita coisa, tinha um Honda Civic, dois computadores em minha casa. Hoje tenho metade, fui roubado pelos meus próprios manos que ficavam em minha casa. Começaram a ameaçar ir lá no morro onde vive minha família aí dei um jeito. O cara teve muita sorte foram dois 38 bem no peito. Esta dó não tenho mais. Ele anda todo torto. Tive que passar por situações difíceis em minha vida pra aprendê construir meu próprio pensamento.S3

A noção de identidade que Castells aborda é com base em sua manifestação na sociedade em rede, ao passo que Stuart Hall revela-a em a uma sociedade pós-moderna em que a identidade cultural está intimamente ligada com os valores, os costumes, as tradições, os hábitos, as crenças e todas as atividades que envolvem a cotidianidade de determinado povo. O esvair da identidade traz o que Hall chama de “deslocamento ou descentração do sujeito”. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica atribuição de poder que gera sentimentos como de “identidade e lealdade” (HALL, 2005, p.49).

A noção de sociedade em rede que veio com a globalização trouxe um cenário diferenciado da organização social. A partir desta nova configuração surge a necessidade, por parte dos atores sociais, de uma redescoberta das diferenças e particularidades. É no processo de projeção dos direitos sociais que o coletivo de jovens da periferia, e bairros populares empreenderam a luta pelo direito de acesso à organização econômica, às atividades de lazer e às práticas culturais.

Esta forma de economia globalizada e de organização da sociedade em rede traz à humanidade uma nova relação de “espaço” e do “tempo”. Tais mudanças que, de acordo com Anthony Giddens (1991) quando se refere a três dimensões das transformações na modernidade “a ressignificação do tempo/espaço, o des encaixe e a reflexividade”, categorizam a configuração social do mundo da informação e do consumo na vida urbana. Para Giddens, é possível observar o "'deslocamento' das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço". (GIDDENS 1991, p.27-29).

As mudanças que ocorrem na sociedade capitalista trouxeram uma reestruturação do sistema a partir das novas tendências das tecnologias da informação. O sistema de cultura da virtualidade com a mídia onipresente mudou a reorganização social do trabalho, transformando a questão tempo e espaço das relações de produção. Esta nova forma de organizar a sociedade em rede atinge todas as camadas e níveis sociais.

Este fenômeno deixa principalmente grupos que são minorias, e as camadas sociais de menor poder aquisitivo, vulneráveis à exclusão social. Atinge principalmente os jovens pela falta de oportunidades de emprego e a conseqüente marginalização das classes menos favorecidas. A homogeneização de uma economia globalizada com a decorrente destruição das identidades e culturas locais influencia os padrões de comportamento e estabelece nova relação entre as culturas locais e a cultura global.

Não há mais uma continuidade entre a lógica da formação do poder na rede global e a lógica da associação e representação em sociedades e culturas específicas. A busca de sentido tem lugar então na reconstrução de identidades defensivas ao redor de princípios comunais. A maior parte da ação social vem a se organizar na oposição entre fluxos não-identificados e identidades isoladas” (CASTELLS, 1997 p.11).

Considerando a proposta de Castells, existem, basicamente, três formas para se originar a identidade coletiva na sociedade e são construídas mediante a forte influência das relações de poder. A distinção destas manifestações de identidade se apresenta a partir das seguintes noções. Como “identidade legitimadora”: introduzida pelas instituições e organizações dominantes, se constitui através da intenção de racionalizar sua dominação aos “atores sociais”. Esta identidade produz o conceito ambíguo de sociedade civil, em seus aspectos positivos e negativos.

Já a “identidade de resistência” é criada pelos próprios atores que se encontram em situações adversas à ideologia tradicional de organização da sociedade, e têm estereótipos que os estigmatizam a condições inferiores no tecido social. Criam resistência como forma de superação dos valores difundidos pelas instituições tradicionais da sociedade. E por último, a “identidade de projeto” que é resultante da utilização que os “atores sociais” fazem de qualquer “aparato” cultural para determinar sua posição na sociedade. Para este

tipo de identidade, um exemplo clássico é o feminismo por ser um movimento coletivo que abandona a condição de resistência da identidade e dos direitos do gênero para ultrapassar o modelo patriarcal da sociedade ocidental.

Todas essas formas de produção de identidade coletiva trazem um novo desenho da sociedade, e também podem passar por transformações, transitar entre esses modelos expostos. Estas mudanças que podem ocorrer entre as formas de identidade são muito comuns sobre as que se originam como “de resistência” por sua potencialidade em vir a se constituir na estrutura de “identidade de projetos” e, em alguns casos chegar a se tornar dominantes nas instituições e organizações o que a transforma em “identidade legitimadora”. (CASTELLS, 2002 p.22-25).

Há uma duplicidade de entendimento na construção deste último tipo de identidade. Por um lado, a sociedade civil pode ficar atrelada à racionalização das instituições. Em outro, pode também ser uma esfera que privilegie as transformações sociais. Esta é uma concepção de Gramsci em sua ideologia de socialismo. Este sociólogo, como mentor do termo “sociedade civil” expõe a sua origem em uma constituição de uma série de aparatos; igrejas, sindicatos, partidos e, entidades cívicas como esfera de ação das pessoas na vida cotidiana.

Considerando que os jovens que se identificam com os valores, e com a cultura que surge nos redutos da periferia, estão inseridos na construção de uma “identidade de resistência”, sob a ótica mercadológica é passível a consideração que já transitam, em alguns aspectos, para a considerada “identidade de projeto” e, podem, também, vir a transitar em “identidade legitimadora”.

Identificar esse movimento coletivo como “identidade de resistência” é possível porque suas expressões estão calcadas na necessidade que têm em se contrapor à ideologização. Uma das características mostrada por este tipo de construção de identidade é por levar à formação de comunidades. No atual contexto histórico contemporâneo a identidade que é destinada à resistência apresenta ser a mais relevante para a transformação social. A importância e diferenciação estão expressas nas condições de seu surgimento como uma resistência coletiva a padrões de opressão que atingem o limite de determinado contexto das classes populares.

Com essas premissas pode-se afirmar que a identidade é formada em processos sociais, assim como toda teorização é feita a partir do lócus de sua manifestação. (BERGER & LUCKMAN, 1976 p.228). Neste espaço de construção da identidade forma um “campo social” que fortalece as suas expressões como formas próprias, padrões estéticos que modifica e interage no contexto social. (BOURDIEU, 1996) “[...] um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes do mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo” (BOURDIEU, 1996, p.139-144).

Mesmo como fortalecimento de um campo social, as transições de tipos de identidades definidas por Castells, transpostas para a realidade que se questiona, se explicam pelo fato que ocorre na apropriação e, ao mesmo tempo na distorção, que a elite faz das expressões que surgem das camadas mais pobres da sociedade. A mídia tem o poder de popularizar e mudar o sentido do que é resistência. Facilmente o que era manifestação cultural de contestação vira objeto de consumo da classe média, como exemplo neste segmento da sociedade é o próprio estilo musical como o hip hop, que se disseminou entre outras camadas como um produto da moda.

As expressões cotidianas dos homens formam a identidade em determinado período histórico da sociedade e registra a cultura de uma determinada época. Nessa dinâmica, ocorrem as modificações na sociedade que são as responsáveis em definir as grandes mudanças no cenário cultural. As revoluções e mudanças que ocorrem no sistema político se refletem na produção da cultura. À medida que as mudanças na sociedade marcadas pelas guerras, revoluções, alternâncias significativas do poder político se tornaram mais frequentes, a renovação do cenário cultural passa por transformações.²⁹

A identidade que se define no contexto da cultura de consumo com a idéia que a mídia leva as grandes massas à livre escolha de bens, e estilos de vida, traz a necessidade de uma diferente produção cultural. As necessidades criadas, superdimensionadas pela

²⁹ A segunda metade do século XX foi marcada no campo das artes por inúmeras e diferentes propostas de renovação. Um dos movimentos de manifestação artística que ganhou popularidade foi a pop art, que tinha por objetivo contestar a influência que a mídia exerce na sociedade contemporânea. As imagens que esse movimento difundia eram as próprias personalidades que a indústria cultural criou como a Marilyn Monroe, Andy Warhol e até mesmo o Pelé. Com obras provocativas, esse movimento escandalizou a sociedade norte-americana e hoje ocupa espaço internacionalizado nos grandes acervos. “Da contestação à consagração, os jovens artistas — em idade e atitude — revolucionam os padrões artísticos.” (COSTA, 1999, p. 46)

mídia, forjam o desenho de uma cultura que surge das classes populares como reação às dificuldades dos acessos no sistema capitalista de produção.

Na sociedade em rede, o processo da reestruturação produtiva afetou a realidade do trabalho, da cultura, e das relações sociais. As relações de poder são expressas na forma de organização social. A identidade como resistência é gerada pelas relações conflituosas de inserção ao mercado e ao consumo. Nesta organização da sociedade, os aspectos da cultura de massa, ou seja, a cultura que é ideologicamente aprovada pela elite dominadora para ser difundida nos meios de comunicação, tange a distância entre as classes sociais. É a partir desta informação ideologizada que surgem os contrapontos da origem da identificação dos jovens da periferia.

A permanência de obstáculos como o desemprego, a burocracia, a violência, a corrupção estatal, entre outras formas de domínio e poder, propiciam a formação de coletivos dentro do tecido social. A relação entre grupos de pessoas promove um sistema organizacional de características próprias em sua identificação.

A concepção e execução das políticas públicas formuladas com base em questões da subjetividade e identidade coletiva são de urgência para o próprio desenvolvimento do país. Este cenário indica um processo histórico de mudança nas relações entre Estado e sociedade e na ação coletiva que ocorre no contexto urbano de São Paulo.

1.3 Unidos pela exclusão

Considerando que os valores da comunidade à qual pertencem os jovens da periferia e dos bairros populares estão sob as condições ideológicas dessa estrutura, a criminalidade e as atividades tangenciais ao crime ocupam espaços em suas vidas, ao mesmo tempo em que a música, a dança, e o grafite produzem mecanismos de autodesenvolvimento e sociabilidade. A produção cultural da periferia como esfera da subjetividade encontra na arte uma forma de canalizar reações às condições de marginalidade e violência que deixam suas vidas submersas à desqualificação na sociedade.

A atitude desta população em passar a frequentar as festas e, nas danças competirem com passos, reproduz a dimensão lúdica do cotidiano deste universo juvenil. Com o estilo *hip hop* animam com rimas e frases os discursos sobre a condição real de vida na comunidade à qual considera pertencer. Hoje, o movimento cultural que mais representa os jovens moradores dos bairros populares, e da periferia, é o *hip-hop*. Mais identificado como *rap*³⁰, tem sua origem nos guetos dos EUA, e vem conquistando espaço na mídia brasileira com o surgimento de novos grupos. O grupo de maior representação desse estilo no país é o

³⁰ *Rap* (Batida). Na língua das ruas; ritmo e poesia, expressão musical-verbal da cultura. O Rap é um gênero musical surgido no início dos anos 70. A música rap é uma espécie de texto com rimas falado em ritmo com instrumentos musicais. O "ancestral direto" do Rap pode ser considerado do *Toasts* como era chamada a improvisação que os toasters faziam durante as, as festas de rua na Jamaica que consistia em versar sobre uma versão instrumental ou de uma versão Dub de alguma canção. Já o Reggae sempre no ritmo da batida é uma tradição que foi levada aos EUA por imigrantes jamaicanos. Nos Estados Unidos, a base de Reggae foi substituída por uma batida tirada do Funk, através da utilização de dois discos idênticos dos quais era aproveitada apenas a parte instrumental da música, chamada Break. As primeiras gravações de Rap datam do início dos anos 1970, com alguns grupos como os Last Poets e Gil Scott Heron. Nessa época, trata-se simplesmente da declamação de um texto sob o ritmo das batidas de tambor, sendo a negritude o tema de predileção. Na atualidade, os rappers ou MCs utilizam, como base, batidas de outras músicas habilmente extraídas pelos DJs, (disc-jockey), ou bases montadas eletronicamente, ou, ainda, instrumentos tocados por músicos. Uma característica muito presente no Rap são os Samplers, que são "pedaços" de outras músicas "reutilizados" para construir uma nova. Este recurso tanto pode ser parte instrumental de uma música como pode ser vocal. Inicialmente, os temas das letras giravam em torno de assuntos como festa e diversão, que aos poucos foram substituídos por temas mais sérios como as desigualdades sociais e o combate ao racismo (BÁREZ, 2006).

grupo da periferia paulistana, os Racionais MCs que se consagraram e venderam milhares de disco sem apoio de mídia e até chegaram a ganhar prêmio da MTV.

Os Racionais entre outros grupos de *rap* valorizam a cultura negra, afirmam ter uma “atitude consciente” e promovem a auto-estima da comunidade da periferia. A maioria dos jovens confirma que foi a partir da entrada dos grupos de rap que passaram a valorizar mais a conscientização e as relações de igualdade no que se diz respeito aos direitos de cidadão.

Os discursos ritmados são repertórios das expressões cotidianas. Este estilo musical, com uma linguagem de fácil acesso, tem construções de frases que recorrem aos apelos positivos à condição de ser negro, ou de morar na periferia. No cotidiano esta juventude³¹ que gosta de se mencionar como “100% negro e periferia” encontra novos significados para a importância de se diferenciarem de outros segmentos sociais.

São Paulo é a cidade onde mais se produz o *hip hop*, estilo que inclui os elementos da música, da dança, e da plasticidade do *graffiti*. Entre todos os estilos musicais produzidos pelos jovens das classes populares, o *hip hop* é o que mais procura se alinhar com as questões ideológicas do movimento negro. Entre suas batidas e letras ficam expressas a conduta politizada, e a utopia de uma sociedade democrática. No Rio de Janeiro o *funk* é mais comum que o *hip hop*. Esses dois estilos musicais, assim como o *reggae*, entre outros com raízes em estilos musicais africanos, se divergem em alguns aspectos, mas têm em comum a forma própria de protestar e cultivar o lazer.

A produção do *hip hop* é uma resposta à condição de opressão. Uma alternativa de apresentar também o universo do crime, da prisão, e da condição de risco social. A morte prematura de entes queridos ou a cadeia não são exceção entre as famílias das classes populares. A dificuldade da sociedade em aceitar uma manifestação cultural gerada nos redutos desta população é uma constante. O *hip hop*, entre outras manifestações culturais,

³¹ Os conceitos recorrentes desde 1970 sobre a juventude identificam como período de transitoriedade, como fase de suspensão da vida social, no sentido de adiamento de deveres e direitos de produção e trabalho, reprodução, participação social e política, como preparação para a vida adulta. Essa idéia traz vários significados: moratória identificada com sacrifícios de uma época de dura aprendizagem, ensaios e erros que acumulam experiências para a vida adulta; privilégio para os que nasceram em classes mais abastadas e têm oportunidades de se formar e se aperfeiçoar na tentativa de garantir um tranqüilo destino econômico; uma espera vazia que, desprovida de condições para o estudo, o trabalho e o lazer, vira estigma, impotência, exclusão, juventude em negativo (ABRAMO e VENTURI, 2000) in (RODRIGUES, 2005).

pontua discussões sobre a exclusão e marginalidade, apresenta à sociedade como é difícil superar a pobreza material.

O *funk* e o *hip-hop* são gêneros muito próximos. Expressões culturais primas com a mesma raiz em manifestações como o *rhythm and blues* e o *soul*. Esses estilos chegaram ao Brasil nos mesmos redutos, depois, foram se diversificando. Essas tribos foram se distanciando, por várias questões – estéticas e políticas, entre elas. Hoje os *b-boys*, *rappers* e *funkeiros* estão presentes nas festas populares. Existem muitos pontos em comum entre essas expressões porque na música, ambos fazem *rap*. Nesta identificação com o rap, a mídia geralmente não diferencia e essas tribos sofrem com o preconceito que existe pela classe média. Baile *funk* é sinônimo de violência. As distorções e proibições dos órgãos oficiais são peculiares a todas essas produções.

Para o samba conseguir atingir ao que representa hoje foram muitos anos de luta para se chegar até o momento em que o Estado aprovou a oficialização dos desfiles das escolas. Foi com a chegada da era do populismo que o samba teve sua ascensão; o Estado Novo de Getúlio influenciou as temáticas nacionais para os enredos serem aprovados. Ocorreu uma apropriação por parte da elite, isso também ocorre quando se presencia na mídia as expressões populares que surgiram na contemporaneidade.

Existe com esta apropriação tanto o lado positivo, quanto a sombra que envolve o processo de inclusão quando estão sob relações de interesses. O aspecto positivo se revela com o reconhecimento que esses atores sociais passam a ter em sua comunidade, assim como a influência em outros setores sociais. Com esta apropriação estas expressões artísticas das classes oprimidas tornaram-se um produto cultural com objetivações cotidianas.

O sistema capitalista atua como engrenagem das modalidades de repressão. Sua lógica mantém os signos, a religião, a sexualidade, a moda, a publicidade, a metalinguagem, entre outros elementos do cotidiano, como instrumentos de mediação e fontes produtoras das diferenças. Analisar esses aspectos eminentes nas classes populares com um aprofundamento que os torne de uma passível e de uma literal ruptura é indispensável e imprescindível.

As representações da cultura popular têm como objetivo buscar, trazer à tona expressões que orientam descobertas de suas implicações no contexto histórico-social.

Estas representações são o produto e engendro de uma consciência crítica adquirida como reação aos conceitos pragmáticos do modelo de sociedade brasileiro. Interage como atividade criadora e libertadora das condições de opressão. A atuação desta consciência é mecanismo de resistência sobre a ideologia mantenedora da cultura burguesa, e alimenta a força da coletividade desta população.

As aspirações desses sujeitos como atores sociais de um universo subjogado nas relações capitalistas são transpostas a um mundo imaginário. As necessidades manifestadas nos impulsos, nos desejos, nos sonhos pelo consumo e pelo reconhecimento com o sujeito fazem com que suas vidas alcancem o seu legítimo sentido. Embora as manifestações culturais abram espaços para sonharem com outros desenhos para suas vidas que não aqueles restritos pela classe dominadora, as perspectivas são muito reduzidas. Na prática existem muitos limites. O Estado, e também o Terceiro Setor ainda não articulam respostas contundentes às questões centrais do desemprego e da sobrevivência desses jovens que vivem em situação de risco.

Esses atores sociais criam modos particulares à condição de serem jovens de uma classe oprimida. Embora a esfera cultural seja a que abra espaços para suas manifestações no contexto social brasileiro, outros setores como o político, mesmo por ser dirigido por um governo considerado da esquerda democrática, ainda são tímidas as autonomias para as políticas de incentivo das expressões das classes populares. A cultura representa a esfera de participação desses sujeitos porque os outros espaços sociais estão praticamente fechados.

No quadro social brasileiro existem instituições e algumas administrações públicas preocupadas com a realidade existente neste meio; tentam, de diversas maneiras, fazer com que o Poder Público ouça as queixas, por vezes silenciosas, destes setores à parte do núcleo social, dotando-os de oportunidade para se manifestarem, na expectativa de promover o senso crítico. Em particular essa população sofre pela sua marginalização na esfera empregatícia por serem subestimados enquanto cidadãos, ou seja, como sujeitos capazes de melhorar a comunidade em que vivem.

Responsáveis por si e por outros, tais atores suscitam melhoria individual e conseqüentemente coletiva, baseadas no interesse comum, tendo como ponto de partida a criatividade, que independe do caráter sócio-econômico para existir, mas mantém-se subalternizados para se fazerem notar. Fomentar a participação ao que pode ser considerado

como exercício da cidadania é o que se deve ter como objetivo nesses trabalhos centrados na construção de um conjunto de valores que orientam a criação de espaços para que esses indivíduos que estão mais expostos aos processos de exclusão possam expressar suas capacidades de falar e de agir.

Esta população retoma em expressões cotidianas a possibilidades de criar uma geração de valores e de posturas que lhes conferem dignidade para viver entre as diferenças sociais. Essas atividades mostram a possibilidade de resgatar aspectos do “lúdico” perdidos na “racionalidade” do consumo dirigido, estabelecendo uma nova sociabilidade. (LEFEBVRE, 1991).

A sociabilização entre os jovens da periferia é reforçada por ter como principal característica de ser a fase humana, a juventude, o período em que mais afloram as buscas da própria autonomia. É neste período em que mais se estabelece a construção de elementos de identidade revelados em atitudes e expressões. (SPOSITO, 2005). Assim, esses sujeitos sociais passam a conduzir, em suas práticas e ações, uma autonomia por conquistas de espaços para concretizarem projetos de vida. A partir de reflexão sobre a realidade, constroem sua própria cultura em contextos adversos dos conceitos institucionalizados para ser cidadão.

As atividades desenvolvidas por essa comunidade trazem elevados questionamentos das posturas e necessidades produzidas pelo sistema ideológico da sociedade burguesa. É grande a contribuição da arte para esses indivíduos chegarem a uma leitura de suas necessidades.

O *rap* muda a vida da gente. Deixa o dia melhor. Quando vejo que tenho que ir pra feira lá a gente até brinca um pouco com *rap*. Hoje to na feira mas não sei se continuo porque esta vida é muito difícil. Ter de acordar as duas e meia da madrugada. Ficá aqui o dia ínterim. Meus amigo tão de correria. Eu to dando um tempo. Gostaria de me dedicá a música. To escrevendo e falo o que acho que deve se feito. A vida na periferia é boa porque somo tudo mano um do outro. Lá é assim; falô de comida e amizade é uma coisa, mas falô de droga e de grana é outra ainda. Tem o lado duro da amizade. Então amizade é uma coisa que não devia separá as coisas mais isso acontece muito. Os mano que são meus mesmo num são muitos não. Eu já tive a vida com mais luxo e esta coisa de ficá sem carro, sem moto me deixa meio chato. Num to podendo saí com minha moto porque ta visada. Gosto de saí com as roupas assim, tênis Nike, o meu não é verdadeiro mas nem precisa ser. Ta vendo esta blusa Adidas comprei na Pajé. Gosto das coisas importadas e lá a gente encontra. Acho que é digno do ser humano se vestir bem. É um direito que todos deviam tê. Podê se diverti também. De noite eu gosto de ir lá pra Radial Leste. Lá a noite é boa e a gente dança bastante. Se diverte mesmo. Aí sim é bom. S4.

Embora esta identidade seja construída com interferências da mídia consumista abre o espaço de enriquecimento e superação aos processos que os excluem do trabalho formalizado. As atividades desenvolvidas por essa comunidade trazem elevados questionamentos das posturas e necessidades que são produzidas pelo sistema ideológico da sociedade burguesa. É significativa a contribuição da arte para esses indivíduos desenvolverem uma leitura de suas necessidades.

Mas como se torna possível a estes jovens conseguirem compor o cenário da cultura da periferia³², se ao mesmo tempo em que negam a lógica consumista são incitados por ela? O que os fazem ultrapassar a frustração em não ser classe privilegiada para o consumo e assumir uma identidade coletiva?

É com o espaço da ação, e do discurso que ressaltam a potencialidade de rupturas do domínio da pura necessidade. Criam condições mais próprias para as relações necessárias ao entendimento da pessoa, e da sua realidade.

Considerando o pensar como peça fundamental para a formação da cultura, e tendo o pensar aspectos multifacetados, a cultura segue dessa forma a mesma tendência para seu desenvolvimento. Pode-se considerar que os homens, desde os antigos até os nossos dias, nunca foram livres totalmente para constituírem uma cultura na qual todos tivessem sua

³² A denominação “cultura da periferia” corresponde ao conjunto de expressões cotidianas do segmento de jovens das classes populares que se identificam com as seguintes nomenclaturas; “comunidade do morro”; “comunidade”; “morro”; “periferia”; “manos”.

participação computada. Muito do que ocorre no desenvolvimento de determinada manifestação cultural é proveniente da condição de opressão ou libertação. Portanto, as mudanças que ocorrem na sociedade são subseqüentes a uma rápida renovação dos estilos artísticos (COSTA, 1999).

Nesta esfera cultural ao se produzir, deliberadamente, busca de fortalecimento de identidade pode-se incidir na composição de vias de acesso para a resistência coletiva uma apropriação desta reação como mecanismos para o consumo e poder institucionalizado.

A construção de um universo de valores que fomente a formação de uma identidade que tem resistência à cultura imposta pela elite, a *mass média*, é o recurso que pode trazer o desvelar da potência dessa união. As concretizações de seus anseios pela vida motivam a saída das teias dos processos alienantes e passam a ser pessoas cujas vidas pulsam por mudança.

A escassez de mecanismos e opções de lazer, cultura e educação para a “comunidade da periferia” fomentam o questionamento sobre a realidade em que estão inseridos. A representação dessas atividades se enquadra como instrumentos motivadores de crítica e desenvolvimento.

As dificuldades de sobrevivência são concretas e as tensões com órgãos oficiais e instituições trazem a realidade da afirmação desses jovens em construir referenciais inovadores que se contrapõem ao esvaziamento de construção de valores instituídos. As experiências escolares e o não acesso ao emprego formalizado demarcam o distanciamento da inclusão desses sujeitos no núcleo societário.

José de Souza Martins, 2002 discute amplamente questões implícitas à situação de trabalho e emprego, e as conseqüências do desenvolvimento de um processo da atualidade brasileira que não consegue contribuir com a formação dos sujeitos das classes populares. A realidade das distâncias entre as classes sociais, aliadas aos determinantes excludentes, pauta a formulação de políticas públicas adequadas à questão das necessidades subjetivas das classes populares. O autor descreve o cuidado que é devido diante das discussões sobre políticas de inclusão.

Estamos em face, portanto, de uma carência política, de uma falta de expressão política dos excluídos para se opor aos “includentes” e ao seu autoritarismo. Em outras palavras, os que querem ajudar os “excluídos” dizem, sem dúvida, ao menos uma meia verdade – a necessidade de ampliar e modificar o modo e a forma de inclusão espontânea. E dizem outra meia verdade – a de que o modo espontâneo da inclusão é insatisfatório não para os “excluídos”, mas para o imaginário da classe média, para os valores que ela proclama e para a sociedade que ela deseja (MARTINS, 2002 p.41).

As políticas sociais públicas que envolvem as classes populares para atuarem com o propósito de favorecer os jovens que não estão envolvidos com práticas consideradas legais para movimentar a economia precisam estar envolvidas com as necessidades reais desta população. Estudos aprofundados que contemplem os valores difundidos pela mídia consumista são emergências para o desenvolvimento de projetos para essa classe social que é oprimida. Questões sobre a formação de imaginários destes jovens não estão incluídas na produção de políticas públicas para incluí-los em uma economia formalizada.

O estereótipo dos jovens que estão vinculados com a criminalidade e não vivem sob as condições carcerárias gera um distanciamento dos interesses da sociedade em geral. A complexidade que envolve a implementação de incluir esses sujeitos em condições formais de trabalho existe porque o processo de operacionalização de imaginários é muito potente. As condições para que o Estado pense em políticas de inclusão que não prejudiquem a auto-estima desses jovens se depara com terrenos muito frágeis.

“Falar de exclusão ao “excluído” é humilhá-lo, um gesto de prepotência interpretativa próprio de quem pertence ao mundo do mando e não ao mundo do nós e da partilha” (MARTINS, 2002 p. 44 e 45).

A presença de uma “mentalidade exterminatória” por parte das classes dominantes faz com que elejam esses os sujeitos excluídos do trabalho formal, “socialmente desnecessários”. Os recursos para lidar com esta população que vive em condição de risco social são muito incipientes tanto para as iniciativas do Estado, quanto para o Terceiro Setor (MARTINS, 2002).

As distâncias existentes entre as classes sociais, as diferenças econômicas e as dificuldades de operacionalizar via organizações governamentais OGs e não governamentais, ONGs, a autonomia do poder local em relação ao poder central traz as

dificuldades em se conseguir uma esfera maior de atuação de programas de políticas públicas para jovens das classes populares.

A questão social brasileira é avaliada mediante a dificuldade de expansão dos direitos de cidadania. Embora os direitos às necessidades básicas dos cidadãos estejam registrados na Constituição Federal de 1988, as políticas sociais de “alcance massivo”, não alcançam desenvolvimento. (KOWARICK, 2004 p.229).

[...] nossa resistência em compreender o outro como agente de reprodução da iniquidade que o vitima e ao vitimá-lo nos vitima também. Porque no fim, na prepotência de querer libertá-lo, o que queremos é nos libertar, num certo sentido, nos libertar dele. Porque não estamos propondo a construção do novo – apenas a extensão a ele do que já é velho, dos mecanismos de reprodução das relações sociais e não de produção de novas relações (MARTINS, 2002 p. 45).

As dificuldades do Estado em superar velhos modelos e padrões se reforçam quando se trata de um país subdesenvolvido. O Estado, enquanto uma instituição histórica que se fundamenta na mediação para resolver os problemas da sociedade, não tem políticas públicas suficientes para a questão da criminalidade que decorre dos distanciamentos entre as classes sociais. O Brasil é considerado como subdesenvolvido inclusive pelo fato de estar definido como modelo de sociedade que se organiza de forma dependente e regionalmente desigual.

A atribuição ideológica em resolver os problemas que surgem a partir da configuração das desigualdades sociais, da concentração de renda, e dos desgovernos brasileiros não corresponde ao espaço que as necessidades criadas pelo mercado globalizado ocupa no imaginário das classes populares.

As alternativas para uma concentração de forças que se produz para o fortalecimento da identidade das classes oprimidas é o elemento propulsor dos mecanismos que levam os indivíduos a criarem um conjunto de valores que corresponda às suas necessidades.

A educação popular é uma preocupação praticamente centrada no Terceiro Setor. Hoje as políticas sociais implantadas pelo ECA, entre outras legislações que visam a condição de jovens da periferia, não alcançam a projeção que deveriam mas, em relação a

outros períodos históricos, com o governo Lula a partir de 2003, tornaram-se mais viáveis à realização de projetos para as classes populares.

Novas correntes do pensamento contemporâneo, e suas respectivas atuações, objetivam o desenvolvimento e fortalecimento da comunidade pela via do poder local, cujos direcionamentos oportunizam correção de conceitos equivocados que emergem principalmente nas formulações e atuações políticas.

1.4 A cidade São Paulo e os trajetos cotidianos.

Os locais que os jovens dos bairros populares e da periferia escolhem para os lazeres e expressões culturais são diversificados, geralmente se localizam na periferia da cidade de São Paulo. A cidade é subdividida por regiões definidas como “zonas”, situadas no sistema cardeal norte, sul, leste, oeste, com o acréscimo do centro, e de variantes entre um ponto e outro, a exemplo; região sudeste, centro-oeste, entre outras.

Como referência cotidiana a população reconhece a cidade dividida sob cinco zonas: norte (nordeste e noroeste), sul (centro-sul e sul), leste (sudeste, leste 1, e leste 2), oeste e centro. Os bairros da periferia que são conhecidos pela linguagem popular como guetos³³ se localizam a margem das zonas leste, oeste, norte e sul. Os bairros populares que não se encontram nas regiões periféricas estão concentrados em todas essas regiões.

A maior parte dos sujeitos envolvidos neste trabalho são moradores da zona leste. Nome dado de forma genérica porque a zona leste de São Paulo é uma macro-zona composta pelas definidas, e comumente não mencionadas zona Leste 1, zona Leste 2, e a zona Sudeste de São Paulo, excluindo-se a subprefeitura do Ipiranga, definida também como a área situada a leste do rio Tamanduateí.

A zona leste da cidade de São Paulo é a região que engloba as subprefeituras de, Aricanduva/Vila Formosa/Carrão, Cidade Tiradentes, Emerlino Matarazzo, Guaianases, Itaim Paulista, Itaquera, Mooca, Penha, São Mateus, São Miguel, e Vila Prudente/Sapoema. Considerada a região mais populosa do município de São Paulo, é essencialmente formada por estabelecimentos de comércio e moradia popular. Designada como uma região dormitório da cidade, a renda média da população está abaixo da média da cidade a taxa de desemprego e de criminalidade é altamente elevada. Em meio aos bolsões da pobreza,

³³ Rodrigues (2005) recorre a autores que estudam a periferia, aqui os “guetos”, enquanto lugar. A história mostra que até hoje a periferia continua sendo “o lugar de quem não tem lugar”. Ser morador da periferia significa no âmbito concreto e simbólico fazer parte de uma localidade que não é prioridade para o poder público; “deixado à mercê de interesses particulares escusos e inescrupulosos, alijado estrategicamente do desenvolvimento e das vantagens de ser morador de uma cidade como São Paulo, segunda maior megacidade do mundo, só suplantada por Tóquio”, (Idem, 2005: 49).

conta com Universidades, Shopping Centers, um campus da USP no distrito de Ermelino Matarazzo, com algumas linhas da rede metroviária e CPTM, os trens da cidade.

A zona leste de São Paulo é a região mais populosa da cidade, com cerca de 3,3 milhões de pessoas (33% do total paulistano e 17,76% da população da região metropolitana de São Paulo), Segundo dados da Prefeitura de São Paulo. A População Economicamente Ativa (PEA) que vive na zona leste é composta por 1,7 milhão de pessoas, o que representa 31% do município de São Paulo. Segundo dados do Ministério do Trabalho, existem na região 93 mil empresas formais, o que corresponde a 23% das empresas do Estado de São Paulo.³⁴

Só nesta zona da cidade estão conglomeradas 11, das 31 subprefeituras de São Paulo. Cada uma dessas subprefeituras desempenha suas assistências em determinados distritos espalhados pela cidade. As subprefeituras estão oficialmente agrupadas em nove regiões, ou “zonas”, que revelam na posição geográfica a história da ocupação da maior cidade da América Latina que teve sua segregação espacial³⁵ de forma desordenada para atender as necessidades básicas das classes populares.

A zona sul, região que também apresenta índices elevados de criminalidade, conta com a assistência das nove subprefeituras: Campo Limpo, Capela do Socorro, Cidade Ademar, Ipiranga, Jabaquara, M’boi Mirim, Parelheiros, Sto Amaro e Vila Mariana. A Zona Norte com Casa Verde/ Cachoeirinha, Freguesia/ Brasilândia, Perus, Pirituba, Santana/ Tucuruvi, Tremembé/ Jaçanã, Vila Maria/ Vila Guilherme. A zona oeste que não é tão populosa quanto as outras, também é uma região onde se concentra grande parte das classes populares, e tem as seguintes três subprefeituras; Butantã, Lapa e Pinheiros. A região central da cidade conta com uma subprefeitura; a Sé.

Segundo artigos do “dossiê de São Paulo”³⁶. Pesquisas apoiadas aos dados do Censo Demográfico de 2000 e ao Sistema de Informação Geográfica, com a utilização de mapas,

³⁴ A zona leste de São Paulo tem 3,3 milhões de habitantes e 400 mil desempregados. De cada dez famílias pobres da cidade, quatro estão lá. Em 2000, a zona leste participava com 37,3% (2.233) na estatística dos homicídios e com 6,6% na arrecadação de ISS. Sua atividade econômica passava pouco dos 15% da produção do município. Um tremendo andar de baixo. Folha de São Paulo - Brasil - 09/05/2004.

³⁵ O termo segregação espacial corresponde ao processo segundo em que as diferentes camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões ou conjuntos de bairros da metrópole – consideração de Villaça, 1998 citado por (HADDAD, 1999 p. 21)

³⁶ O dossiê de “São Paulo” idealizado pelo professor Alfredo Bosi, editor da revista "Estudos Avançados" do Instituto de Estudos Avançados da Universidade Cidade de São Paulo, recentemente imortalizado com sua eleição para a Academia Brasileira de Letras (ABL) traz abordagens pertinentes para a produção desta tese

atualizam o debate sobre o padrão de segregação urbana de São Paulo com referências ao modelo definido no Brasil. Centro-periferia, como uma simplificação genérica da forma urbana, demonstra a heterogeneidade da periferia de São Paulo e suas conseqüências.

O dossiê revela três características do desenvolvimento urbano da Região Metropolitana de São Paulo que contrariam o antigo modelo centro-periferia. Com estas, o surgimento de vários novos empreendimentos urbanos fechados na zona oeste, região tradicionalmente ocupada pelas classes populares e um processo de disseminação da pobreza por toda a cidade. A partir desta forma de segregação gerou-se a multiplicação de favelas, marcada por invasões em pequenos espaços entre pontes, margens de rios ou linhas férreas. Este fenômeno traz a necessidade de uma maior presença do poder público nas periferias.

A cidade de São Paulo compõe com outros 38 municípios a região metropolitana de São Paulo, um aglomerado urbano de 19 milhões de habitantes, o quarto maior do mundo. A cidade foi fundada em 1554 e tem seu marco expressivo de desenvolvimento a partir do final do século XIX quando, em razão de sua posição geográfica privilegiada entre o porto de Santos e o interior da província, passou a exercer a função significativa de entreposto comercial.

Em meio às transformações econômicas do século XIX, São Paulo mantém sobreposição de funções que lhe deram o atributo como principal dinamismo econômico do Brasil. A origem destes avanços no setor econômico esteve aliada às convergências das ferrovias cafeeiras, o sistema financeiro emergente, a primeira geração de indústrias de grandes proporções. A rápida adaptação de seu território às novas funções marca São Paulo como a cidade do trabalho e das oportunidades.

Os espaços urbanos da cidade foram edificados por meio de padrões de separação e diferenciação social. A forma como se estrutura a política da cidade indica como os grupos sociais se inter-relacionam no espaço da cidade.

A primeira segregação social consta em final do século retrasado e perdurou até 1940. Neste período, a arquitetura das casas que se concentravam de forma

com elucidações de respostas sobre as questões da expansão dos bairros da periferia, do trabalho, da violência e da cultura em São Paulo. O dossiê reúne a visão de vários estudiosos que propõem alternativas às políticas públicas visando a melhorar a vida na capital paulistana. Boletim do IEA/USP — nº 81 — 1ª quinzena de julho de 2006.

heterogênea em um espaço urbano reduzido formava um contraste com a elite. As classes dominantes que ocupavam, e ainda ocupam a parte mais alta da cidade, e se estabelecem nas proximidades da avenida Paulista, e nas áreas mais altas da cidade. Já as classes populares que se concentravam nas áreas mais baixas ainda permanecem nesses redutos. Geralmente às margens dos rios como o Tietê e Tamanduateí da cidade.

A expansão da cidade se deu a partir do seu núcleo central. O centro se transformou em área comercial e de escritórios. A leste surgiu o Brás, com sua estação do norte e a hospedaria de imigrantes que rapidamente se transformou em bairro de pequeno comércio e reduto do operariado. A Estação da Luz ao norte era o centro de atividade, sendo seus terrenos também ocupados pelas classes populares. O sul e o sudoeste não contavam com uma linha férrea e era espaço residencial. Mas a região noroeste, a zona de chácaras subdivididas de Santa Efigênia e Campos Elíseos deixavam esclarecida a cultura e os interesses urbanos da elite.

Esse desenvolvimento urbano levou à formação de bairros operários nas zonas industriais que acompanhavam as vias férreas, como Mooca, Brás, Pari, Belém, Lapa, Bom Retiro, Ipiranga, e, de outro, à formação de bairros de elite, como já foi um dia o bairro Campos Elíseos, e os que ainda hoje continuam em algumas regiões centrais como Higienópolis, Jardins, Jardim Paulista e Cerqueira César, próximos a Avenida Paulista com imóveis supervalorizados.

São Paulo tem, em sua configuração, territórios específicos e separados por setor econômico e grupo social. Essa estrutura se formou através da constituição de bairros proletários e dos loteamentos burgueses, da apropriação e reforma do centro urbano pelas novas elites dominantes e da ação discriminatória dos investimentos públicos e regulação urbanística.

As relações de grupos organizados com o poder público para restabelecer a urbanização de áreas privilegiadas na cidade apresentam a atual configuração da cidade. Os últimos anos corresponderam a três momentos significativos da disputa pela centralidade urbana na capital paulista. Os efeitos dessa competição sócio-espacial afetam as classes populares.

A concorrência que envolve a população pelas três áreas da centralidade urbana de São Paulo: o centro tradicional; a avenida Paulista cujo interesse de "preservação" levou à formação da Associação Paulista Viva; e a região da avenida Luiz Carlos Berrini, centro comercial, onde empresários executaram a remoção de favelas. As associações que promovem esses espaços são patrocinadas principalmente pelo capital financeiro. Mas há um diferencial neste padrão quando se refere à revitalização do centro tradicional da cidade, e da avenida Paulista por serem iniciativas formadas por sindicalistas, técnicos, proprietários de imóveis e empresários (FRÚGOLI JR, 2000).

São Paulo e os contrastes que existem entre as camadas sociais apresentam banalizações na questão da realidade que divide a cidade em parte dos ricos e dos pobres. Existem pontes que ultrapassam a condição física da organização social. São as pontes culturais, e as políticas que estão presentes no desenho das mega-cidades. (CASTELLS, 2005).

Ao todo são treze mega-cidades espalhadas pelo mundo que são os resultados de novas formas espaciais resultantes da globalização. Consideradas com mais de dez milhões de habitantes concentram polaridades tanto positivas quanto negativas. O lado bom, sob a ótica do capitalismo, são os segmentos da população que movimentam a economia ao sistema global, e o lado cruel é a segregação espacial que envolve condições frágeis de sobrevivência das classes populares no espaço urbano de uma grande metrópole. As condições física e social estão conectadas com o globo, ao mesmo tempo em que estão desconectadas com os interesses locais (CASTELLS, 2005).

Para Ecléa Bosi, a questão de revitalização urbana em São Paulo é uma urgência. Para o bem estar da população é preciso recuperar a "dimensão humana da cidade", e esta é uma questão de caráter político. A capacidade organizacional da elite dominante, que ao mesmo tempo desorganiza as massas, resulta em universos segregados e traz o aumento da criminalidade (BOSI, 1992).

A autora descreve o bairro como uma totalidade estruturada que deve ser comum a todos para trazer ao cotidiano um sentido de identidade. É um lugar de "fechamento e proximidade" de elementos e, assim permitir a dialética da partida e do retorno em seus significados de lugar próprio e comum. A São Paulo de hoje traz os percursos sagrados a lugares "densos de significados na cidade", embora traga também o sentimento de estar

perdido num mundo vazio, monótono e violento. Falta o reencontro do “caminho familiar” em uma cidade cujo cenário muda muito rápido. (BOSI, 1992).

Frente a este cenário da transitoriedade e da segregação, os jovens das classes populares que escolhem pertencer a um movimento coletivo afirmam estar em busca de um “lugar”. A comunidade da periferia é percebida como um espaço alternativo, uma esfera de relações na qual traz a busca da apropriação do poder local, e de proteção. Suas expressões ficam marcadas também nos muros da cidade. Através dos grafites³⁷ deixam as ruas da metrópole gravadas por suas aspirações, necessidades e carências.

Entre os trajetos dos metrô como “lugar comum” estes jovens retratam em seus gestos, seus modos de organização, além de suas percepções sobre a violência e a exclusão social.

Foram entre as linhas dos metrô, e as próprias estações o local de *interface* entre questionamentos e respostas do cotidiano dos manos. Os jovens das classes populares quando estão neste sistema de transporte metroviário lidam com pessoas de segmentos diferentes. A porta de entrada da estação é o momento em que estabelecem a relação dialética do “lugar comum”, e do “não -lugares na contemporaneidade”. (AUGÉ, 1994)

As estações de metrô têm grandes significados para a vida na “supermodernidade” (AUGÉ, 1994) e, enquanto referência para a população faz parte de um sistema estruturador do ambiente urbano. O sistema metroferroviário de São Paulo³⁸, que inclui tanto a rede CPTM – Companhia Paulista de Trens Metropolitanos, como a do Metrô de São Paulo, é de vital importância na orientação espacial dos habitantes da metrópole nos seus deslocamentos diários, mesmo para aqueles que não fazem uso do sistema. Os nomes das estações se incorporam no repertório sócio-cultural dos habitantes da cidade e fazem parte de referência cotidiana. O metrô³⁹ é o meio de locomoção que mais atende as necessidades das classes populares que precisam se deslocar no contexto urbano das mega-cidades.

Em São Paulo, para o morador das cinco referências de regiões, o metrô possibilita atravessar a cidade de um ponto a outro para o percurso de idas e vindas entre o local de trabalho e o de moradia. As estações são ferramentas essenciais de informação que

³⁷ Anexo A

³⁸ Anexo B

³⁹ Anexo C

permitem aos usuários orientarem-se facilmente, graças à identificação de pontos de início, final, ou integração de viagens. Proporciona a aprendizagem da configuração urbana de uma mega-cidade em sua viabilidade para o deslocamento.

A metrópole paulistana utiliza-se do nome de estações como referência para localizar determinadas áreas urbanas. As estações são parte do patrimônio urbano, têm suas histórias que marcam o desenvolvimento sócio-econômico e cultural dos bairros. Ao nomear uma estação de metrô implicitamente contribui-se na formação de uma forte referência de delimitação de espaço físico da cidade que também atribui um conjunto de valores que são associados a esses lugares.

Hoje, a atribuição dos nomes que designam as linhas e estações é feita a partir de um estudo de nomenclatura que pesquisadores e historiadores sintetizam como Instrumento Normativo da Companhia do Metropolitano de São Paulo o NOR-D-P-721-481-00, de 07/08/92, que estabelece critérios quanto às características de conteúdo e forma.

A tarefa de nomear as estações segue desde a inauguração do primeiro trecho da Linha 1 – Azul, e traz um repertório de nomes de estações que compõem a paisagem urbana. Antes da chegada do metrô, nomes como Guilhermina -Esperança, Jardim São Paulo, Patriarca e Parada Inglesa eram muito pouco, ou quase nada conhecidos pela população.

A primeira linha do Metrô Paulistano foi a 1-Azul, ou anteriormente chamada de Linha Norte-Sul inaugurada em 14/09/1974. A partir de então, com seus 20,2 km de extensão, esta linha é utilizada por 325 milhões de passageiros/ano, passageiros que incorporaram à sua rotina as idas e vindas pelos subterrâneos do metrô. A escolha de ligar os dois bairros afastados, Santana e Jabaquara, passando por toda a área central da cidade deu-se pela inexistência de alternativas de transporte coletivo ferroviário para os moradores. A preocupação em descongestionar o trânsito do centro também marcou a necessidade de construção desta linha. Atualmente, a linha 1 do Metrô de São Paulo conta com 20,2 quilômetros de linhas e 23 estações, e transporta diariamente mais de 1,1 milhão de passageiros.

As oscilações nos governos, aliadas à tumultuada construção do trecho leste da Linha 3-Vermelha, fizeram com que as várias alternativas da Linha 2 -Verde tivessem que aguardar período mais propício para sua construção que foi realizada em 1979. Esta

construção foi marcada por uma exigência do desenvolvimento urbano, pela necessidade de uma expansão da rede metroviária.

Inaugurada em 1991, com 2,9 km de extensão e 4 estações. Com esta linha a malha do Metrô de São Paulo chegou ao mais importante eixo do centro expandido na cidade, concentradamente maiores instituições financeiras, hospital, escolas, consulados, secretarias de Estado, teatros, museus, emissoras de rádio e televisão. Hoje a linha tem dez estações, e conta com a projeção de incluir mais quatro.

A concepção da Linha 3-Vermelha teve suas origens ao modo de construção que culminava nas metrópoles dos países europeus. Integrava o transporte da população entre as redes metroviária e ferroviária. O transporte ferroviário expreso dos subúrbios até o Metrô se encarregaria do transporte urbano através de estações mais próximas de trens. Para ser construída nestes moldes, a Linha 3-Vermelha dependeria da modernização da ferrovia, que não contava com investimentos desde o seu surgimento, no século XIX.

O Metrô foi construído até Itaquera, vizinho à ferrovia, e a deficiência da rede ferroviária fez com que a Linha 3-Vermelha já nascesse sobrecarregada.

Originalmente denominada como linha Leste - Oeste é a mais extensa, conta com 22 km de extensão e 18 estações com os pontos terminais em Corinthians-Itaquera e Barra Funda. Sua inauguração ocorreu em 1979 com o trecho que liga a Praça da Sé ao Brás. Em 1988 a linha foi concluída. O traçado original ligava a região de Pirituba à Vila Maria. Seu trajeto tomava a forma de um arco com passagem pelo centro. Se isso acontecesse, a linha teria recebido o nome de "Linha Nordeste-Noroeste". Contudo, alterações posteriores permitiram que a linha atingisse a região leste, ligando-a ao centro da cidade e à região da Barra Funda, localizada a oeste da Praça da Sé. Esta é a linha mais congestionada da cidade.

A Linha – 4 Amarela, que se encontra em projeto de extensão, já constava no projeto original do metrô com o nome de "Linha Sudeste-Sudoeste". Inicialmente projetava ter um trajeto que ligasse a Vila Sônia até a Vila Prudente, passando pelo centro. Com a construção do Expresso antigo fura-fila, projetado na gestão do prefeito Celso Pitta com a previsão de conclusão em 2008, teve como área construída apenas o trecho sudoeste, a partir da estação da Luz. As plataformas de integração chegaram a ser construídas nas estações República e Pedro II, mas foram subutilizadas. A estação República foi destruída

para criar uma nova plataforma de integração, com método de construção mais moderno, e a da estação Pedro II se transformou em um depósito.

Esta linha que está em construção integrará com as linhas 1 -Azul, 2-Verde e 3-Vermelha do Metrô nas estações Luz, Paulista e República, e servirá as regiões de Vila Sônia, Morumbi, Butantã, Pinheiros, Jardins, Higienópolis, Consolidação, República e Luz. A integração propiciará ligar o centro da cidade até a cidade de Taboão da Serra, passando por todo o vetor sudoeste, em pontos estratégicos com avenidas de grande destaque da cidade; Paulista, Faria Lima, Rebouças e Nações Unidas. A Linha Amarela, considerada a linha mais moderna do país, conta com o sistema de portas de plataforma. Um tubo de acrílico que separa os usuários da via e evita acidentes. Este sistema é semelhante ao que opera no Metrô de Paris. Algumas estações possuirão as primeiras escadas rolantes em espiral do Brasil. Os trens serão de 6 carros, via alimentação catenária (aérea).

A linha-5, Lilás, construída pela CPTM, era denominada linha G. Em 2001 o governo do estado de São Paulo transferiu a operação da linha que era da CPTM para a Cia. do Metrô de São Paulo. O trecho inicial da Linha 5 -Lilás foi entregue à população em outubro de 2002, e conta com 8,4 km de extensão. Esta linha formará, em conjunto com a linha 1 – Azul, linha 2 – Verde do Metrô e linha C – Celeste da CPTM (Futura linha 7 - Celeste do Metrô) uma malha de alta capacidade que liga o bairro de Santo Amaro a importantes pólos de atividades terciárias como Ibirapuera, Vila Mariana, Paulista, Pinheiros e Brooklin e será estendida até Chácara Klabin. Nesta está prevista a construção de um pátio em frente ao Terminal Guido Caloi – construído pela CPTM.

A Linha 6 – Laranja com paradas terminais na Luz e Guaianazes é uma das linhas do sistema metroferroviário de São Paulo que está em processo de conversão. Atualmente é operada pela CPTM e liga a região leste da cidade à zona central, passando por regiões densamente povoadas em paralelo com a Linha 3 do Metrô de São Paulo que faz integração com 3 estações desta mesma linha. O antigo trecho da ferrovia “Central do Brasil” foi convertido para o atual padrão de Metrô. Esta mudança ocorreu para desafogar o tráfego da Linha 3 - Vermelha na região Leste, uma vez que essa região da cidade, por ser a mais populosa, é a que enfrenta maior saturação no transporte coletivo. Já a malha de transportes da CPTM é a Linha E. Outra linha do Metrô de São Paulo operada pela CPTM é a Linha 7 – Celeste, que resultou da modernização do antigo ramal de Jurubatuba, da estrada de ferro

Sorocabana. Liga o município de Osasco aos bairros da periferia da região Sul de São Paulo. O roteiro passa por toda a marginal Pinheiros. Todas as estações desta linha se encontram em superfícies. Na malha da CPTM é denominada como a linha C.

Como projeto, o Metrô de São Paulo tem a Linha 8 – Rosa cujo percurso será ligar as estações Raposo Tavares e Bresser-Mooça.

A Companhia Paulista de Trens Metropolitanos é uma empresa vinculada à Secretaria de Estado dos Transportes Metropolitanos. Foi criada em 1993, a partir de ferrovias já existentes na região metropolitana de São Paulo. A CPTM mantém 92 estações em seis linhas, que totalizam 270 km.

As linhas seguem as letras iniciais do alfabeto. Vão de A a G. Sendo A Linha A – Marrom com pontos terminais nas estações Luz e Francisco Morato e passa por Franco da Rocha e Caieiras, com extensão operacional até o Campo Limpo, Várzea Paulista e Jundiaí que se encontra fora da região metropolitana. A Linha B – Cinza, criada com a antiga (EFS) Estrada de Ferro Sorocabana que liga São Paulo a estação Júlio Prestes, fica ao lado da estação da Luz até Sorocaba. Esta linha tem importante significado histórico por permitir o acesso ao transporte para as cidades que ficam à margem da ferrovia, como é o caso de Osasco. Anos depois, a ferrovia passou a ser propriedade da FEPASA - Ferrovias Paulista S.A. e depois, da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos, que ainda permanece com trens de carga.

Como já mencionado a Linha C – Celeste é a futura Linha -7 do Metrô de São Paulo e liga Osasco a Grajaú. A Linha D – Bege liga a região central de São Paulo até a região do ABC paulista, cruzando a região sudeste do município da capital paulista. A Linha E - Laranja: que liga as estações Luz a Guaianazes (Expresso Leste), também é futura do Metrô de São Paulo, denominada como Linha 6. Sua extensão Guaianazes a Estudantes e outro trecho que vai de Guaianazes a Estudantes, em Mogi das Cruzes, atende Suzano, Poá e Ferraz de Vasconcelos.

A Linha F – Violeta, com paradas terminais no Brás e Calmon Viana, da linha E, atende Itaquecetuba e Poá na estação Calmon Viana, antiga linha Tronco-variante da Estação de Ferro Central do Brasil, cuja linha principal é a Linha E – Laranja. Outra linha que liga a uma das cidades próximas é a Linha G – Trem de Guarulhos que faz o acesso até São Paulo.

Eu acho que a prefeitura devia liberá os metro pra se um espaço de arte. Acho que as estações, e também o vagão devia ganhá mais a cara da comunidade. Quem mais anda de metrô é o trabalhador, e acho que a maior parte é de morador da periferia. Então se pensá em trazê a arte pra cá as pessoas iam tê mais consciência. Sabê memo de seus direito. Acho que esse monte de propaganda que colocam num tem nada a vê com a comunidade. Eu acho tudo muito sem vida aqui. Sabe, eu acho muito feio. Sei lá essas grades que colocaro na Sé, parece que é pra tratá a gente como boi. Tão tratano memo como se a gente fosse bicho. (...) Eu sô negro e me orgulho da minha raça. Gostaria que a sociedade tivesse mais respeito. Desse mais valor. Existe uma diferença muito grande quado vai procurá um emprego, ou memo quando você anda em lugá de playboy. Nossa eu num gosto não de andá ali pelas ruas das madame, ali no Jardins, meu todo mundo fica te pono olho, acha que cê tá alí pra robá. Tem muito segurança negro alí que tamém é da periferia e qu ando poe o terno se esquece de onde mora. Se passa e te encuruja. Fica lambeno o chão de madame, e na real se ele virá as costa ela depois põe ele na cadeia. As veze até na periferia memo você ouve cada coisa. O preconceito é coisa de ignorante. Ainda bem que no hip hop num tem disso. E rap tem na veia o sangue do negro. E se negro pra podê se expressá do valor que tem. Eu posso colocá com o grafite as idéia que tenho na mente. Certo? Mais num tem grana nisso não. Quando libera um lugar bacana dão tinta e os mano cria alí. Os viaduto e muitos otros muro, lugar que todo mundo passa já tão batizado pelos mano. Eu não perco meu tempo em querê fazê arte aqui no metrô sem tá liberado, isso é coisa de pixadô, é bobagem num acho que é arte. É malandragem memo. Já fiz quando era pivete, e hoje quero memo é me aprimorá na arte. S2

Entre todas as linhas do Metrô existe segurança e são muito esporádicos os problemas com os ataques dos manos pixadores aos seus vagões, que normalmente são limpos antes de voltar à circulação. Os aspectos das infrações dos manos entre os sistemas de transporte metroviários de São Paulo ocorrem, mas não são de grande expressão quando comparado às manifestações nas ruas.

Fico aqui porque to na correria mesmo. Num queria não. Consegui fic á com trampo em frente a catedral, vendia bem minhas mercadoria aqui, más, carafá, os bazé viero e carregou mias coisa umas três vez. Meus mano tão me ajudando. Hoje memo veio um aqui e me deu dinheiro pro meu aluguel. Só pequeno, né, porque os monstrão, os mano que são *playboy* passam por aqui de motona e não qué nem sabe né. Só fica com quem ta na boa né. Ta ligada né. Já levei quatro tiros, apalpa aqui, dá pra senti as bala. Eu to fora do esquema pesado, num mecho mais com tráfico. Num queria a correria não, mas fazê o que? Vejo bem quem pode sê e quem não pode. Mas olha, minha vida é muito limpa. Não faço mal pras pessoas. Nunca fiz. Já erraro muito comigo moro aqui perto, tem muito mano morando aqui no centro porque a gente paga barato o aluguel, e quem trabalha com tecnologia vai vendê o que na periferia? Lá o comercio é pras drogas. Ninguém vai lá pra comprar outra coisa. Já morei ali no Brás e também na Vila Guilherme. Era buzão todo dia. Mas difícil mesmo é a vida. Ta valendo? Não fico de vascilo. A correria é condição, e hoje só quero ficá de boa. S5.

A rigor, para os que cometem infrações ou estejam envolvidos em tangenciais ao crime, fica esclarecido que na ótica das leis penais a “correria” deles é considerada roubo. O que muitos deles não consideram uma atividade de danos morais. Assim, algumas regras são estabelecidas, tais como não cometer infrações com idosos e sempre priorizar “correria” com os mais ricos, e com as instituições.

No entanto, o que se pode considerar para os que se envolvem com a criminalidade é que a vida tem um significado contraditório, matar ou morrer são circunstâncias muito próximas. A avaliação que fazem de estarem inseridos no crime ou nas atividades tangenciais ao crime inclui, além das condições de acesso as necessidades criadas, também as circunstâncias de sobrevivência.

Sô mano, sô da periferia, mas acho que tem certa coisas na vida que a gente muda mémo só com o tempo. Tá ligada? Quando vejo alguém robá, ou matá por poca coisa penso que a vida não pode sê assim não. Tenho mãe e tenho minhas irmãs, e num faço com mulhé o que num queri a que fizesse com elas. Eu não robo de mulhé e não robô de ninguém. Se to sem trampo vejo otras forma de consegui uma grana. (...) Ah, eu faço alguma fita, mais num é nada que vai me afetá a moral não. Sei lá, se tivé mercadoria eu vendo alguma coisa, mas nada havê com droga. Eu num mexo com droga não e também não fico de acordo com o crime não porque o que estas organizações faz é comandá a cocaína. Tudo é pela droga e acho que a vida deve valê mais. (...) É difícil, eu mesmo já gostei muito de coisa errada. Ta ligada? Já fiz coisa errada demais. Quando você recebe outra oportunidade deve aproveitá. To aqui esperando meu pai, na verdade ele me apadrinho. Ele é advogado e vai passá aqui pra pegá essas minha ropa que ta na mochila pra lavá. Me dá uma força e me ajudô muito quando saí da grade. Cuido bem da minha vida e se pudesse voltá atrás eu teria feito muita coisa diferente. (...) Tô conversando com uns mano meu e tamo vendo um jeito de passá as ideia pro papel. Fazê um som, fazê mesmo o hip hop. com as idéia que já ta mente. S6.

Por todos os lugares onde circulam esses jovens, as expressões cotidianas são percebidas na perspectiva de um ideário coletivo da comunidade da periferia.

PARTE 2

A INFORMAÇÃO E SUAS INFLUÊNCIAS NAS EXPRESSÕES COTIDIANAS

Na medida em que restringe o papel da aura, o cinema constrói artificialmente, fora do estúdio, a “personalidade do autor”; o culto do astro, que favorece ao capitalismo dos produtores e cuja magia é garantida pela personalidade que, já de há muito, reduziu-se ao encanto corrompido de seu valor de mercadoria. (BENJAMIN, 1983, p.18).

As relações existentes entre os meios de comunicação e as formas concretas e simbólicas de violência⁴⁰, assim como suas influências nas expressões cotidianas do segmento de jovens das classes populares envolvida neste trabalho, são analisadas a partir da importância que a mídia passou a assumir na sociedade contemporânea. Os processos de formação e reprodução dos indivíduos e da própria estrutura social trazem o cenário da onipresença da comunicação massificada no contexto urbano.

O crescimento dos meios de comunicação no Brasil, sobretudo a imprensa regional, demonstra a possibilidade de verificar e analisar o acesso que as classes populares têm sobre a informação local e, em que medida potencializam os determinantes para a construção da identidade coletiva. No processo de aprofundamento da democracia brasileira, a importância da informação pública e dos meios para difundir-la são incipientes quando comparado à abrangência conquistada em outros países democráticos.

Os programas introduzidos para o desenvolvimento cultural da população moradora dos bairros populares e da periferia, geralmente, estão envolvidos em projetos do Terceiro

⁴⁰ A relação entre “alienação/violência/comunicação” a partir dos conceitos de violência simbólica sinalizados por Bordieu (1989) estão representadas “pela sedução promovida, via mídia, pelas mercadorias e comportamentos anunciados, mas também da concepção da própria mídia como produtora (indústria) de mercadorias no contexto do capitalismo contemporâneo. O vínculo mais direto dos meios-de-comunicação com a alienação e, portanto, com a lógica e interesses do capital, dá-se justamente a partir da condição desses meios na sociedade, condição esta de produtores de mercadorias, a mercadoria comunicação, a mercadoria informação, lazer, entretenimento, etc.” (NOGUEIRA: 1989).

Setor. Os trabalhos sociais com os meios de comunicação tradicionais para as classes populares de São Paulo são poucos. O tratamento à informação para o fortalecimento da identidade dos mesmos está basicamente centrado nas mídias alternativas e comunitárias.

A abordagem da cultura da periferia, por parte desses meios de comunicação locais, atua como referenciais para os jovens se estabelecerem enquanto atores sociais de um movimento coletivo. A Zona Leste tem significativo acervo histórico que registra iniciativas de programas sócio-culturais com a mídia local⁴¹. A adequação com projetos sociais que envolvem os meios de comunicação com notória concentração na Zona Leste é fato que se caracteriza por ser esta uma das regiões da cidade com grande concentração das classes populares. Ainda que existam os meios de comunicação considerados comunitários e alternativos nos bairros populares e periferia de São Paulo, o apoio das mídias tradicionais para a produção de informação que atenda necessidades específicas desta população é praticamente ausente. O interesse dos grandes grupos econômicos que detêm o controle das programações da mídia acessada pelas massas volta-se, principalmente, ao incentivo do consumo.

Diante deste quadro há a contraposição que, aos poucos, toma terreno através das políticas sociais públicas, que estabeleceram leis de incentivo à cultura. Porém, essas iniciativas não se expressam de forma significativa diante da necessidade em distribuições de renda para projetos culturais voltados ao desenvolvimento dos meios de comunicação nos bairros populares e na periferia. Geralmente a verba das empresas privadas, e mesmo a que é destinada por leis de incentivo à cultura brasileira, como a Lei Rouanet⁴², são investimentos feitos para empresas, classe de artistas e intelectuais, na maioria das vezes, com projetos que recorrem a linguagem áudio-visual, mas que nem sempre são pensados para o acesso da comunidade da periferia.

⁴¹ O Projeto Telecentros da cidade de São Paulo foi criado em janeiro de 2001, sob a coordenação da Coordenadoria Geral do Governo Eletrônico, da Secretaria de Comunicação e Informação Social da Prefeitura de São Paulo. Em junho do mesmo ano, começava a funcionar o primeiro telecentro comunitário, em Cidade Tiradentes, na Zona Leste de São Paulo. Em três anos, o número de unidades do Projeto Telecentros chega a 128, atendendo a um número estimado de 400 mil pessoas por mês. (SELAIMEN, G, 2006)

⁴² A Lei nº 8.313, de 23.12.91 Concebida em 1991 para incentivar investimentos culturais, a Lei Federal de Incentivo à Cultura, ou Lei Rouanet, como também é conhecida, pode ser usada por empresas e pessoas físicas que desejam financiar projetos culturais. Ela institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), que é formado por três mecanismos: o Fundo Nacional de Cultura (FNC), o Incentivo Fiscal (Mecenato) e o Fundo de Investimento Cultural e Artístico (Ficart). Esta, entre outras leis de incentivo a cultura se encontram sistematizadas no *site* oficial do Ministério da Cultura. (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2006)

A produção cultural cada vez mais se apropria de novas tecnologias para o desenvolvimento de meios de comunicação, e desponta nas tentativas de democratizar a informação. No Brasil, deveriam ser suplantadas iniciativas, através de políticas sociais públicas, para a projeção de mídias alternativas que incentivem o fortalecimento cultural das classes populares. São Paulo é uma megalópole edificada com poucos recursos para a sobrevivência das classes populares. Considerada uma das cidades mais violentas do país, a distância entre as classes sociais forma um rio onde prevalece a criminalidade como consequência das baixas condições de sobrevivência da população que está excluída do sistema de trabalho formalizado.

Embora São Paulo seja referência de modernidade para Manuel Castells⁴³, em seu estudo sobre as cidades, a questão da disparidade econômica não é abordada, e o autor faz uma comparação entre a estrutura da metrópole paulistana com a cidade de Barcelona -ES⁴⁴. Considerando Barcelona uma cidade socialista, a única na Espanha, e uma das poucas na Europa, há 28 anos recebe administração sob este sistema. A democracia desta cidade teve seu início após quase quarenta anos de ditadura de Francisco Franco, e hoje é caracterizada por cidadãos engajados na luta socialista. Para Castells, o barcelonês convive com uma consciência do socialismo mais apurada que a de outros cidadãos. Com esta gestão municipal socialista foram realizados grandes projetos nas áreas do urbanismo, da arquitetura, da administração e das tecnologias.

A Espanha, se comparada ao Brasil⁴⁵, tem uma quantidade muito maior de meios de comunicação, como também maior número de projetos sociais que envolvem a mídia tradicional. Na cidade de Barcelona, de acordo com informações divulgadas pela imprensa,

⁴³ Manuel Castells expõe artigo e palestra realizada especialmente para a avaliação de São Paulo, no contexto de uma megalópole (CASTELLS, M, 2005).

⁴⁴ Barcelona é a segunda maior cidade da Espanha com uma população de 1.505.300 habitantes, segundo estatística realizada em 2001. Conta com uma agregação de centros urbanos que em 2003 alcançava, de acordo com a estatística de 2003, o número de 3.889.200 habitantes. Grande centro comercial e cultural, o PIB por habitante é estimado em 2.870,4 mil de pesetas. Informações geradas pela imprensa local de Barcelona-ES.

⁴⁵ As seguintes informações expõem a quantidade de meios de comunicação que estão distribuídos na Espanha e no Brasil. Hoje a Espanha conta com 40 canais de Ciência e Tecnologia, 14 Portais Noticiosos, 33 Imprensa Desportiva, 18 Imprensa Econômica, 6 Imprensa Geral, 104 Imprensa Regional, 44 Rádios, 155 Revistas *Online*, 30 Televisão e o Brasil conta com 16 canais de Ciência e Tecnologia, 6 Portais Noticiosos, 14 Imprensa Desportiva, 13 Imprensa Econômica, 19 Imprensa Geral, 47 Imprensa Regional, 64 Rádios, 95 Revistas *Online*, 20 Televisão. Dados obtidos no site Universia (MEDIOS DE COMUNICACIÓN DIGITAL EN ESPAÑA E IBEROAMÉRICA, 2006).

vigora um projeto do Conselho do Bem Estar Social aos Meios de Comunicação⁴⁶ que apóia os programas, e reportagens veiculadas que estiverem cumprindo da melhor forma a difusão de informação que são voltadas para o social. Este projeto existe desde 1993, e durante todos estes anos vincula um compromisso com os meios de comunicação.

A Secretaria do Bem Estar Social da cidade foi constituída em 1988, e atualmente agrupa mais de 140 instituições sociais para realizar parcerias nas iniciativas de programas voltados principalmente para as classes populares de Barcelona. Outro projeto que ocorre com forte expressão em sua proposta sócio-educativa é o *Medios de comunicaci3n y educaci3n; ¿complicidad o competencia?* Um projeto que pactua a responsabilidade dos meios de comunicação pela educa3o que é promovido pelo Instituto da Educa3o da prefeitura de Barcelona, e foi oficializado em mar3o de 2005. Estes projetos têm a fun3o de orienta3o para os meios de comunica3o, e são importantes referências para produ3o de políticas sociais no Brasil.

A iniciativa de implementa3o da democratiza3o dos meios de comunica3o, aliada a projetos sociais brasileiros, é muito recente. A existência do oligopólio dos meios de comunica3o tradicionais com maior abrangência, tanto na mídia impressa quanto digital, demonstra as barreiras mercadológicas para o incentivo da informa3o local que fortaleça a cultura da comunidade da periferia. Pesquisas que avaliam a informa3o difundida pelos meios de comunica3o locais, comunitários e alternativos contribuem para o processo de avalia3o do fortalecimento da identidade cultural das classes populares. Essas mídias, geralmente, apresentam programas sociais com a inten3o de estimular a consciência da necessidade da informa3o em benefício público.

Nesta segunda parte da tese, a influência da mídia tradicional e alternativa é avaliada junto ao segmento de jovens das classes populares que compreende o universo desta pesquisa. A princípio, os meios de comunica3o pontuados para serem questionados com os sujeitos da pesquisa foram os que possuem maior abrangência, e funcionam em

⁴⁶ A vigésima edição do Prêmio do Conselho Municipal de Bem-estar Social aos Meios de Comunica3o premiou, na categoria televis3o, o programa "*Viu la diferència*". Na categoria Rádio foi premiada a reportagem *Alumnes inadaptats, professors al límit* veiculado na *Catalunya Ràdio*. Na categoria de impresso destacou-se a reportagem *La formaci3n de adults Ma me mi mo mu* do jornal Sants-Hostafrancs-La Bordeta. O melhor site selecionado foi turismefacil.org. Informa3es pesquisadas no site oficial da prefeitura de Barcelona (AJUNTAMENT DE BARCELONA, 2007).

sistema aberto, ou sejam emissoras de TV e rádios que não precisam ser pagas para serem acessadas, tais como a Globo, SBT, Record e Bandeirantes.

As classes populares, geralmente, não se beneficiam dos canais oferecidos pelo sistema fechado, *pay per view*, com transmissões feitas por fibra ótica e outras novas tecnologias, em que o consumidor faz pagamentos para receber as programações em sua casa. Este sistema de comunicação elitizado oferece pacotes de programações específicas tanto pela via “cabo”, como a Net, e via satélite com antenas apropriadas como a TVA, que transmitem canais específicos como o *Multishow*, *People and Arts*, *Globo News*, *Discovery Chanel*, *HBO*, entre outros.

Não obstante, na pesquisa de campo, foi avaliado que existe o acesso dos manos aos canais pagos, porém, a maior parte não oficializa assinaturas. Eles adquirem a extensão de cabos e conectores específicos que são comercializados no mercado paralelo, e assim, fazem a ligação clandestina. Diferentemente do acesso ilegal que é possível ter aos canais de tv por assinatura, os servidores de “banda larga”⁴⁷ para internet são mais complexos para serem utilizados, embora também existam maneiras de conexão adversas às formalidades. Enfim, as mídias noticiosas tradicionais, alternativas ou locais, sob os formatos impressos ou digitais, que veiculam informações com linguagem adaptada para internet, são avaliadas em sua acessibilidade pelo segmento de jovens abordados.

Os projetos sócio-educativos que envolvem os meios de comunicação na cidade de São Paulo, considerada um pólo cultural, inclusive pela edificação das grandes sedes da mídia brasileira, se concentram, em sua maioria, nos meios de comunicação locais, comunitários ou alternativos não contemplados por recursos tecnológicos para garantir abrangência.⁴⁸

⁴⁷ Os serviços de banda larga são aqueles que permitem ao usuário conectar seus computadores à Internet com velocidades maiores do que as normalmente usadas em linhas discadas. Exemplos desse tipo de serviço são ADSL, *cable modem* e acesso via satélite.

⁴⁸ O uso dos meios de comunicação nos movimentos populares da Zona Leste recorreu a comunicação não escrita, apoiados pela Igreja Católica da Região e da Paróquia de São Francisco (Ermelino Matarazzo) por ser a maioria dos moradores não alfabetizados. Em 1985 a experiência com Alto-falantes deu origem ao PROCONEL – Projeto de Comunicação não Escrita do Leste II, constituído por um representante de cada rádio da Região. Mais tarde, se transformou no departamento de rádio popular do extinto Centro de Educação e Comunicação Popular – CEMI, vinculado à igreja católica da Região de São Miguel Paulista. informações veiculadas no artigo: Serviço de alto-falante: a mídia da periferia (a difusão da cultura popular nas veredas do comércio, política e religião) no *site* oficial da Universidade Metodista de São Paulo. (GUEDES, 2005)

A evolução da comunicação social da cidade possibilita acompanhar de forma muito próxima a soma das linguagens televisuais e multimidiáticas para a compreensão do processo de “democratização das massas” (GENTILLI,1995). Neste sentido, possibilita relacionar a discussão dos instrumentos de difusão de informação nas modernas sociedades de massa inseridas no processo de ampliação e alargamento dos direitos de cidadania na verticalidade do direito à informação.

Pensar no direito à informação foi o primeiro passo para esta pesquisa averiguar a influência da mídia no processo de construção da identidade desses jovens que vivem em condição de risco social. Os meios de comunicação alternativos e comunitários estão compreendidos nos bairros onde se concentra a moradia dessa população. As informações recebidas através de relatos dos mesmos possibilitaram avaliar as “respostas” deste segmento das classes populares aos acessos e conhecimentos das tecnologias.

Como são recebidas as informações veiculadas sob o formato de notícias difundidas pelas mídias tradicional e alternativa? As novas tecnologias da comunicação viabilizam a democratização das massas, ou engendram as diferenças que distanciam as classes sociais? Com buscas a essas respostas surge a necessidade de avaliar o tratamento dispensado a informação, e também questionar se existe a preocupação com a formação intelectual-cultural das classes populares.

Nesta intenção, a avaliação se estende tanto para a mídia tradicional, quanto aos projetos sociais que envolvem os meios de comunicação locais, alternativos ou comunitários, como “emissores” do processo de democratização da informação, que têm as classes populares como “receptores”. Compreender a relação dialética da informação entre os “emissores” e “receptores” aproxima a leitura da formação da identidade nas dimensões da pesquisa empírica e teórica desta tese.

2.1 O capitalismo e a democratização da comunicação.

Os meios de comunicação atuam com a produção de informação que impulsiona a produção de valores na sociedade contemporânea. A dinâmica de como esta cultura estabelece modelos e padrões nas relações sociais, e desenvolve imaginários que são tecnologicamente trabalhados são aspectos inerentes da lógica do sistema capitalista.

A cultura presente na *mass média* é o principal elemento mantenedor do sistema capitalista, que produz e engendra formas capitalistas de produção. A constante produção capitalista de uma cultura como mercadoria tem seu objetivo unificador na globalização. Essa dominação da cultura unificadora, com os precedentes da destruição de identidades nacionais, e formação de identidades coletivas de resistência a esses processos, mostram, com a leitura dos dados e dos fatos referentes à economia, política e cultura no mundo contemporâneo, a intensidade do desenvolvimento do processo de globalização⁴⁹ sob a ótica e o poder do capital.

Sob essa ótica, a expansão das relações humanas e sociais se dá com os mesmos, e velhos, objetivos do capitalismo enquanto sistema: a concentração de riquezas nas mãos de poucos grandes grupos de interesses ao crescimento voltado para o setor econômico em detrimento do social.

No contexto do neoliberalismo globalizado essa concentração de riquezas aparece de forma muito complexa. A globalização ocorre juntamente no momento histórico de acentuação das idéias liberais na reafirmação das relações capitalistas de produção e do mercado como regulador das relações sociais. Os caminhos traçados para o

⁴⁹ A globalização designa um período histórico do capitalismo. A sociedade contemporânea vivencia o apogeu deste processo do sistema capitalista que tem a iniciativa da mercantilização sem fronteiras. iniciado nas últimas décadas do século passado. Hoje, com a globalização pode se perceber sua influência sobre a importância que possui o trabalho, as relações sociais e os produtos fetichizados no cotidiano das pessoas, pois determinam modos de vida, comportamentos e hábitos (IANNI, 1997)

desenvolvimento de uma economia capitalista globalizada, envoltos de um processo de ideologização, estão associados aos processos excludentes da identidade cultural dos países subdesenvolvidos. Neste processo, a dominação do poder político, econômico e cultural não corresponde ao desenvolvimento das liberdades e da autonomia, quer seja no âmbito interno dos países ou no âmbito internacional.

Esta dominação e autonomia favorecem a inevitável exclusão econômica e cultural dos povos, classes sociais e etnias consideradas “dominadas” pelos que detém poder político econômico. O desenvolvimento efetivado no contexto das relações capitalistas de produção, com a vigência política do neoliberalismo, potencializa recursos da massificação de uma cultura que traz esvaziamento e empobrecimento a estes povos manipulados.

Para compreender tais processos de esvaziamento e empobrecimento humano na sua totalidade, o enfoque recorre aos conceitos estudados por Marx, e por um conjunto de concepções reunidas por autores marxistas como Istvan Mészáros, que esclareceu a Teoria da Alienação. O surgimento desta teoria marxista da alienação se explica no questionamento do homem em sua relação transformadora com a natureza; o homem e a natureza são coexistentes. Através da apropriação da natureza o homem cria uma nova realidade. É a partir da transformação da realidade imposta que esta teoria descortina a questão do trabalho no processo histórico da humanidade (MÉSZÁROS, 1981).

Foi mediante as concepções sobre a categoria trabalho que Marx deu início a essa teoria, eixo da maioria de suas obras. A crítica de Marx surge através de sua contraposição à forma lúdica como Hegel cria a categoria trabalho, atribuindo-lhe questões libertárias e criadoras. Em contraposição, Marx não desconsiderou as qualidades transformadoras inerentes a esta categoria. Seu questionamento ateu-se às condições em que se desenvolve o trabalho, especialmente as condições históricas do modo de produção capitalista⁵⁰.

⁵⁰ A seguinte citação de Marx mostra como tema central a realização da liberdade humana: “O trabalhador é relacionado com o produto de seu trabalho como um objeto estranho. O objeto que ele produz não pertence a ele, domina-o, e só serve, a longo prazo, para aumentar a sua pobreza. A alienação surge não só no resultado, mas também na produção e na própria atividade produtiva. O trabalhador não está à vontade no seu trabalho, que ele considera apenas como meio para satisfazer outras necessidades. É uma atividade dirigida contra ele próprio, não lhe pertence”⁵⁰ MARX, K. e ENGELS, F. Obras Escogidas. 1976. V. 1, p. 73. E, para complementar esta mesma idéia; “O trabalho não produz só mercadorias, produz a si mesmo e ao trabalhador como mercadoria independente dele e que é isto na proporção em que produz mercadoria em geral” (MARX, K. e ENGELS, F., 1978, p. 75)

O capitalismo é um sistema que universaliza o trabalho e as relações sociais caracterizando-as como mercantilizadas. É este processo que designa os conceitos das relações coisificadas, ou seja, reificadas. A subjetividade e o estímulo para a criação, inerentes à natureza do homem, são transformados em produto trazendo o esvaziamento de sua condição humana. A mercantilização da força, e do estímulo humano de trabalho traz um estranhamento ao homem. O distanciando de seus sentidos instaura a alienação. Desta forma, o trabalho deixa de ser considerado como recurso de criação e libertação do homem.

Intrínseco ao conceito das relações reificadas, a força de trabalho do homem se torna mercadoria. Conforme afirma Mészáros (1981), citando Marx o trabalho não é mais “a manifestação da vida” mas sim “alienação da vida”.

A atividade produtiva é, portanto, a fonte da consciência, e a ‘consciência alienada’ é o reflexo da atividade alienada ou da alienação da atividade, isto é, da auto - alienação do trabalho.” (MÉSZAROS, 1981, p.76).

O capitalismo rompe este vínculo direto, separa o trabalho da criação, os produtos dos produtores e transforma o trabalho numa fadiga incriativa e extenuante. A criação começa além das fronteiras do trabalho industrial. A criação é arte, enquanto o trabalho industrial é ofício, é algo maquinal, repetitivo, e portanto algo pouco apreciado e que se autodespreza. (KOSIK, 1976, p.123).

A teoria da alienação oferece subsídios essenciais para o estudo da sociedade capitalista. Vale ressaltar que nesta perspectiva Mészáros (1981, p.17) aponta a questão da alienação sob a lógica capitalista, mencionados no “Manuscritos de 44”, iniciando através da contextualização de Marx sobre o processo de trabalho: “A alienação do trabalho como raiz de todo o complexo de alienações”.

A condição de trabalho imposta pelo sistema capitalista muda o relacionamento do homem com a natureza. A condição da mediação do dinheiro ou de outra mercadoria deixa o homem atrelado às condições mais elementares, e também menos desenvolvidas, de sua própria condição humana. Ou seja, os apegos do homem passam a fixar-se em suas condições que dizem respeito à sua própria sobrevivência e reprodução física (SILVEIRA, 1989, p. 45).

O ser social não coincide com a situação dada nem às condições, nem com o fator econômico os quais - considerados isoladamente – são aspectos deformados deste mesmo ser. Em determinadas fases do desenvolvimento social o ser do homem é transformado, já que o aspecto objetivo de tal ser – sem o qual o homem perde a própria humanidade e se transforma numa ilusão idealística – é separado da subjetividade, da atividade, das potencialidades e possibilidades humanas. Nesta transformação histórica o aspecto objetivo do homem se transforma em uma objetividade alienada, em uma objetividade morta, desumana (as ‘condições’ ou fator econômico) e a subjetividade humana se transforma em existência subjetiva, miséria, necessidade, vazio em uma possibilidade meramente abstrata no desejo. (KOSIK, 1976, p. 127).

Tal como Kosik, em seus conceitos, o filósofo marxista contemporâneo, Henri Lefèbvre, centrou sua obra na crítica à ortodoxia do pensamento esquerdista que almeja um resgate e uma ruptura da obra de Marx. Como defensor de uma retomada da dialética se esforçou para superar o reducionismo dos manuais esquerdistas. Seu enfoque volta -se para categorias praticamente esquecidas nos redutos tradicionais do marxismo ocidental: as necessidades humanas, a mercadoria e a alienação.

Com referências da modernidade, do cotidiano, e do urbano Lefebvre aproximou a filosofia à prática, à vida diária; associa a vida diária à filosofia e à sociologia, com uma abordagem sobre a crise da modernidade, a civilização urbana e a luta das minorias. Estas são as questões que Lefèbvre relevou para formular os elementos que podem contribuir com a possível transformação da sociedade, já tão permeada pelos valores consumistas e pelo fetichismo de seu denominado “mundo da mercadoria”.

O volume das massas de mercadorias produzidas pela produção capitalista é estabelecido pela escala dessa produção e pelo imperativo de expansão contínua dela, e não por uma órbita predeterminada da oferta e da procura, das necessidades a satisfazer. (MARX:2003 p, 86)

As desigualdades econômicas e a exploração existente na sociedade ficam acentuadas como as causas concretas de exclusão social. Em tempos de globalização, a lógica do capital atuando sob a forma “neoliberal” — termo ambíguo ao capitalismo tardio do Brasil — em uma conseqüente apologia da livre iniciativa e da mercantilização das relações sociais gera o fortalecimento da cultura de massa, com seu poder e sedução a estilo de vida e de imaginários sociais individualistas que influencia povos com línguas, costumes e gostos diferentes entre si.

A forma sedutora da produção dessa cultura massificada, atuando sob o engendro perverso da globalização, aguça a fragilidade das sociedades que estão economicamente atreladas às condições ideológicas de forças superiores. Nesta condição, os países que detêm uma cultura considerada dominante deixam frágeis as forças que mantinham a identidade cultural de países e povos que são dominados: os conhecidos países do terceiro mundo ou países do sul. Nesse processo, a globalização coloca um de seus lados mais perversos na destruição de identidades nacionais, e na construção de identidades coletivas, tal como a que é avaliada neste estudo.

As possibilidades de construção de novas identidades coletivas, mesmo que forjadas pelo sistema capitalista, são as formas que determinados segmentos sociais, influenciados pela cultura norte americana, encontram como buscas de suas raízes culturais. Essas novas expressões cotidianas dos jovens das classes populares, dos negros, são formas de resgate da própria identidade desta população que ficou perdida e sufocada no sistema capitalista, que faz da cultura ser também uma mercadoria. Esse consumo da cultura que se torna mercadoria acentua o distanciamento da identidade cultural que teve suas raízes nos processos históricos de construção das camadas sociais dos países e nações.

Nesta dimensão, a mídia assume a função destrutiva para romper os laços de identidades culturais de nacionalidades subdesenvolvidas. É através dos meios de comunicação; da tevê, da internet, dos cinemas, que se consegue “impor” a venda de imagens estereotipadas, e que se diferenciam da cultura local. Com essa dinâmica trabalham o imaginário das pessoas a pensarem que serão “melhores, modernas e globalizadas”, já que praticam hábitos dos mais diversos lugares do mundo.

Mesmo que existam outros aspectos do processo de globalização da cultura e das economias, e que poderiam ser considerados “aspectos positivos”, como o maior acesso a informações e maior liberdade de mercado, na realidade, esses aspectos são positivos somente para os Estados, grandes grupos econômicos e classes sociais detentoras de grandes fortunas que monopolizam o poder político nos mais diferentes níveis das relações sociais, e das transações econômicas.

As fronteiras da globalização já não existem, e por meio das máscaras de uniformização mundial, em detrimento da cultura local, este processo acaba favorecendo certos países e desfavorecendo outros. O mundo, fortemente marcado pela competição

econômica, incita à importância de se ganhar novos mercados, pois assim, apesar de não se conquistar terras, como há séculos atrás se fazia, acaba-se conquistando o comércio, diluindo o mercado de trabalho e, pior, acaba-se também modificando a cultura desses países conquistados.

A produção dos bens culturais, dos valores simbólicos, particularmente aqueles que são produzidos e divulgados pela mídia, não estão interessados em necessidades sociais coletivas ou em promover os valores humanos e a solidariedade, mas sim em explorar supostas necessidades individuais que podem ser “satisfeitas” pelo consumo. Nesta lógica do consumo, a racionalidade instrumental empobrece o cotidiano afastando-o de sua riqueza.

A centralidade que o trabalho e o consumo ocupa na vida cotidiana deixa restritos os espaços para as pessoas poderem refletir sobre sua existência acerca do que podem construir com seu mundo interior na contemporaneidade. Homens programados, coisificados e relações programadas, coisificadas.

A concentração de forças que se produz para o resgate da identidade cultural reprimida nos processos de globalização é o elemento propulsor dos mecanismos que levam os indivíduos a se organizarem em grupos para realizarem suas próprias conquistas. Nesta concentração de forças pode haver as possibilidades potenciais para a formação de movimentos sociais ou mesmo manifestações culturais que tenham por objetivo viabilizar a criação de alternativas e posturas diferentes das que são produzidas nos processos da globalização.

[...] necessidades criadas artificialmente. As saídas podem sê-lo, mas as necessidades têm uma vinculação direta com a experiência de vida e com a relação com sociedade e com os mecanismos que bloqueiam as aspirações e desejos (MARCONDES, 1984 p. 26).

É no cenário da vida cotidiana que se pode tecer a perspectiva de um trabalho para legitimar o “lócus” das possibilidades de manifestações e de identificações culturais das pessoas que estão excluídas dos acessos que o mundo da mercadoria (do capitalismo e da globalização) transforma como necessidade para suprir sonhos e fantasias. A força existente no processo de ideologização deixa a sociedade vulnerável, sem uma consciência crítica para descortinar, resgatar sua identidade perdida e sufocada em meio aos processos da

globalização que utiliza a mídia para uma alusão de suposta livre escolha. Toda a informação difundida pelos meios de comunicação é filtrada. A liberdade de escolha, as opções e diversidades existem somente enquanto segmentação de mercado.

A lógica implícita no capitalismo e no processo de globalização traz a necessidade de contrapor uma geração de valores e de posturas menos ligadas ao consumo; de valores e posturas mais enriquecedoras, que o puro ato de consumir. Ou seja, será possível, no contexto da globalização, atuar em contextos adversos à “racionalidade” do consumo dirigido estabelecendo uma nova sociabilidade? A homogeneização de uma economia globalizada, com a decorrente destruição das identidades e culturas locais, evidencia como, e com quais instrumentos, o trabalho social pode contribuir com o desenvolvimento de uma cultura que seja de resistência aos processos alienantes presentes na sociedade de consumo.

A cultura de massa operacionaliza imaginários e deixa os anseios e aspirações das pessoas que possuem menos acessos ainda mais bloqueados. É com a emergência de novos conceitos que deixam as pessoas, oriundas das classes populares, ainda mais vulneráveis aos precedentes da exclusão social, que surgem recursos e mecanismos necessários para serem utilizados como forças de reação. Os trabalhos que produzam universos integrados como “resistência”, desperta as potencialidades do falar e do agir de indivíduos que estão integrados com as necessidades para o exercício da cidadania.

As mudanças política, social e econômica das classes populares se apresentam com força maior pelo sistema cultural. Não existe política econômica suficiente para contrapor as consequências do subdesenvolvimento do Brasil. Os fenômenos desemprego, exclusão social são aspectos do processo pós-moderno de desenvolvimento, onde cada vez mais, precisa-se de menor número de pessoas na produção e na organização social.

O caminho a ser construído, na perspectiva da transformação social, passa necessariamente pela conquista da cidadania. Atuar com práticas disseminadoras de uma cultura que seja de resistência a essa cultura imposta pela comunicação de massa é o primeiro passo para a formação de consciência, de valores e, de posturas que estejam numa perspectiva transformadora na reconstituição do sentido humano nas relações sociais.

A mídia massificada se inseriu no contexto do urbano, calcada em uma onipresença capaz de influenciar formações e comportamentos que reproduzem as relações alienadas pela mercadoria, originando no conceito mais amplo da alienação, as relações reificadas.

Esta é a realidade contemporânea em que o consumo e suas representações tornam-se elementos fundamentais para a produção da existência da sociedade capitalista. Neste processo, a diversidade dos meios de comunicação é fator determinante para engendrar novas formas capitalistas de produção. A obsolescência, ideologia e prática encaram o efêmero apenas como método para tornar o cotidiano mais rentável.

Em meio ao enorme volume de informações, a elite (econômica, política, cultural) atua com instrumentos que incitam o consumo de acordo com os seus interesses, direciona o imaginário, já que é ela a detentora dos meios de comunicação de massa, da política e do saber, este último que teoricamente deveria ser compartilhado a todos, sem distinção.

Moro em Tiradentes, e lá funciona uma rádio comunitária, mas vejo que pra ouvir rap de verdade é difícil ter uma rádio boa. Falam da FM 103, mas acho bem fraca. Gosto do rap que fala da consciência e se sabe que muitos já se perderam em suas raízes. O lado comercial é muito forte. Muitos mostram o dinheiro, a fama, as mulheres bonitas. O *Snoop Dog*, e um monte de banda gringa é assim. O rap traz muita mudança na vida das pessoas. Eu tenho muito amigo que hoje leva uma vida diferente... Tenho muito amigo que já foi preso, até meu pai já ficou preso, e como ele, ninguém gosta muito de falar sobre isso. É muito duro. Nunc a fui preso, mas se tivesse também não gostaria de falar. Acho que levo uma vida direita, vendo mercadoria e não faço nada errado. Tenho muito amigo que tá nas fitas errada, e como num to, gostaria que eles também não estivessem. Eu vejo meu bairro como minha comunidade e quero fazer alguma coisa diferente pra ela. Penso em um jornal, um zine pra trazer história que a gente não vê e não ouve por aí. Quero muita coisa pro meu futuro e ainda vou conseguir terminar meus estudos, ainda vou ser um professor. S7.

Hoje muito dos rappers que vejo que se deram bem na vida, tiveram o apoio de alguém. Ainda era moleque e na São Bento todo mundo se reunia pra dançar e fazer um som. O próprio Racionais MCs tavam lá. Foi lá que nasceu o hip hop. Tinha grafiteiro, tinha os B. Boys (os meninos que dançam) Era uma luta ter o lugar, acabaram fechando. A polícia, o comércio não aprovava. Mas ali havia uma união e se não fosse assim, o hip hop não teria a força que tem hoje em São Paulo. E tinha gente interessada em ensinar, mas se sabe como é, o que não é de interesse da política ninguém incentiva. Mas o tempo que durou lá foi muito bom porque ali todo mundo que queria podia aprender um pouco. Hoje esta geração nova de mano podem contar com mais coisas porque os que já se deram bem levam a sério o trabalho na periferia. Tão envolvido com projetos pra comunidade. Grafite, dança e música já chega mais no jeito certo pra aprender. Acho que muito mano poderia sair da correria, se dar bem com rap, com arte ou outras coisas, o problema é que falta ensino pra todo mundo. Tem muito dinheiro no governo mas falta saber administrar pros jovens da periferia. Quando eu consegui ter minha própria instituição eu vou priorizar o intercâmbio. Tenho visto muita coisa boa que circula com a comunidade em outros países. O Brasil precisa investir na periferia, se não a guerra continua. S1.

Dos programas de televisão às músicas que tocam nas rádios, tudo é feito com o objetivo de obter grande aceitação da maioria das pessoas, da massa popular. O aspecto negativo desta diversidade está no efeito produzido em confundir as pessoas quanto a sua liberdade de escolha. Considerando que essa liberdade de escolha está arraigada ao marketing, existente na diversidade de programação, as pessoas sem uma leitura crítica quanto ao processo de produção da cultura não questionam se esta liberdade de escolha é real ou ilusória.

No contexto urbano, os recursos da comunicação humana estão sob a atuação da lógica do consumo e da mercadoria, e esse livre arbítrio em escolher, atuando como representação, são simulações e dissimulações enganosas. Esta diversidade existe somente em função da segmentação de mercado e caracteriza a chamada cultura popular de massa. Esta cultura produzida pela indústria cultural possui um arcabouço de meios de comunicação cujas informações são aprovadas ideologicamente.

2.2 *Mass media e fantasia*

A difusão da informação pública, nas sociedades de massas contemporâneas, apresenta elevados questionamentos quanto ao processo de vir a se potencializar como esfera de democratização dos direitos públicos. As condições, e implicações, inseridas na produção da comunicação apontam a necessidade de se pensar na concretização de democratizar a informação, que atue em perspectiva crítica, para assegurar os direitos às condições políticas e morais das classes populares.

O pressuposto da necessária e tardia democratização surge com o aumento das amplas massas excluídas dos acessos às tecnologias da comunicação. Assumir a condição de existência das políticas sociais públicas de inclusão chega a ser utópico se comparar a estrutura econômica brasileira diante da evolução da cultura tecnológica norte-americana, com seu poder e dominação.

Mesmo no âmbito interno das relações nacionais, a discussão do exercício da cidadania relacionada aos direitos públicos, que inclui o direito a informação como fonte de conhecimento e crítica, também revela suas marcas de impotência. A concessão de tv digital, tema presente nos debates de avanços da democracia na comunicação brasileira, tem suas complexidades para a implantação.

O sistema digital, a Internet, em que as próprias iniciais de acesso representadas por “www” (*world wide web*), que significa “rede de todo o mundo”, para milhões de pessoas é um sonho a ser conquistado, ou sequer imaginam um dia ter o acesso.

As teorias de análise da comunicação, inseridas no desenvolvimento do conhecimento crítico da sociedade civil, inclui a noção da imprensa como organização voltada para a produção de informação pública. Teoricamente, os programas televisivos, e toda a informação que circula em outras mídias como as rádios, os jornais e as revistas, sejam impressas ou digitais, constituem-se em instrumentos de mediação e representação dos cidadãos. Neste entendimento, os meios de comunicação com seus respectivos

conteúdos formam instituições sociais de inserção da massa ao universo dos seus direitos tanto individuais, quanto coletivos.

Na prática, a verdadeira posição que os meios de comunicação deveria assumir para a solidificação dos direitos a informação pública é basicamente contrária, pois a mídia assume o caráter de agências que incitam a lógica do consumo. Assim como a publicidade que surgiu para tornar a público as informações necessárias para o alargamento ao exercício da cidadania, a produção jornalística também apresenta suas distorções. Há uma questionável inversão dos papéis na produção da informação que deveria ser elemento de formação e crítica social.

Como exemplo, o jornalismo exercido como instrumento de libertação dos proletários, com seus manifestos para a conquista de seus direitos é muito diferente da prática jornalística em tempos de globalização. Hoje, a fragilidade da questão ética e social dos direitos a informação é notória. A necessidade em rever questões do debate ético mercadológico, incluindo o consumo, a mídia e o declínio da publicidade tradicional, é emergente para conceituar a democratização da informação pública.

O próprio sentido da palavra publicidade, que deveria ainda representar o “vir a se tornar público” é sinônimo de venda de produto. A notícia que se produz como conteúdo jornalístico se caracteriza como informação transformada em mercadoria. O tratamento dado a informação agrega apelos sedutores e plásticos adaptados para as normas de mercado.

Os aspectos mercantis da comunicação, padronizados de acordo com os interesses da indústria cultural, trazem os precedentes da notícia como um resultado da informação que passa por um tratamento ideológico com seus “meios” e “fins” muito bem definidos. A política de manipulação que existe na produção da notícia determina uma cultura de passividade, ou seja, o que se produz é assimilado pelas massas tal como se expõe, com pouco questionamento ao que a mídia determina como fato;

O tratamento que ela dá aos fatos quer como mitos, quer como signos ou marcas, conduz, em qualquer caso à despolitização do real: é a representação dos fatos como algo inequívoco, fechado, somente positividade, sem contradições; não há a ambivalência, mas a disciplina e a adaptação ao modelo; são enquanto desmontagens do real – confirmações do esperado, formas que encobrem a dialética e qualquer penetração inesperada além do visível. É uma reorganização do mundo não contraditória. O real, o contraditório, é esvaziado, e, como consequência, o sistema reforça-se e é inocentado. Os conflitos, o polêmico, o questionador que existe em cada fato desaparece (MARCONDES, 1983, p.22 -23).

A notícia veiculada nos meios de comunicação tradicionais está inserida no contexto dos interesses mercadológicos em uma simplificação e negação da estrutura subjetiva, tanto de quem a produz quanto de quem a recebe. Os jogos existentes nesta produção de notícia estão envolvidos nos interesses dos grandes grupos econômicos, e de poder político-social. As dimensões desta lógica são compreensíveis por meio de sua própria condição de engendrar a “fantasia” e a “alienação” nas relações capitalistas contemporâneas.

Com o advento da indústria cultural, com a produção em série, tudo o que temos acesso pode ser considerado como forma de mercadoria. O processo de produção da notícia, assim como a representação da mídia no contexto social, apresenta o jornalismo que surge em função das necessidades criadas. A produção jornalística que determinou os primeiros periódicos tem suas raízes na metodologia que se confessa funcionalista, e perpassa necessariamente pela ideologia burguesa. Considerando que o funcionalismo inserido a esta categoria de trabalho no sistema capitalista “consiste na determinação da correspondência existente entre um fato considerado e as necessidades gerais do organismo social em que está inserido” a dinâmica fica reduzida e traz contradições em sua inclusão na luta de classes. (GENRO, 1987).

As relações mercantis desenvolvidas pelos meios de comunicação tradicionais, que têm a audiência como “produto”, potencializa suas influências na estrutura da mídia brasileira, a partir da segunda metade do século XX. Período em que a necessidade da “atualidade” amplia seu espaço no desenvolvimento das forças produtivas, e das relações capitalistas. Assim, a cadência da fragmentação do consumo pelos meios de comunicação de massa, inserida à abrangência da digitalização e dos novos modelos de negócios midiáticos do século XXI, está imbuída aos termos que explicitam o elevado sentido de poder do modelo de mídia norte-americana, tais como; o *infotainment* e *cross-media*.

Nesta aceleração, os novos mercados, novos competidores entre os serviços de dados móveis, são definidos com a televisão e rádio digital que trazem a mensuração de audiência e potência comercial da mídia digital. Os conglomerados latino-americanos e brasileiros desafiam a inclusão e internacionalização aliada aos interesses da mídia tradicional com suas relações institucionais.

Este cenário que chega a vida cotidiana das pessoas, marcado pela forte presença da imagem, deixa o conceito de “espetáculo”⁵¹, definido pelo autor Guy Debord (1997), que ocupou as manifestações revolucionárias de Maio de 1968, como condição prevalecida para o desenvolvimento social. Esta expressão concentra as polaridades da relação da consciência e da ilusão.

A “sociedade do espetáculo” como uma livre apologia à estetização das mercadorias nos produtos midiáticos resulta a uma fragmentação do sentido das relações; homem, comunicação e mercadoria (DEBORD, 1997). A espetacularização que está presente nos aspectos social, econômico, político e cultural gera o esvaziamento dos papéis assumidos por seus atores, e acentua a super valorização das imagens que corrompem o tradicional desempenho da publicidade e da informação jornalística. Nesta condição, as questões ideológicas da cultura elevam a condição do processo alienação e coisificação das relações.

A abordagem da ação e reação dos homens, mediante a condição do espetáculo, da fantasia e da alienação apresenta suas complexidades tanto na forma como esses sujeitos adquirem o conhecimento crítico, como na maneira em que são seduzidos pela fantasia.

⁵¹ As teorias de Debord versam sobre a debilitação da subjetividade dos sujeitos e atores sociais envolvidos nas esferas públicas e privadas provenientes do sistema econômico europeu após a Segunda Guerra Mundial. Em sua obra “A sociedade do espetáculo” ele apresenta os poderes do capitalismo de mercado do ocidente, como o capitalismo de Estado do bloco socialista como marcos reguladores do caos social. A questão da alienação o autor atribui às forças do “espetáculo” que define a natureza sedutora da produção capitalista. As noções de “reificação” e “fetichismo das mercadorias”, introduzidas por Marx em O Capital, são aproximadas a forma de constituição histórica dos meios de comunicação de massa e a consequência da forma mercantil de organização social no capitalismo. O “espetáculo” como a forma de produção mercantil que tem uma dominação burguesa sobre os proletariados apresenta para Debord estratégias de resistência à alienação através da supressão ou derivação da realidade espetacular, em que os valores burgueses podem ser dizimados. (DEBORD, 1997).

As roupa... Acho que é uma coisa que precisa prá ficá de acordo. Querê se vesti bem é pra moral. É isso que pega. Essa primera impressão, depois ce precisa tê mais coisa pra tudo na vida, ainda mais pra tê a mulher que você qué. Mulher da periferia é guerreira e sabe o que qué. Tão certa, elas sabem o que é a vida. É por isso que ninguém pode ficá de vascilo. Tem que sabê chegá. Tem muito mano com carro de *playboy*, e eu num acho isso muito certo não, ta ligada? Tem muito destes oportunista. Fica de lobi, de complô e quem se fode como nós que ta dando um trampo pesado. (...) Acho que se não fosse o tráfico a vida na periferia seria bem pior, cada vez mais pobre. *Playboy* é tudo folgado e quem é pobre ta fudido memo. A elite qué enguli o pobre. E o que é sê honesto? Os bandidos se fantasiam de terno e gravata. A gente vive no mundo da contravenção. Se n um ficô esperto, se num corrê, fica de vascilo. Se fô muito orgulhoso vira coitado. Eu tenho orgulho de sê da periferia e não quero outra coisa pra mim que num seja a vida junto com meus parceiros, meus irmãos que fomo criado tudo junto. Tem muita coisa qu e eu ainda quero tê, e vai chegá a hora certa. Tem um traficante que bota uma fé no meu trampo. Ele sabe que mando bem com arte. Ainda vô tê a minha oficina de silk e vô estampá as camisetas com as idéia que tenho na mente. S8.

As reações dos manos, entendidas como representações, formam um conjunto de conceitos, explicações e afirmações originadas em um cotidiano que deixa dúvidas em relação a imagem do real e da falsa consciência. Como resultado de apropriações, diante da lógica da globalização que reforça nacionalismos e desencadeia periferias em massa, a importância em compreender a formação da identidade dos manos, ao mesmo tempo em que ocorre sua dissolução faz parte do processo da espetacularização.

A estratégia mercantil de utilização da imagem rompe questões ideológicas de movimentos coletivos que se formam com base na resistência. Neste espaço, a moda, a publicidade, a metalinguagem, entre outros elementos, são instrumentos de mediação, ao mesmo tempo em que atuam como fontes produtoras das diferenças. A cultura que é construída como reação também se torna fantasia. Superar a falsa -consciência, suplantada pela mídia, é o desafio cotidiano de movimentos coletivos. Descortinar a fantasia como mecanismo de resistência sobre a ideologia mantenedora da cultura de massa é o princípio para o acesso ao conhecimento crítico.

Marx supõe a reforma da consciência⁵² a partir da idéia que orienta a ação. Nesta consideração, a leitura cotidiana da população que vive sob condições inferiores aos

⁵² [...] A reforma da consciência consiste exclusivamente no fato de que se deixa o mundo ter sua consciência, acordar-se do sonho de si mesmo, esclarecer-se de suas próprias ações. Nosso objetivo total não consiste em nada mais, como é o caso da crítica da religião de Feuerbach, do que fazer com que as questões religiosas e políticas sejam levadas à forma humana autoconsciente. Nosso *slogan* deve ser reforma da consciência, não por meio de dogmas, senão por meio da análise da consciência mística, obscura de si mesma, quer tenha surgido de forma religiosa ou política. Mostrar-se-á, então, que o mundo possui há muito tempo o sonho de uma coisa da qual ele precisa possuir somente a consciência para possuí-la realmente. Mostrar-se-á que não se

acessos mostra a “utopia”, “o sonho de uma coisa que o mundo possui”, na esteira da formação dos homens reunidos como classe.

No sistema capitalista de produção, a base econômica traz a mobilidade social e as contradições determinam as aspirações e desejos de classes. Portanto, a fantasia atua como fonte de repressão e alienação, ao passo em que tem sua dimensão de impulsionar a emancipação;

O verdadeiro caráter decisivo da fantasia está na sua instrumentabilidade, se bem que não imediatamente passível da apropriação: ela pode ser utilizada – e o é – como o imaginário imposto à sociedade toda por uma classe como o único imaginário possível, ou seja, o imaginário preenchido pelo consumo e pelo enriquecimento material, bem como pode ser também utilizado como esfera de libertação. O que lhe reforça essa capacidade e que lhe permite uma função desse tipo é seu componente de ação, a energia que ela pode desencadear. (MARCONDES: 1989. p24)

A pouca atração oferecida pelos meios tradicionais de formação e educação, como escolas, igrejas e família afetam as classes populares por não contarem com muitos mecanismos nem opções de lazer, cultura e ensino. Esta realidade permite a ação da fantasia em seus aspectos negativos. Os meios de comunicação de massa passam a assumir a “posição de agências educadoras” sem o condicionamento necessário para a formação do conhecimento crítico. Essa informação “mediática” de mais fácil acesso, como a televisão e outros meios que recorrem aos recursos audiovisuais são dispersivos, desconexos e desarticulados. Aceleraram ainda mais os fenômenos de “parcelização da cultura”, desestrutura e convergem à “perda de referências estáveis” (POMBO, 1994, p. 14).

Essa ocupação de espaços dos meios tradicionais pela mídia é preocupante, ainda mais se considerarmos que a grande maioria dos meios de comunicação de massa é controlada pela iniciativa privada, que faz de seu conteúdo um mecanismo de promoção e de incitação ao consumo, em detrimento dos aspectos formadores do indivíduo, da cidadania e do crescimento cultural (KENSKI, 1992).

trata de uma linha divisória dos pensamentos entre o passado e o futuro, senão uma realização das idéias do passado. Mostrar-se-á, finalmente, que a humanidade não inicia nenhum novo trabalho, mas produz com consciência o seu velho trabalho. Carta de Marx a Ruge, Obras de Marx e Engels (Marx-Engels Weke), tomo 1, p.345. Citação traduzida por Ciro Marc ondes Filho in (MARCONDES, 1989, p.23).

Entender como e com quais elementos a mídia atua na formação do imaginário⁵³ dos homens é a atitude necessária para a compreensão de aspectos significativos do cotidiano e de seus problemas.

O lazer, trabalho, vida privada e as relações do homem na perspectiva de construção de uma nova consciência, como o exercício da cidadania, fortalecem a atuação das classes populares como a população que pode trazer uma revolução social. A compreensão desses elementos na sociedade contemporânea, marcada por forte presença da mídia no cotidiano das pessoas, mostra as possibilidades da identidade que se constrói como resistência em contribuir para o aparecimento de níveis mais elevados de consciência.

Em análise de outras sociedades, anterior ao capitalismo, existe a sugestão de que “Estilo” e “Cultura” oponham-se a valores atuais, como a incitação ao individualismo, as relações alienadas, a reificação que a mídia reproduz. Assim, o laço com o coletivo é o que adquiriria centralidade na vida das pessoas.

Considerando que no sistema capitalista a “Obra” foi substituída pelo produto, pela mercadoria. Na sociedade burguesa qualificada como “sociedade burocrática de consumo dirigido”, todo o fazer, o construir a cultura, o criar, inclusive a arte, ganha um racionalismo dirigido, integram uma prática social voltada não ao saber, mas sim aos interesses do mercado e do consumo (LEFEBVRE, 1991).

A produção dos bens culturais, dos valores simbólicos, particularmente aqueles que são produzidos e divulgados pela mídia, não estão interessados em necessidades sociais coletivas ou em promover os valores humanos e a solidariedade, mas sim em explorar supostas necessidades individuais que podem ser “satisfeitas” pelo consumo. Nesta dinâmica, a lógica do consumo e a racionalidade instrumental empobrece o cotidiano afastando-o de sua riqueza, de sua diversidade. Até mesmo as atividades escolhidas para preencher o tempo livre, como o lazer, estão dentro desta ótica:

⁵³ Segundo Trindade e Laplantine (1997, p. 78) “[...] o imaginário é um processo cognitivo no qual a afetividade está contida, traduzindo uma maneira específica de perceber o mundo, de alterar a ordem da realidade”, ou seja, para esses autores, o imaginário possui um compromisso com o real e não com a realidade, porque a realidade consiste nas coisas, na natureza; o real é interpretação, é a representação que os homens atribuem às coisas e à natureza.” Outra contemplação relevante sobre o conceito do imaginário feita por Trindade e Laplantine está compreendida na “[...] faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de apresentação de uma coisa, ou fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção”, ou seja, a representação imaginária está carregada de afetividade e de emoções criadoras e poéticas. (1997, p. 24-5)

Mas a afinidade original entre os negócios e a diversão mostra -se em seu próprio sentido: a apologia da sociedade. Divertir -se significa estar de acordo. Isso só é possível se isso se isola do processo social em seu todo, se idiotiza e abandona, desde o início, a pretensão inescapável de toda obra, mesmo da mais insignific ante, de refletir em sua limitação o todo. Divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. A impotência é a sua própria base. É na verdade uma fuga, mas não, como afirma, uma fuga da realidade ruim, mas da última idéia de resistência que essa realidade ainda deixa subsistir. A liberação prometida pela diversão é a liberação do pensamento como negação.(ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.135)

Apesar do tempo do “não-trabalho” ser tão antigo quanto o trabalho, antes do capitalismo este tempo livre não era reconhecido como o período do lazer. O lazer, tal como conhecemos hoje, é um produto da sociedade burguesa moderna e corresponde ao designado período de tempo livre. O lazer manifesta -se enquanto característica oriunda da civilização nascida da Revolução Industrial e surgiu para contrapor -se ao trabalho, atendendo a três funções principais do indivíduo: repouso, diversão e enriquecimento de sua participação social.

O lazer não é mais a Festa ou a recompensa do labor, também não é ainda a atividade livre que se exerce para si mesma. É o espetáculo generalizado: televisão, cinema, turismo”. [...] É nessa conjuntura que a ideologia da produção e o sentido da atividade criadora se transforma em ideologia de consumo (LEFEBVRE, 1991, p.61-64).

As múltiplas interfaces sociais da comunicação convertem -na como área decisiva para a compreensão da sociedade, de seus atores , e aqui dos sujeitos envolvidos. A antiga identificação da cultura como as “Obras” e as “Festas” cederam lugar, na contemporaneidade, a uma compreensão de que a cultura está hoje presente em todas as esferas da sociedade. A ampliação de seu conceito trouxe temas abrangentes como a construção da identidade coletiva em diferentes segmentos sociais.

A cultura, como esfera produtiva, alimenta a economia política da comunicação e traz a necessidade do debate político sobre a democratização do acesso aos meios de comunicação. Como esfera produtiva a questão da fantasia, do ponto de vista político, tem uma grande influência e já demarcou muitas conquistas, inclusive no âmbito da censura. Os jornais impressos já foram muito mais políticos e muito mais partidarizados.

Em termos de articulação da política, a mídia impressa atua como centro de debate público, embora seja a que os jovens das classes populares entrevistados tenham menos

acesso. Os periódicos, os jornais, e agora os *sites* noticiosos envolvem todas as elites da sociedade, quer dizer, a elite empresarial, a elite intelectual, a elite sindical e a elite política. A informação escrita, a notícia textualizada, foi e continua a ser o veículo que forma e desfaz certos consensos por atingir a classe considerada como formadora de opinião .

A ascensão audiovisual trouxe superação de algumas censuras por intermédio do fortalecimento da fantasia. A trajetória de movimentos sociais e coletivos para a superação da censura, da repressão de idéias, é uma constante no capitalismo. A necessidade da consciência mediada pela repressão traz rupturas para a sociedade civil em sua construção histórica.

Como todo movimento coletivo, os grupos se fortalecem no laço da utopia como condição decisiva de que seus desejos não sejam reprimidos. Suas aspirações, influenciadas pela fantasia, recebem um direcionamento que as transforma em energia revolucionária. Porém, a condição de não alcançar a fantasia também pode desencadear frustrações. Este percurso que o discurso sedutor faz pode incitar a frustração dos grupos em seu âmbito desagregador.

Os nória a gente não gosta nem de vê. Uma vida já não vale nem dez reais, fazem tudo por droga. Ficam atrás de coisa muito pequena, tão no vício e já não tem nem cabeça pra pensá em nada. Qualquer coisa que vié é lucro e não importa o jeito que venha. Batem celular na cara das pessoa, machucam mulher, qualqué pessoa pra tê o que precisa. Só pensam neles. É uma doença pra comunidade. Se bobiá eles pegam o próprio irmão e a mãe. Se tão na pedra já num tem mais jeito não. A gente precisa sabê até onde pode ir, senão vai pro fundo do poço. S9.

Neste depoimento o que se pode avaliar é a causa da frustração em não conseguir se sustentar sob a utopia. A desagregação de membros a este movimento coletivo é uma constante pela própria condição de risco em que vivem. Os que acabam como “excluídos dos excluídos” do sistema formal ou informal de trabalho têm como condição a sobrevivência sob o desalento do que não existe mais como ilusão. Quando as ruas passam a ser suas moradas, a fantasia se torna mais distante, ou inalcançável de emancipação. O imaginário fica condicionado pelo vício ou pelas mais deploráveis formas de subsistência. A indústria da dor não para e produz os novos mendigos, os novos “loucos” que se debatem pelas ruas de São Paulo. Já não existe mais casa que os abrigam e a comunidade da periferia torna-se um passado distante.

Um olhar reduzido pode trazer a impressão que esses trajetos dos manos sejam referências para o acervo histórico de populações reprimidas. Hoje, como os sujeitos que constroem uma identidade coletiva de resistência, deixam as ruas da metrópole ao passo ameaçado e acelerado. Segue a ansiedade em saber o que pode acontecer. A guerra civil já existe e pulsa camuflada. A fantasia que supera o caos das impossibilidades alimenta a causa e o não saber do destino. À medida que se constrói o futuro próximo, surgem dúvidas quanto ao percurso desses sujeitos, e se em suas trajetórias conseguirão se manter como os irmãos da grande comunidade.

2.3 Tecnologias versus cidadania .

A popularização das tecnologias traz um novo cenário na produção de informação. Como exemplo, a presença da videocâmara que possibilita a população fazer suas próprias imagens, e reproduzir aspectos cotidianos. A internet como meio de comunicação que mais viabiliza o acesso à veiculação da informação, produzida por cidadãos dos mais diversos setores e segmentos, traz em sua abrangência a ambígua formação de estímulo e frustração para o universo de jovens incluídos neste estudo . A integração entre espectador e mídia, ou seja, a acessibilidade que as pessoas, de camadas sociais privilegiadas, têm para expor suas idéias pessoais e profissionais trouxe significativas mudanças no universo da comunicação e nas relações sociais. O acesso às tecnologias traz novas formas de integração social, e revela a necessidade individual que as pessoas têm em se integrar em grupos.

Com o alargamento da comunicação em rede , o termo comunidade ganhou uma diferente consideração no cotidiano. Através dos serviços oferecidos pela internet, as comunidades passaram a serem associadas em sua dimensão virtual de identificação, e tem suas significações em torno das práticas de consumo da indústria cultural. As comunidades em que os limites não são determinados territorialmente, e se constroem a partir do consumo e dos lazeres programados, definidas como “comunidade estética” se despoja em fortes instrumentos da construção de identidades coletivas. Com as novas tecnologias, a formação de grupos de identificação tem em sua trajetória a intensa experimentação no final do século XX. (BAUMAN, 2003).

A construção da identidade e o cultivo da subjetividade na esfera digital propiciaram mobilidade espacial com a criação de espaços para integração coletiva. Os

blogs⁵⁴, sites⁵⁵ e portais como o Orkut⁵⁶ trazem interações sócio-culturais que estimulam a dimensão de formar comunidades, desenvolvidas através do processo em que as pessoas formam grupos e uma comunicação específica de identificação. Esta acessibilidade às novas tecnologias torna-se vetores de novas formas de agregação das pessoas que possuem maiores acessos, ao mesmo tempo em que acentua a desintegração social das classes populares. As diferentes tecnologias da comunicação se constituem em fortes instrumentos que trazem as mudanças culturais na sociedade contemporânea. A questão da materialidade⁵⁷ das tecnologias abrange uma consideração que vai além dos conteúdos transmitidos, e mostra significantes mudanças nas relações sociais a partir da imprensa escrita no século XV, da televisão no século XX, e agora no século XXI com os novos instrumentos tecnológicos aliados a internet.

⁵⁴ Um *weblog*, *blog* ou *blogue* é uma página da *web* cujas atualizações (chamadas *posts*) são organizadas cronologicamente (como um histórico ou diário). Estes *posts* podem ou não pertencer ao mesmo gênero de escrita, referir-se ao mesmo assunto ou ter sido escritos pela mesma pessoa. A maioria dos blogs são miscelâneas onde os *blogueiros* escrevem com total liberdade. O *weblog* conta com algumas ferramentas para classificar informações técnicas a seu respeito, todas elas são disponibilizadas na internet por servidores e/ou usuários comuns. As ferramentas abrangem: registro de informações relativas a um *site* ou domínio da internet. “O *blog* é concebido como um espaço em que o escrevente pode expressar o que quer na atividade da (sua) escrita, com a escolha de imagens e de sons que compõem o todo do texto veiculado pela internet. A ferramenta empregada possibilita ao escrevente a rápida atualização e a manutenção dos escritos em rede, além da interatividade com o leitor das páginas pessoais”. (KOMESU: 2004, p.110-119) artigo publicado no livro *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido* - Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

⁵⁵ Um *site* significa sítio na língua portuguesa. Na internet é um conjunto de páginas com hipertexto acessíveis geralmente pelo protocolo http da *web*. O conjunto de todos os *sites* públicos existentes compõem as iniciais (www) *world wide web*. As páginas num *site* são organizadas a partir de um básico, onde fica a página principal, e geralmente residem no mesmo diretório de um servidor. As páginas são organizadas dentro do *site* numa hierarquia observável no sistema digital nomeado como URL, que permite as interligações entre os conteúdos e controlam o modo como o leitor se apercebe na estrutura global, modo esse que pode ter pouco a ver com a estrutura hierárquica dos arquivos do *site*.

⁵⁶ O Orkut é uma rede social da internet, filiada ao site de buscas e e-mails Google, criada em 19 de janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro do portal Gooogle.

⁵⁷ O suporte material para Gumbrecht (1998), o principal polarizador da Teoria das Materialidades, esta constatação supera, e na prática já é considerada como paradigma normativo de pesquisa. O artigo, *Materialidades da Comunicação: Por um Novo Lugar da Matéria na Teoria da Comunicação*, de Erick Felinto, veiculado na revista *Ciberlegenda* Número 5, ano 2001, comenta que para falar em “materialidades da comunicação” significa ter em mente que todo ato de comunicação exige a presença de um suporte material para se tornar efetiva, e vai além da interação entre corpo e máquina, entre sistemas de pensamento humanos e sistemas binários, entre o real e o virtual e problematiza particularmente a teoria das materialidades, recorrendo a conceitos da imaterialidade; sugere que as novas tecnologias já estão promovendo o desaparecimento da cultura da imagem, assim como do corpo. Surge uma curiosa inversão, onde a materialidade das novas tecnologias determina um imaginário de imaterialidade para os sujeitos humanos. As fantasias sobre a transferência (*download*) de consciências humanas para computadores confirmam essa ideia (FELINTO, 2001).

A sociabilidade, definida a partir da mediação das novas tecnologias, desvela contradições que se dividem em posições antagônicas, entre o conservador e o fantasioso. A esta situação paradoxal, existe a crítica por ainda estarmos em uma descoberta para de fato melhor compreender as interferências desses processos; “A postura de aceitação entusiástica, de recepção festiva de cada novo *gadget* tecnológico é ingênua e irresponsável”, ao passo que as críticas conservadoras se apóiam na debilitação humana. Apontam o desaparecimento de espaços enriquecedores do diálogo e de comunicação. “É a posição nostálgico-restauradora, a mesma que inspirou diversos pensadores de cem anos atrás à recusa da industrialização, à destruição das máquinas, à rebelião contra o progresso⁵⁸”;

(...) as posições sobre o problema da arte de massa podiam ser divididas então em dois grupos. Os conservadores culturais condenavam seu aparecimento pela concepção bárbara e dependência às técnicas industriais, que ameaçava os valores culturais dominantes na sociedade. Em contraponto, os intelectuais progressistas tendiam a saudar a nova cultura, especialmente o potencial democrático e supunha contido em sua base tecnológica. (RUDIGER, 1999, p.66)

A inserção das novas mídias instaura um momento histórico que, além da modificação da relação entre tempo e espaço⁵⁹, encontra precedentes na invenção de um alfabeto específico de reconhecimento entre os usuários da internet. Esses novos modelos comunicacionais influenciam a segmentação mercadológica da cultura. Programas televisivos e *sites* na internet são feitos sob os parâmetros dessa lógica de “comunidades

⁵⁸ Haverá vida após a Internet? Artigo veiculado em mídia digital avalia a posição das novas tecnologias e a relação com as teorias. A respeito da Internet segue seu comentário: “a internet é uma esfera pública inteira, não como ambiente de discussão no sentido habermasiano, mas como mundo. Ela absorve aquilo que os alemães contemporâneos passaram a chamar de *Öffentlichkeit*, algo mais do que a esfera pública simplesmente: são as instituições, organizações e atividades - como o poder público, a imprensa, a opinião pública, o público, as relações públicas, ruas e praças - são uma experiência social comum, bem como uma discussão aberta, um trabalho discursivo de troca de opiniões e de convencimento. É tanto um acontecimento público, o ambiente em que se realiza como as pessoas que lá interagem. (MARCONDES FILHO, 2006).

⁵⁹ Sobre a questão do tempo e espaço é notória a relação que Saad (2003) faz em sua análise sobre os parâmetros físicos de medição; “[...] passam a funcionar no tempo e no lugar de cada um de das respectivas interfaces conectadas por uma rede de sinais elétricos.[...] O sistema técnico atual é dominado pelo transporte de informações entre computadores que, por sua vez, possuem a capacidade de controlar tempo e uniformizar as mensagens. O estado da técnica atual permite não só a unicidades dos tempos, mas principalmente a convergência dos momentos, não importando o estado físico e concreto de pessoas e lugares. A possibilidade de deslocamento sem sair do lugar, de estar no fato, opinar sobre ele e trocar experiências sem sequer sair diante da tela de um computador reposiciona a informação digital. Estaríamos diante de um novo espaço?” (SAAD, 2003 p. 234-236).

estéticas”, contextualizada na forma como os sujeitos recebem a informação, decodifica seu conteúdo e interagem coletivamente. A forma como as pessoas passaram a se comunicar não só acompanham as mudanças tecnológicas de comunicação, como registra o período vivenciado;

[...] as narrativas são maneiras de expressar e realizar nossa temporalidade, tornando-a tão objetiva quanto a certeza de nossa finitude e transitoriedade. São metáforas constitutivas de ordenação, de ritmos e seqüências seriais e causais. E se não são capazes de criar realmente uma duração, criam ao menos uma ‘ilusão de duração’. Assim, as estruturas narrativas são formas de estabelecer modulações e durações, arquetizando atemporalidade humana”. (COSTA, 2000, p. 41)

Os espaços de comunicação digital provam que o ciberespaço constitui um fator crucial no incremento do capital social e cultural disponível. Uma vez uniformizado o formato digital, todo conteúdo, ou seja, quaisquer informações podem ser sintetizadas em qualquer lugar ou hora (SAAD,2003). Esta nova dinâmica da comunicação favoreceu a necessidade individual de integração com o coletivo. A convergência entre mídias, como a tevê digital e a internet reforçam uma percepção mais acelerada para decodificar as informações, ao passo em que também estabelece um distanciamento dos que possuem menos acesso.

A velocidade da informação tornou-se condição do desenvolvimento social, e se caracteriza como supra-urbana no sentido mais estrito da palavra, onde a rapidez caracteriza a volatilização e o imediatismo da informação. Megalópoles, como São Paulo, deixam as pessoas expostas a uma intensidade de estímulos sensoriais. As redes de comunicação mudaram a forma de participação social. A reprodução tecnológica, aliada a internet, permite que cada usuário possa se estabelecer, ao mesmo tempo, como emissor e receptor de mensagens nos mais diversos formatos.

Como exemplo, os celulares, e agora os smartphones⁶⁰ com as amplas tecnologias da comunicação transformaram a tradicional utilização do telefone para a sociedade, e trouxe significados diferentes para compreender as relações sociais. A questão do tempo e do

⁶⁰ A tecnologia smart mob tem características que tanto pode ser benéficas quanto destrutivas, pois muitas vezes é usada por ativistas de movimentos sociais engajados com políticas sérias para a democracia e por outros que coordenam ataques terroristas. Os smart mobs são tecnologias utilizadas como artefatos móveis de comunicação e computação penetrante, já que são acessíveis os microprocessadores.

espaço, já modificada com a vinda da internet, ficou ainda mais intensa, pelo fato de ser este um meio que acompanha o corpo em sua mobilidade espacial. A massificação do telefone celular traz novos e diferente sentidos culturais que ficam explícitos com a análise de várias práticas sociais.

A sociedade em rede que se consolida faz surgir inúmeros prognósticos do que ainda está por vir no universo tecnológico. Já se pode transpor a idéia do “pós-digital”; Já que a “transmissão da informação digital é independente do meio de transporte (fio do telefone, onda de rádio, satélite de televisão, cabo)” (SANTAELLA, 2001:24). A comunicação, após o desenvolvimento da eletricidade seguida pela informação transmitida por satélite e fibra ótica, disponibilizou, junto aos avanços dos formatos de aparelhos de telefonia - tais como os celulares com seus comandos, literais extensões ao corpo físico e subjetivo como *vibracall*, músicas, sons e imagens que associam as pessoas que estão em contato - o livre acesso à informação divulgada pela imprensa e por segmentos que fomentam a integração de movimentos coletivos.

As mídias contemporâneas têm suas influências na construção da cultura dos manos. A partir do avanço das tecnologias digitais, a forma de produzir a comunicação que se apropria de recursos tecnológicos de comunicação trouxe as mudanças na hierarquização entre os usuários e produtores. A exploração desses veículos, e também sua integração têm produzido efeitos sociais marcantes, dentre os quais destacamos a difusão de informação aberta e o ativismo político em rede; Um caso exemplar é o movimento zapatista que se tornou viável através de uma comunicação dirigida, com segmentos específicos, que somente a internet, a “sociedade em rede” poderia favorecer, no entanto, fica bem entendido, que é apenas uma minoria da população, considerada como formadores de opinião e intelectuais que se beneficiam deste meio. (CASTELLS, 2000).

No universo dos manos, os celulares têm suas peculiaridades como instrumentos de participação e integração de práticas sociais. O caráter móvel do telefone supõe que esses sujeitos como emissores e receptores estejam, na maioria das vezes, disponíveis e é comum acordo de ajuda entre eles por esta tecnologia. Para os que possuem o celular, esta tecnologia reforça estilos de vida integrados com o coletivo mesmo por ter em sua relação física a condição de ser dispersa.

Posso andá onde eu quisé tenho o apoio da comunidade a qualquer hora. Já deixo programado e é só chamar. Acho importante a gente podê se comunicá onde tivé, porque hoje não dá pra ficá sem. Tem muita bronca que a gente segura sozinho, mas se precisá de força sei com quem posso contá. Gosto de tê celular de bacana sim, mas é porque assim tem muito mais coisas que posso fazê. Se precisá de foto tem; Se precisá de escrevê numa parada que não dá pra falá também tem. São essas coisas. Acho que faz bem pra moral tê o que é bom. Mas nunca fico com um mesmo por muito tempo. As vezes até que circulo bastante... A correria não deixa ficá com o mesmo por muito tempo. Se tiver assim tô sempre trocando de número. A não ser que tivé mais no sossego, não precisá de correria. Ai sim a vida tranqüila. Ai, mas tamém sempre aparece algum mano que pode trazê zica, então tem que ficá esperto mesmo. (...) eu to ainda aprendendo a mexer com internet. Num tenho o domínio que uns mano que são chegado meu têm. Acho que é bom podê sabê o que acontece com as comunidades de outros lugar. Eu acho que pra quem sabe mexe dá pra fazer um futuro ali. Mas não é fácil tê sua casa com seu computador. Eu ainda num tenho não. Tenho amigo que tem mas tão só copiando cd e fazendo otras paradas. Eu acho que dá pra fazê site, acho que dá pra mudá muita coisa. Mas pra isso precisa de existi mais educação. A gente precisava era já tê aprendido tudo isso. Com celular é diferente porque é mais fácil ter. Agora Internet, computador precisa ter uma casa com tudo certo pra isso. Celular você usa em qualquer lugá já aconteceu de estar dentro de um buzão e precisá de ajuda que sem o celular eu não ia conseguir não. S10.

A interferência que os celulares têm no espaço público também caracteriza novas práticas sociais. As conversas entre este segmento de jovens das classes populares são constantes enquanto estão nos ônibus ou em outros espaços que exigem uma conduta pública de sociabilidade. A exposição de necessidades privadas tornou-se corriqueira forma de intervenções em espaços públicos.

A massificação do telefone celular tem significação ambígua nas relações entre os manos por resultar em aspectos tanto de inclusão como de exclusão na formação de identidade e movimento coletivo. Não possuir um celular influi diretamente em suas expressões cotidianas, desde as relações com o lazer e com a economia que movimentam.

O impacto das tecnologias deveriam suscitar à uma “sociodiversidade” global (SANTOS, 2000). Porém, as diferenças sociais engendram um não acesso para a maioria. A partir desses novos meios aliados a internet e o celular com suas várias funções surgem as dicotomias neste movimento coletivo, pois ao mesmo tempo em que amplia as esferas de comunicação dos que possuem, pauta um distanciamento entre os jovens que se identificam com a cultura dos manos e não têm o acesso as tecnologias que tendem a ser determinantes para a sociabilidade no cotidiano.

Com o processo de fragmentação cultural vivido na contemporaneidade, estas novas tecnologias potencializam a reunião de pessoas que se interessa por uma dada cultura. Esta

condição fortalece a identidade dos *manos*, ao mesmo tempo em que conquistam espaços para intercâmbios com comunidades de outras regiões do Brasil, ou mesmo com população de outros países. Como exemplo tem a comunicação que surge na internet, no entanto deve ficar esclarecido que nestes *sites* interativos existe a participação de jovens das classes populares que tiveram acessos ao ensino superior ou mesmo jovens de outras classes sociais que são integrantes da cultura *hip hop*.⁶¹

⁶¹ Nestes relatos ficam expostas as integrações de *manos* de diferentes regiões do Brasil e do mundo; “Falo aqui do sul, do Rio Grande do Sul onde a Nação escreveu seu nome na historia gaúcha n este dia 28 de maio de 2006. O barato foi tão loko que foi a parada mais certa e que deu mais certo na historia do movimento *hip-hop* aqui nos pampas, levando como proposta o debate de políticas publicas e onde o *hip-hop* esta nesta história toda de política, violência e construção de uma realidade mais justa e igualitária. (...) Aqui fica um salve para os mais de 600 *manos* e *manas*, guerreiros e guerreiras de verdade, ao *mano* Ismail, aí Ismail vagabundo, é nós daquele jeito, a Nação agradece e tu sabe disso. *Mano* Du R, Malik que correram que nem loko, *mana* Iza, sem palavras. Todos irmãos de Campo Bom, São Leopoldo, Canoas, Caxias, Viamão, Alvorada, Passo Fundo, Esteio, Pelotas, Novo Hamburgo, Porto Alegre, Cachoeirinha, Montenegro, Sapucaia, Taquara. Vocês são a Nação irmãos, muitos que não estavam lá, mas estão na luta todos os dias na mesma busca e construção da Nação. O povo no poder... Salve a união, salve os *manos* e as *manas* da Nação!” Valter é morador de Campo Bom no Rio Grande do Sul, estudante de pedagogia e ativista cultural. “(...) É aqui no meio do Sertão do Ceará, onde organizamos nossas idéias. Onde a cada dia batemos de frente com um sistema, que ainda nas suas raízes trazem os traços dos coronéis. Onde o povo vive uma pobreza dolorosa aos olhos de quem convive aqui. Mesmo sabendo que o que podemos fazer é muito pouco, mais é como se diz, fazemos nossa parte! De um lado, uma força na cultura vale mais do que qualquer tesouro. Mais do outro um povo que vive ainda hoje esquecido no tempo, cidades que não evoluíram, e que os governantes não as deixam evoluir de forma alguma.” Bob PTG é integrante da Zulunation Brasil e da Nação *Hip-Hop* Brasil do Ceará. Foi candidato a deputado estadual em seu estado nas eleições de 2006. Além dos vários *sites* nacionais como o Boca Forte, outros *sites* conectam *manos* de diferentes países e realizam entrevistas com rappers que procuram divulgar a cultura *hip hop* em casas de detenção de menores, como é o caso do rapper Dimenor. Segue trecho da entrevista em site organizado por rapper franceses; “Pensa que existe diferenças entre os movimentos *rap* e *hip hop* franceses e brasileiros? O pessoal confunde muito *mov rap* com *hip hop, rap* e apenas a juncao de 2 elementos de *hip hop*, o *mc* e o *dj*, mas seja no brasil, França ou marrocos o *rap* e o *hip hop* nunca tera diferenca de ideologia.” < <http://bocadaforte.uol.com.br/Portal/Conteudo/Index.asp> >.

Na minha comunidade nós fizemos um esquema para dividir uma banda larga. Tenho meu computador e eu meus manos tamo se aprimorando. A gente quer ter um espaço próprio, queremos falar mais do nosso bairro e também poder trocar conhecimento com os manos que tão em outros lugares. Acho que a Internet oferece muita coisa boa. Precisa sabê usá. Vou organizá um site com meus brothers. Nós discutimos bastante de política em Tiradentes, ou de qualquer outro bairro da periferia de São Paulo, os manos deveria ter mais atitude pra essas coisas. Acontece que a droga chama muita atenção, o dinheiro fácil também. E o que acontece é isso. Fico aqui na Santa Ifigênia e vejo as treta. Os mano só pensa em tê o celular de playboy, esquece da atitude, esquece da política. Tem muita gente competente na periferia. Acho que pra quem procura o caminho, querê conhecê melhor como fazer política consegue. Hoje pra isso a gente precisa da tecnologia. Eu to sempre buscando conhecimento pra podê expressá minhas idéias. Eu acho que o rap fala muito ser consciente, todo mundo canta, mas é difícil pô tudo em prática. O tráfico chama muita atenção, vi muito mano se perdê nessa situação. Tem muito projeto pra tirá os pivete do tráfico, mas é o próprio pai que põe eles no crime. Fica difícil reverte tudo isso. Mas tem muita gente boa na periferia que ta levando a atitude para os man o podê conseguí uma vida digna. Ter seu computador, ter seu celular... Acho que a gente precisa seguir o que os grandes conseguem. (...) Acho que a periferia é o lugar certo pra morá, num é fácil não mas a hipocrisia é menor. Mas a tristeza é dura também. Já nem sei quantos mano meu foram preso ou já morrer. E por isso que preciso ter meu zine de hip hop que acho que vai sê melhor se tivê em papel. Aqui em Tiradentes conseguir Internet não é complicado mas eu não sei como são nas otras perifeira. Deve ter menos gente que tem Internet. S7.

A internet ta aí, mais é muito poco os mano que sabe lidá. Acho que é coisa do futuro e acho que precisava tê mais espaço pra que gente podê aprendê. Tenho celular que pode conectá com Internet, tem muita coisa. Mas num sei direito ainda. Mas acho que é melhor resolvê tudo na real. (...) Até gostaria de podê vê as idéia; Já pensô pode trocar idéia com os Racionais... Seria bom, mas acho que isso são pros mano que tivero mais estudo. Sabe melhor fazê essas coisas, escreve bem. Tenho muito amigo que sabe, que tão no *hip hop*, são *rappers* e também grafiteiros. Que já me mostro muita coisa que dá pra faze com a Internet. Acho que ainda vai demorá um poco pra eu entendê e usá direito. Na minha comunidade meus mano me dão uns toque. Acho que vale pra moral também, né? Você tem que sabê trocar seu conhecimento. Acho que se minha comunidade tivesse um site alguma coisa assim daria pra concretizá muita coisa que o governo fala que a periferia vai tê e num tem. Televisão digital seria ir ado mas ouvi dizê que precisa tê Internet. O Lula falo que vai tê no Brasil, mas acho que antes a periferia precisa tê mais recurso pra isso. Pô a maioria só assiste a Globo, a Band e Record. S9 (...) Só programa que não leva a nada. Poco fala da real do país. Novela então sempre mostra uma periferia que não tem nada a vê com a real. Acho que as pessoa pra fazê um programa pros mano precisaria mesmo é viver um pouco na favela pra sabe o que rola na veia da periferia . S8.

Os impactos da internet, da TV digital, assim como as mídias portáteis; O celular, *palmtop* e *smartfone* têm uma representação que vai além da funcionalidade que propicia as pessoas a se comunicarem de forma rápida e em tempo real. No universo dos manos, a relação que esta população tem pelo fato de possuir tecnologias, ou seja, o acesso a um

instrumento de comunicação tem forte influencia na inclusão social por sua dimensão de mercadoria que provê a qualidade de status. A dimensão do consumo dos meios de comunicação ganha mais espaço à medida que a pressão fantasiosa da “cultura ter e possuir” influencia imaginários. O acesso às tecnologias da comunicação são formas de integração enquanto necessidades criadas que modificam as relações sociais. A força que esses novos meios de comunicação possui na construção da dimensão da fantasia apresenta significados na construção da identidade dos manos em suas expressões cotidianas.

Não só mano, mas quem não ta na sarjeta precisa ter celular. É uma condição de não sê excluído. O sistema exclui e precisa mo levantá com consciência. Ter atitude é sobrevivência. Todo mundo que ta no crime se não tiver celular tá de fora. Se ta de acordo com o comando precisa tê. Se ta na rua e precisa vendê mercadoria também. Eu tava com dois computadores em casa, mas rolou treta com uns mano e to sem nada agora. Meu objetivo é levantá de novo esta grana porque levo a serio a instituição que vô tê. Tem gente grande que me apóia. E outra coisa importante é podê fazê intercâmbio com internet você conhece a real de otros países , e eu penso um dia podê conhecê. Como te falei primero preciso me aprimorá. Depois chega a revolução. Acredito que vou ficar aqui pra mudá muita coisa. Vô vê o tempo passá... E vô ta aqui forte porque me cuido e não uso droga. Hoje tenho este celular que é bacana, mas isso não nada, isso é só coisa de luxo, coisa do ego pra se senti na real. Mas se me perguntar do que sinto falta, digo que é da mulher que tive. O pior é que não posso falar nada dela. Ela me dava amor e muita coisa boa. Não tenho nada pra reclamá dela. Ela foi embora por causa das companhia errada que eu tinha. Não sabia escolhê... Agora num vascilo mais não. Fico de grau com todo mundo. Não é porque tão no hip hop que num faz mais nenhuma fita errada. O hip hop traz a consciência de muita coisa mas tamém num é todo mundo que segue. Fita errada não dependente do estilo. Tem mano que curte samba, black, funk e se você vascila te sacaneiam. Pode ser o que fô eu admiro a turma do hip hop. São mano que dão um show, mas também sacaneiam, É a real e na minha casa vejo bem quem devo colocá, porque mano sacaneia mano também. S1.

A influencia das tecnologias faz parte do conjunto de conceitos que torne possível definir o universo desta população e suas ações coletivas, já que para viver a cultura do hip hop, as tecnologias também se fazem presentes. Este segmento de jovens das classes populares se apresenta hoje como uma força explosiva pelo número de pessoas envolvidas em um movimento coletivo, assim como, pela transgressão de valores e posturas determinadas pela sociedade tradicional. No Brasil, o espaço que o hip hop ocupa na mídia é insignificante se comparado com a popularidade conquistada nos Estados Unidos, o que também traz precedentes negativos às bases ideológicas do movimento. Nos bairros populares e na periferia de São Paulo a mobilização do hip hop, enquanto instrumento

educativo para os jovens, ainda é silencioso e vista pela maioria das autoridades como inadequada.

O que se pode dizer sobre o impacto das tecnologias nas relações sociais e na subjetividade que caracterizam a participação dos jovens, levando em conta a especificidade do processo comunicativo digital, é que ainda são incipientes para a maioria como novas formas da chamada democracia eletrônica, marcadas pela possibilidade de novos tipos de participação nas práticas sociais.

A forma como este segmento de jovens das classes populares adquire conhecimento e comunicam o que foi adquirido não tem grande significação em seu contato com as tecnologias. É através dos encontros pessoais que demonstram o pensamento individual, ou coletivo como campo de ação e reação da identidade que constroem. Não são receptores passivos; eles possuem uma margem de autonomia para produzir e comunicar “representações”. O cotidiano é o espaço onde fazem suas críticas, seus comentários, trocam idéias e decidem suas escolhas que determina a existência de sua identidade formada como resistência por meio das representações. É através dos trajetos da vida diária desses jovens que foi possível levantar os fatos que caracterizam a consciência que possuem para construir um movimento coletivo.

Nestes trajetos cotidianos, entendendo-o como objeto de uma programação, cujo desenvolvimento é comandado pelo mercado, pelo marketing, pelo sistema de equivalências estão pautadas as grandes decisões que modificam a realidade. A cotidianidade aparece como critério decisivo de mudança, onde é efeito e causa de cada uma das resistências que surge como busca de satisfações. Causa por ser o obstáculo, ser o que é preciso vencer, e efeito por resultar pressões e opressões.

Esse jogo complexo de resistência, escapatórias, opressões e apropriações trazem a significação da realidade construída que é avaliada nesta pesquisa.

Essa vida de pegá buzão é dura. Prefiro trabalhá aqui co m a comunidade. Num fico mais de treta, e nem ando mais virado. Trabalho com as mercadoria que é o que me sustenta. Tô bem cuidado... Bem cuidado por Deus e também pela minha comunidade. Se precisá de ajuda é só teclá aqui no meu celular que alguém já chega pra me ajudá. Fico esperto e tomo muito cuidado com tudo. Fico o dia todo assim: a mil grau. Já fiz muita fita errada junto com uns parceiro que nem aqui tão mais. De buzão em buzão começamo até ficá meio manjado pelos motorista. Meu anjo da guarda já vascilô comigo uma vez só, mas foi o que me fez saí dessa vida e to aqui. Já pensei em tê um emprego mesmo, mas quem é da favela é mui difícil arranjá. E quem tem, com certeza, ta sendo explorado. As vaga já são tudo prometida. Pra mim num existi emprego bom não. S10.

O cotidiano e a condição de vida dos manos têm significativa abordagem por contribuir e esclarecer elementos importantes para avaliar suas expressões. Explorar o campo da cotidianidade de uma grande metrópole como São Paulo mostra o universo da comunidade da periferia que é composta por sujeitos oriundos de populações excluídas, marcadas pela condição de pobreza, pelo cotidiano da violência e da situação de risco.

Devido à importância do movimento coletivo dos manos no contexto atual, mais precisamente no cotidiano, torna-se quase impossível desassociá-lo da luta pela democracia, em todos os sentidos, e pela conquista da cidadania. No que se refere às grandes desigualdades sociais presentes em sociedades como a brasileira, o estágio atual de desenvolvimento da civilização considera a noção de cidadania como existência e exercício dos definidos direitos públicos. As condições e acessos dos moradores da periferia mostram que tal noção de concretizar um cotidiano com os direitos usufruídos por todos, são apenas por grupos mais organizados.

O que parece claro é que a questão da cidadania e do respeito aos direitos humanos fundamentais continua com significados atrelados em contradições. Para trazer o sentido da cidadania para uma realidade concreta precisaria haver rupturas com os princípios liberais clássicos que respaldaram a não confrontação com as desigualdades sociais já que a perspectiva da transformação social passa necessariamente pela conquista da cidadania.

A cidadania, definida pelos princípios da democracia, se constitui na criação de espaços sociais de luta (movimentos sociais) e na definição de instituições permanentes para a expressão política (partidos, órgãos públicos), significando necessariamente conquista e consolidação social e política. A cidadania passiva, outorgada pelo Estado, se diferencia da cidadania ativa em que o cidadão, portador de direitos e deveres, é essencialmente criador de direitos para abrir novos espaços de participação. (VIEIRA, 1999, p. 250)

A cidadania é necessária e representa um estágio de desenvolvimento que garantiu e continua a garantir instâncias democráticas de participação e de respeito aos direitos individuais e coletivos. É possível e, desejável que se busque o equilíbrio entre a chamada cidadania passiva – e que nem sempre foi passiva, mas fruto de muita luta social – e a chamada cidadania ativa, mais participativa e plural.

A prática da cidadania depende da “reativação da esfera pública”, onde os indivíduos possam agir coletivamente e deliberar em conjunto sobre assuntos que afetem a sua realidade, o seu cotidiano. Neste processo, o papel do Estado tem apresentado formas significativas de mudanças em contextos sócio-políticos, econômicos e culturais diversificados, principalmente ao que se refere ao universo das classes populares. Entretanto, essas mudanças só são significativas quando comparada a gestão de governos anteriores por ainda ser incipientes diante da proporção das diferenças sociais brasileiras.

Existe uma ligação estreita da cidadania com o Poder Público, é por esse motivo que alguns segmentos buscam tirá-la da responsabilidade estatal. A cidadania é necessária e representa um estágio de desenvolvimento que garantiu e continua a garantir instâncias democráticas de participação e de respeito aos direitos individuais e coletivos. É possível e, desejável que se busque o equilíbrio entre a chamada cidadania passiva – e que nem sempre foi passiva, mas fruto de muita luta social – e a chamada cidadania ativa, mais participativa e plural.

A prática da cidadania para este segmento de jovens das classes populares depende da reativação da esfera pública, onde esses sujeitos possam agir coletivamente e deliberar em conjunto sobre assuntos que afetem a sua realidade, o seu cotidiano, sem descuidar da integração na sociedade.

A ativação de programas sociais, sobretudo aqueles que exploram a cultura do *hip hop* como instrumento de participação social, devem estar engajados com práticas que contribuem para o exercício da cidadania. Tais projetos, cujas iniciativas partem dos mais diferentes e às vezes antagônicos setores, pela diversidade e seriedade quanto às propostas e objetivos a serem alcançados, podem verdadeiramente contribuir para a formação e criação de *espaços públicos*. Um “*espaço*” capaz de reunir interesses comuns, criar laços de fraternidade, ou seja, capaz de subverter a ordem estabelecida e refazer o percurso de um

cotidiano marcado por conquistas coletivas. ou seja, capaz de subverter a ordem estabelecida e refazer o percurso de cidadãos. (DAGNINA, 2002)

No Brasil, a conquista dos espaços públicos como direitos ao exercício da cidadania é ainda mais difícil de ser observada e pode ser considerada como uma questão de “estratégia política” (CRUVINEL 2000). Tal consideração está implícita no reconhecimento das desigualdades sociais por ser essa uma realidade que mostra as diferenças e o não respeito aos direitos de cidadania principalmente quando se trata das classes populares.

A condição do exercício a cidadania se mostra em contradição por ser, na verdade, uma luta pela legitimação, construção de um novo conceito de democracia, tendo em vista que a sociedade brasileira possui suas particularidades. Não podemos esquecer a origem colonial e a situação de dependência que vigorou por séculos, afetando a formação social e delineou o perfil do país, com marcas profundas no pensar do coletivo social e no cotidiano das pessoas.

É relevante para o estudo da identidade deste segmento de jovens das classes populares, considerar que neste processo de transformação da sociedade que se organiza em rede, mais uma vez a questão do exercício a cidadania precisa ser repensado . A cidadania presente em discursos políticos e com pouca aplicação prática se traduz na condição de sobrevivência deste segmento de jovens das classes populares, pois o fato de não ter trabalho ou tê-lo sem vínculos empregatícios previstos na legislação, traz o duplo estigma de vagabundo e não-cidadão, como se este fosse um entrave da progressiva melhoria do país à luz do desenvolvimento dos diversos setores produtivos nacionais .

A análise crítica do processo das inserções da tecnologia e da reestruturação produtiva afetou a realidade do trabalho, da organização social. Os homens são afetados indiretamente nas relações inter-pessoais, familiares e amigos e diretamente, pela falta de oportunidades de emprego e a conseqüente marginalização.

O que parece claro na questão do trabalho no mundo contemporâneo é que ele ainda ocupa centralidade na vida das pessoas. O espaço do trabalho que, nas sociedades anteriores ao capitalismo, era caracterizado pelo labor da vida diária, atualmente, na sociedade contemporânea este labor deixou de ser uma forma de cultivar o universo da

subjetividade. O trabalho passou a ocupar o espaço para os interesses imediatos e um não poder pensar no amanhã.

A produção, e também a relação do trabalhador com o tempo e espaço tem suas modificações com o novo desenho de organização do trabalho suplantado pelas novas tecnologias da comunicação. Nesta rearticulação do capitalismo com a reestruturação produtiva, a crise do trabalho traz o conseqüente controle da subjetividade que impera como paradigma produtivo em que o conflito entre a objetividade e subjetividade se acentua ao mesmo tempo em que aumenta as distâncias entre incluídos e excluídos do sistema de produção formal e também informal.

Neste controle da subjetividade, a partir de uma reorganização social do trabalho, com a forte presença das tecnologias digitais de produção, o trabalhador passa a conviver com os precedentes gerados pelas mudanças e contradições do novo cenário do mercado de trabalho, tais como: A diversificação das formas de empregabilidade; A dispersão e alocação de recursos dos mercados internacionalizados; As diferenças entre o trabalhador qualificado, o e menos qualificado; O desemprego como fator de precarização das relações trabalhistas.

Esse controle da subjetividade estimula a “individualização” em contraposição a “singularização” (HELLER, 1972). Esse processo tem como objetivo fragmentar, e trazer o enfraquecimento dos trabalhadores. As necessidades individuais ocupam o espaço do humano-genérico. A centralidade do trabalho que se reafirma em estilos individualistas estimula a competição desenfreada, a fragmentação e a exclusão social.

Objetividade e subjetividade não se contrapõem, se complementam. O controle da subjetividade enquanto paradigma produtivo tem como um de seus aspectos a produção entre as questões objetivas que são inerentes ao universo exterior, ao mundo, e a subjetividade como experiência individual.

A questão trabalho, com a centralidade e multiplicidades de formas produtivas, tem suas conseqüências sobre a subjetividade da classe trabalhadora, e desencadeia outras novas categorias da questão trabalho na contemporaneidade como o lazer e o tempo livre.

A permanência de obstáculos de âmbito coletivo, tais como desemprego, violência, corrupção na burocracia estatal entre outros propicia a formação de agrupamentos sociais

dentro da própria sociedade, e estes, baseados na relação entre pessoas, promovem seu próprio sistema organizacional.

Desta forma, reconhecer uma cidadania universal⁶² fundada na fraternidade, na igualdade – independentemente da diferenciação econômica entre as pessoas – e na liberdade – que está mais direcionada aos liames políticos – como um meio de suprir a distância entre os indivíduos devido às particularidades políticas e econômicas, torna-se um paradoxo.

Apesar do quadro social brasileiro não apresentar grandes mudanças, podemos notar que pessoas, instituições e algumas administrações públicas, preocupadas com a realidade existente em nosso meio, tentam de diversas maneiras fazer com que o Poder Público ouça as queixas, por vezes silenciosas, destes setores à parte do núcleo social, dotando-os de oportunidade para se manifestarem, na expectativa de promover o senso crítico e participativo deste segmento de jovens, que em particular sofre pela sua marginalização na esfera empregatícia em geral, por serem subestimados enquanto cidadãos, ou seja, como sujeitos capazes de melhorar a comunidade em que vivem. São os responsáveis por si e pelos outros, gerando uma melhoria individual e conseqüentemente coletiva, baseadas no interesse comum, tendo com ponto de partida a criatividade, que é independente do caráter sócio-econômico para existir, mas que é subjugado por este para fazer-se notar.

⁶² Os direitos de cidadania podem ser agrupados segundo o período em que foram reconhecidos constitucionalmente, portanto, quando houve certo consenso mundial em torno da legitimidade e da universalidade desses direitos. A classificação usual que é utilizada por juristas e cientistas sociais, fala em três etapas ou gerações:

1ª geração: Direitos civis e políticos – ligados aos direitos individuais de liberdade (direito de ir e vir, à propriedade privada, à segurança) e também à possibilidade de participação na formação política do Estado (direito de voto, plebiscito, organização de partidos políticos);

2ª geração: *Direitos sociais* – ligados aos direitos do homem trabalhador (férias, repouso semanal remunerado, licença-maternidade etc.) e do homem consumidor de bens e serviços (assistência e previdência social, moradia, educação, serviços médicos), surgidos a partir das lutas do movimento operário e sindical;

3ª geração: *Direitos de solidariedade ou fraternidade* - mais recentes, que estão relacionados com os novos movimentos sociais, voltados para questões ligadas ao meio ambiente, à autodeterminação dos povos, ao desenvolvimento sustentável, à proteção de grupos excluídos e/ou com maior risco social (mulheres, crianças e adolescentes, idosos, minorias étnicas, homossexuais etc.), portanto mais afetos à noção de cidadania, como concebida e entendida nesta dissertação.

2.4 A identidade forjada pela mídia

[...] neles (os meios de comunicação) não apenas se reproduz ideologias, mas também se faz e refaz a cultura das maiorias, não somente se comercializam formatos, mas recriam-se as narrativas nas quais se entrelaça o imaginário mercantil com a memória coletiva (MARTIN-BARBERO, 2003p. 63)

A informação, como instrumento dos direitos públicos e fonte geradora de conhecimentos e valores, é representada por uma pequena parcela da produção cultural brasileira. A forma como são disseminados os valores culturais na sociedade contemporânea mostra a necessidade de criar mecanismos que programem uma política renovada para a utilização dos meios de comunicação. Ainda que se seja utópico, conseguir efeitos positivos na economia e, ao mesmo tempo associar a cultura e comunicação como causa sócio-educacional, deveria ser um desafio mercadológico necessário para evoluir sob os parâmetros da visão humanista de produção; Como um conjunto de concepções, de valores, de percepções e de práticas compartilhadas que estabelecem uma “visão do todo, e particular da realidade” (CAPRA, 1982).

Considerar que a evolução das relações humanas precisa estar envolvida nesta ótica de desenvolvimento é fato, mas será que existe a possibilidade de imbuir à sobrevivência das empresas de comunicação a dependência de uma política educacional renovada, que fomenta o conhecimento e prospere integração para as classes populares? De forma silenciosa, o conceito da necessidade de organização do mundo, segundo um conjunto de crenças e valores que não acumule interesses e investimento de capital por único sustentáculo ganha considerações em debates por parte das organizações, geralmente incluídas no Terceiro Setor, que visam à sobrevivência da humanidade como um todo. Junto a este conceito se inclui o chamado desenvolvimento sustentável, que na prática é utilizado, por parte das empresas e grandes grupos econômicos, mais como forma de fortalecimento da lógica consumista. Não obstante, questiona-lo em sua dimensão utópica sustentaria a esperança de uma mudança que pode vir a surgir através da crítica aos

precedentes, considerados negativos do sistema imposto, e assim, alcançar uma intensidade de força que seja arrebatadora às ações de opressão e violências das relações sociais.

Mais como supressão de garantias, os indicadores econômicos de grandes empresas dependem de uma produção sob a “ótica sustentável” que inclua a “responsabilidade social”. Transpor esta dinâmica de produção para as empresas de comunicação incluir a questão do conhecimento e crítica para as classes populares seria uma atitude reveladora para o mercado globalizado, onde a necessidade em reduzir as distâncias entre as classes sociais tornou-se cada vez mais emergente.

Enquanto a estrutura social que mais e mais se reveste de feições sistêmicas e mundiais conservar-se antagonística e assim perpetuar as contradições que definem seu modo de ser, todavia deve-se considerar também que há uma possibilidade de mudança. Dentro do presente estado de coisas, hoje ou amanhã podem surgir situações que, provavelmente venham a ser catastróficas, mas também podem restaurar a possibilidade de uma ação prática hoje obstruída. (RUDIGER, 1999, p.41)

Já pode ser considerada tardia a falta de investimento em políticas públicas para os meios de comunicação assumirem responsabilidade na educação popular. Assim como formulam leis de responsabilidade social, que cada vez mais são cruciais para as empresas terem a confiança de seu público consumidor, a mídia também deveria ter um mesmo marco regulador das opressões, da fantasia e da alienação contidas na produção da cultura e comunicação. Os esforços de organizações, movimentos sociais e instituições foram reunidos para uma avaliação das condutas que envolvem uma política renovada de produção de conteúdos relevantes para fomentar o conhecimento em uma perspectiva crítica⁶³.

⁶³ O governo federal estabeleceu no dia 2 de dezembro como o prazo para que a rede de televisão pública brasileira comece a operar. “A informação é do ministro da Secretaria de Comunicação Social, Franklin Martins. “Queremos que em 2 de dezembro, quando o sinal digital entra, já ter esse embrião de rede começando a funcionar e em processo de integração com as demais emissoras nos estados”, afirmou o ministro em entrevista coletiva hoje (8) após a abertura do 1º Fórum Nacional de TVs Públicas. O presidente da Associação Brasileira de Canais Comunitários (ABCCom), Fernando Trezza, destaca que a TVE tem uma “grande capilaridade” no país por meio das retransmissoras localizadas em várias capitais. Ele diz que as televisões comunitárias estão “encarando com bons olhos” essa nova rede de TV. “Acreditamos que essa rede vai se fazer inclusive com a participação dos conteúdos que já são veiculados pelas TVs comunitárias, ou seja, conteúdos do terceiro setor”. (...) “A TV digital poderá trazer novas oportunidades para a rede pública de televisão que o governo pretende criar. Segundo o secretário executivo do Ministério da Cultura, Juca Ferreira, o novo sistema será decisivo para ampliar a oferta de conteúdos culturais e educativos e proporcionar

As iniciativas em investimentos sócio-educativo para as classes populares vêm tomando certa proporção à medida que crescem as pressões sociais no âmbito da violência, inserindo o acesso a segurança e condições adequadas para esta população não viver em condição de risco, já que os guetos representam lócus da criminalidade. Como resultado destas exigências, temos alguns avanços com projetos que envolvem a comunidade com programas de rádio, emissoras televisivas e espaços para integração cultural ⁶⁴. Além desses meios comunitários, temos alguns exemplos bem sucedidos que se encontram em tevês educativas como a TVE, SESC TV, TV Futura, TV Cultura e alguns outros canais que podem ser acessados na capital paulistana.

Embora essas emissoras com maior abrangência incluam em sua programação conteúdos sócio-educativos, o acesso e a forma como são divulgados os programas atingem, basicamente, um público considerado como elite ou formador de opinião. Há a ausência de emissoras de tevê, com sinal aberto para uma ampla difusão interessada em evidenciar a cultura da periferia e os movimentos coletivos das classes oprimidas. Quando os temas noticiosos abordam a questão da vida nos guetos, e a cultura do *hip hop*, entre outras representações deste universo, os programas geralmente não mostram a realidade concreta do cotidiano desta população. A maioria dos manuseios envolvidos nesta pesquisa revela que a realidade abordada pelas emissoras tradicionais - os programas e seriados como “Antonia”, “Periferia” e “Cidade dos Homens” ambos veiculados na TV Globo, assim como a novela “Vidas Opostas” da TV Record - geralmente são reduzidas ou fantasiosas. As formas superficiais de apuração sinalizam um repensar em atitudes para superar as falhas nos

uma programação alternativa à das emissoras privadas. Para Juca, a interatividade e a convergência com outras mídias, como os telefones celulares e a internet, serão algumas das grandes inovações da nova televisão pública. “Muita gente acredita que a tevê pública será apenas uma soma dos conteúdos oferecidos pelos canais não-privados, mas, na verdade, é muito mais do que isso”, avalia o secretário, um dos organizadores do 1º Fórum Nacional das TVs Privadas, que promove reunião em Brasília até a próxima sexta-feira (11). Informações veiculadas em 09/05/2007 na Agência Brasil. (ANDRADE e REBELO, 2007, on-line)

⁶⁴ Cidade Tiradentes conta, hoje, com uma biblioteca comunitária graças ao esforço do Grupo Força Ativa, uma organização local de jovens ligados ao movimento hip-hop. Outro grupo toca um núcleo de produção audiovisual, resultado das oficinas realizadas pela organização Kinoforum, iniciadas em 2001. Curtas-metragens pensados, produzidos e dirigidos pelos adolescentes do bairro, já participaram de festivais no Brasil e no Canadá. Agora, eles já pensam em criar um canal comunitário de TV. O Itaú Cultural com parceria a Obore, organização de incentivo a radiodifusão, desde setembro de 2003, passou a ser um articulador de gente que faz ou quer fazer rádio comprometido com a diversidade cultural, dedicado a apoiar novos caminhos para a educação e inclinado às causas de interesse público. <http://www.obore.com>
O Fórum Cinema de Quebrada, um coletivo de iniciativas de produção audiovisual em bairros da periferia realizou em 2006 uma mostra dos trabalhos realizados em oficinas de vídeos no Centro Cultural São Paulo (AUGUSTO, E. 2006).

programas que retratam a vida na periferia de grandes centros urbanos. A necessidade de uma programação que seja efetiva e diária para atender as necessidades dos jovens das classes populares deve ser incluída neste processo de alargamento áudio-visual, com a tevê digital.

A criação e ocupação de espaços em bairros da periferia onde os jovens se expressam e posicionam suas intervenções tem pouco apoio dos órgãos oficiais. Os projetos sociais organizados pelos próprios membros dos grupos de hip hop, com os recursos da dança, do grafite e da música, constroem, em meio aos obstáculos, pontes que são referenciais da arte como forma de sair do contexto da criminalidade. Com uma linguagem aproximada às necessidades da comunidade, os *rappers* como atores sociais procuram criar um espaço próprio para troca de conhecimentos adquiridos, já que representam a comunidade da periferia.

O *hip hop* como recurso pedagógico de cultura para a periferia se manifesta por expressões que são vistas, pela maior parte dos órgãos oficiais, como indevidas. A dança de rua, o grafite e o rap são meios que usam a comunicação em três dimensões; A arte exteriorizada em desenhos e frases, as letras de música, e a dança, o *break* que mostra a resistência que se pode alcançar na gravidade; Fonte de expressão da força física em movimento e resistência. Com esses instrumentos, o *hip hop* introduz um discurso de oposição e crítica às injustiças e ao sistema político, econômico e social. Esta é a “mídia radical” dos *manos* que dão os novos significados às identidades das classes populares. A questão da segregação espacial, o fato de viverem na periferia com a condição de *po breza* e discriminação racial por ser a maioria afro descendente, assim como o constante combate a violências e violações de direitos, e as informalidades do trabalho são expressas no *hip hop* como resistência para uma busca de significados e enriquecimento cotidiano.

Assim os poucos espaços para o *hip hop*, como instrumento de participação social e integração da cultura dos *manos*, formam esferas de manifestações desses sujeitos que muitas vezes não são respeitadas por órgãos oficiais⁶⁵.

⁶⁵ Virada Cultural se transformou em campo de batalha no centro de SP. No dia 06 de maio de 2007, durante show de *hip hop*, tiroteios e bombas de gás lacrimogênicos foram utilizados pelo comando da PM para dispersar cerca de 3 milhões de pessoas que participaram do evento inteiro durante a madrugada, ocupando todo o centro de São Paulo. Para o tenente Ricardo Mendonça, da unidade da Sé, os Racionais incitaram o público contra os policiais. De acordo com o senador Eduardo Suplicy (PT-SP), que chegou ao palco às 3h e saiu durante a confusão, a atitude da PM foi "exagerada". O político já acompanhou o Racionais em outras

A intervenção policial em eventos culturais que envolvem o *hip hop* é constante. Durante as entrevistas com os jovens, que são os sujeitos representativos desta pesquisa, a preocupação para esclarecer em fatos concretos uma aproximação aos estudos de como é a condição de viver em situação de risco social, e também com o preconceito social esteve presente. Entre as respostas que demonstram as relações deste segmento da população com policiais ficou evidenciada a questão da guerra já existir e que o crime organizado continuará se manifestando até quando precisar⁶⁶.

A cada três meses sempre vai te um alerta, uma chamada do PCC. A guerra deve continuá, eu transporte uma arma de Santos até aqui para a facção porque se não existir o crime organizado quem é que vai defender as pessoas que tão morrendo na periferia. (...) As exigências do crime organizado não fica só pra condição dos presos, é pra sobrevivência da comunidade. Tem muita razão e moral porque sem tráfico, não tem dinheiro na periferia. Sem dinheiro todo mundo morre de fome. A polícia só pensa em matar, chama a gente de bandido. Bandido são eles, e o pior é que ficam de coitados nessa história toda. Se levantarem o quanto já mataram, e o tanto de mano inocente que já morreu, vão ver que a violência está bem ali. Só olham pro umbigo deles. Tira proveito do poder que tem; Matam, roubam, traficam. Eles não sabem que o crime deve existir por uma justa causa. A sobrevivência da periferia depende do crime. S11.

A origem e condição dos jovens entrevistados são, em sua maior parte, marcadas pelo paradoxo de carência e impossibilidades para concretizar projetos de vida e realizar sonhos de consumo. As supostas e sedutoras necessidades que a indústria cultural determina influenciam estilos de vida e imaginários. Há uma valorização da malandragem que faz sucesso na mídia norte-americana. As manifestações culturais dos *rappers* no Brasil não chegam a ter a opulência fantasiosa conquistada no mercado *hip hop* dos Estados Unidos. A roupagem fetichista que incorporaram aos *rappers* americanos, que fazem sucesso, atrai grandes investimentos com um público cada vez maior. Se assemelhar ao estilo americano é notória estratégia para a produção musical brasileira que investe nesta

ocasiões. "Nunca tinha visto a praça da Sé tão cheia. Mas, olha, os PMs estavam mais nervosos que o público e usaram mais força do que necessário." Informações veiculadas na Folha Online (MUNIZ, D.2007, on-line).

⁶⁶ Quatro bases da Polícia Militar de São Paulo foram atacadas entre a noite de segunda -feira (7) e esta terça -- uma no interior e três na Grande São Paulo. No próximo sábado (12), o maior ataque do crime organizado contra as forças de segurança de São Paulo completa um ano. Para marcar um ano dos ataques, o Cremesp (Conselho Regional de Medicina de São Paulo) marcou para quinta -feira (10) um ato público chamado de "Tragédia de Maio: um ano depois", para tratar das medidas tomadas e balanços das entidades e autoridades. De acordo com o Cremesp, a onda de violência no Estado resultou em 493 mortes por armas de fogo em apenas uma semana, em maio do ano passado (FOLHA ONLINE, 2007, on-line).

linguagem. Estas interferências trazem obscurecimento no conceito de movimento coletivo de resistência aos precedentes das distâncias entre as classes sociais.

Viver no contexto da periferia no Brasil, especificamente na capital paulistana é uma condição que traz para a realidade concreta o sentido literal da frase “Em São Paulo ninguém é inocente” título do livro de Ferréz⁶⁷, expoente da cultura dos guetos da metrópole. A responsabilidade que as classes privilegiadas têm com a incitação a violência, em seus vários sentidos, está presente em cada expressão do movimento coletivo que aqui é questionado. O contato com os manos mostrou o quanto eles foram, e ainda são vítimas de aspectos violentos do processo social. Portanto, não podem ser visto de forma isolada como causadores e responsáveis pela violência.

A questão da criminalidade entre este segmento de jovens não deve ser desassociada do contexto histórico da sociedade brasileira. A forma de produção do capital inclui a exploração e a exclusão social, econômica e política desta população. O movimento coletivo dos manos e suas expressões são resultantes de um processo secular de exploração da produção do trabalho, e outras formas de opressão, forjadas pelo contexto das necessidades culturais que são criadas e representam violências simbólicas e concretas para esta população.

Historicamente, o Brasil tem suas marcas desde o início pela segregação, pela exclusão, e pela discriminação de populações oprimidas. É neste contexto que os jovens que têm sido deixados à margem, representam um contingente significativo. Os movimentos coletivos de jovens não têm sido alvo de políticas sociais públicas. A preocupação em incentivo a projetos sócio-educativos às juventudes marginalizadas é representada por uma pequena parcela de gestores públicos. Os grupos juvenis que conseguem propor formas de organização para a construção dessas políticas e terem representação política nas áreas governamentais e não-governamentais formam uma minoria que busca necessidades do exercício para adquirir e reforçar vivências democráticas com ocupações em espaços no cenário político. As formas de reunir interesses da comunidade da periferia⁶⁸ refletem um importante contexto no qual o aumento

⁶⁷ Ferréz. **Ninguém é Inocente em São Paulo**, São Paulo: Objetiva, 2006

⁶⁸ Jovens que representam a comunidade da periferia organizam debates em uma comunicação dirigida para as necessidades da população. Foram selecionados três sites onde se questiona a inserção de jovens negros e

do envolvimento de jovens em políticas públicas, e como alvo dessas políticas, pode ser reforço de consistência na cidadania e no processo de um novo conceito democrático.

Assim, o movimento dos manos com a utilização da linguagem do hip hop tem como objetivo principal mostrar os precedentes da desigualdade social, e assim, “o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes” (BAKHTIN, p.46). A falta dos acessos a essas necessidades criadas, geradoras da exclusão social, faz desses jovens estereótipos que geram o preconceito e que discriminam suas condições humanas. Portanto, as expressões desses jovens são os resultados da leitura de seu próprio universo, um olhar de como estão situados na sociedade contemporânea. O estilo dos manos representa a condição radical de ‘meio’ para fomentar a necessidade de mudanças do contexto em que vivem.

Os manos estabelecem enquanto movimento coletivo “redes informais de comunicação”⁶⁹ como instrumentos de novas relações sociais que designa uma comunicação particular e inovadora de processos culturais. A construção dos saberes por todas as informações contidas no cotidiano de participação dos sujeitos envolvidos traz a noção de exercerem “mídias radicais” por fazerem contrapontos à presença generalizada dos meios de comunicação social por toda sociedade contemporânea. Hoje, a própria forma como estabelecem seus próprios meios é o que fortalece e traz a condição de emancipar a identidade deste movimento coletivo, fonte fundamental para se entender o processo de integração desta população no tecido social. A forma peculiar como se comunicam reflete as atitudes do desenvolvimento deste movimento coletivo.

excluídos dos sistemas formalizados de trabalho; <http://ferrez.blogspot.com/2006/05/ateno.html>; <http://www.vermelho.org.br>; <http://www.mundonegro.com.br>

⁶⁹ “O que se supõe é que as *redes informais de comunicação* se configuram como elementos vivos intrinsecamente participantes dos diferentes *processos midiáticos* instaurados” termo abordado no artigo *As redes informais de comunicação, as mulheres e a cultura popular*, publicado na Verso e r everso - revista da Comunicação (RIBEIRO, 2006).

O que pode vê é que quem ta fazendo mesmo não ta na mídia e na televisão. Quem abraça a causa da periferia ta aqui dentro. Ver Antônia ou qualquer outro programa que passa na tevê com gente da periferia não ta mais por dentro dos problemas da comunidade. Ta numa outra linha, num outro mundo, que pra mim é bem menos do que os manos podem falar. A língua é a maior arma que podemos ter e o rap mostra pras pessoas que nós temos que se uni quando tamo na pior, na tristeza e na luta porque ninguém vê a periferia. É como se fosse um outro mundo que não dá pra sê mostrado na televisão ou no cinema só da pra saber qual é se vivê lá. Só assim dá pra sabê o que é ficá sem dormi porque a policia tá dando tiro no traficante que mora do lado. Acho que esse mundo nosso quando vai pra telev isão vira coisa de cinema mesmo, coisa de novela... A real, ta ligada, só pode sê vivida. É dura, não é fácil não. É coisa pra guerrero mesmo. S12.

Os conceitos teóricos, explicativos sobre comunicação, identificam como o mundo simbólico que rege as diferenças sociais incita a reação para a construção dos sentidos e sentimentos de fraternidade, luta e igualdade como parte integrante da formação do processo deste movimento coletivo, que cresce de modo cada vez mais intenso. Avaliar esta construção da identidade, com uma linguagem apropriada que recebe suas influencias pela mídia, traz o grande desafio que é considerar a negação e a consciência em uma visão crítica da produção da notícia e do lugar social dos meios de comunicação na sociedade contemporânea.

A avaliação teórico-metodológica de Martín-Barbero (2001) fundamentada no deslocamento do estudo dos meios em si mesmos ou por si mesmos para sua inserção na cultura esclarece o conceito de mediações no entendimento do mundo e nas ambientações que as massas levam ao processo de comunicação; O ato de consumo de determinado programa ou publicidade.

As mediações ganham seus significados e expressão por meio das experiências vividas pelos sujeitos, e em sua integração no processo comunicativo. A percepção que esses sujeitos têm da comunicação de massa como produto cultural mostra sua ambígua relação com esses meios que trazem a alienação no âmbito de incorporarem em seu cotidiano a presença dos produtos que são necessidades criadas, ao mesmo tempo em que fazem suas reivindicações, observam os conflitos sociais e trazem elementos para a construção de novos movimentos de identificação na contemporaneidade.

Afinal, qual seria a especificidade da comunicação para estes jovens incluída em uma ampla segmentação cultural que é determinada por necessidades mercadológicas? Como já esclarecido, a democratização não ocorre através do avanço da tecnologia ou multiplicidade de canais. Democratização da comunicação está associada a buscas de

desenvolvimento social que e vai além do que pode significar a evolução da tecnologia e dos novos meios que ela proporciona. Sua concretização está relacionada aos movimentos sociais. Instaurar um novo conceito para a produção da comunicação que atenda as necessidades deste segmento das classes populares envolve a produção de políticas sociais públicas que estejam estreitamente relacionadas aos movimentos juvenis da periferia que defendem a cultura do *hip hop* como instrumento de educação popular.

Considerar a lógica da legislação liberal na mídia é o primeiro passo para se pensar em mecanismos de reversão do padrão ditador da venda de produtos, incluindo a arte e cultura que foram transformadas em mercadoria. A hegemonia mercadológica da mídia deixa o aspecto da emancipação reduzido;

[...] a dimensão ideológica procura constituir a consciência do indivíduo de tal maneira que se resolvam imaginariamente as diferenças, as perigosas indeterminações de sentido, que se evite a sedução - o desvio do caminho da verdade. (SODRÉ, 1983, p. 67)

O caminho para a efetiva politização dos discursos de marginalizados e envolvidos com o crime está relacionada com os avanços dos movimentos sociais, assim como o movimento negro, que defende a igualdade de direitos. O acesso aos produtos culturais da mídia como Muniz Sodré identifica; Mídia como soma de suportes (meios quaisquer) mais mercado e consumo, traz a vertente teórica da relação entre comunicação e poder; A ideologia nas organizações e instituições sociais de comunicação; A manipulação coletiva dos meios diante das práticas culturais estruturantes; O espaço público e a gestão de violências simbólicas representadas pelo consumo e pela disseminação da fantasia como realidade;

[...] o poder busca fazer crer que seu lugar é suficientemente real para determinar o que deve ser considerado real ou irreal, incluído ou excluído, admitido ou negado. Nesse nível, poderoso é aquele que detém as aparências de controle da relação entre o determinado e o indeterminado. Assim, além do sentido de “fazer”, a palavra “poder” inscreve também o de “magia”. Todo poder é de fato “mágico”, no sentido de que se empenha em convencer os sujeitos de sua absoluta realidade. (SODRÉ, 1996, p. 59-60)

A possibilidade de uma leitura crítica dos meios de comunicação na vida cotidiana é um referencial concreto para elucidar as questões sobre a formação da identidade dos

manos. A leitura do que é retratado como expressões cotidianas, a partir das situações vividas nos trajetos desses sujeitos em suas afirmações e negações com identidades e diferenças, mostra como a mídia trabalha as necessidades dessa população e como busca criar outras novas. Mostram os signos, a religião, a sexualidade, a moda, a publicidade, a metalinguagem, entre outros elementos do cotidiano, como instrumentos de mediação e fontes produtoras das diferenças.

A mídia aqui avaliada entra com um poder, um jogo de persuasão para suprir essa busca do indivíduo em suas perplexas necessidades, que encontram saídas em um mundo imaginário. É mediante a essa complexa necessidade, manifestadas nos impulsos, nos desejos, nos sonhos, que o consumo passa a ganhar o seu legítimo sentido. Diante desta dinâmica em que se estabelece a lógica do consumo, a racionalidade instrumental empobrece o cotidiano afastando-o de sua riqueza, de sua diversidade. Até mesmo as atividades escolhidas para preencher o tempo livre, como o tempo do lazer, estão dentro desta ótica:

O lazer, tal como conhecemos hoje, é um produto da sociedade burguesa moderna e corresponde ao designado período de tempo livre. O lazer manifesta-se enquanto característica oriunda da civilização nascida da Revolução Industrial e surgiu para contrapor-se ao trabalho, atendendo a três funções principais do indivíduo: repouso, diversão e enriquecimento de sua participação social.

É por isso que a questão trabalho sempre acompanha as lutas dos movimentos coletivos para a busca de uma vida cheia de sentido em todas as esferas do ser social. Para Antunes este sentido terá seu locus privilegiado se ocorrer o fim das barreiras entre tempo de trabalho e tempo de não-trabalho, que por meio das atividades auto-determinadas em bases totalmente novas possam se desenvolver uma nova sociabilidade (ANTUNES,1999).

Uma sociabilidade tecida por indivíduos (homens e mulheres) sociais, e livremente associados, na qual ética, arte, filosofia, tempo verdadeiramente livre e ócio, em conformidade com as aspirações mais autênticas, suscitadas no interior da vida cotidiana, possibilitem as condições para a efetivação da identidade entre indivíduo e gênero humano... (ANTUNES, 1999:177)

O que se buscou avaliar, portanto, é como este tempo livre no cotidiano dos manos, influenciado pela mídia consumista, pode constituir -se como “locus” de um enriquecimento

humano, retomando, no contato com uma identificação de linguagem, as possibilidades de geração de valores e de posturas emancipadoras; ou seja, quais os mecanismos existentes no contexto do capitalismo contemporâneo, em uma megalópole como São Paulo, resgatar através do *hip hop* aspectos do lúdico perdidos na “racionalidade” do consumo dirigido, estabelecendo uma nova sociabilidade.

O *hip hop* como elemento cultural desempenha um papel essencial na organização de uma identidade própria dos *manos*. Nas relações que estabelece com o mundo (espaço e tempo) esta manifestação artística permite “a expressão de sentidos compartilháveis, de um patrimônio coletivo cheio de reminiscências, sigilos e revelações.” (COSTA, 1992:108).

É neste sentido que se pode dizer que a arte tem sua influência na formação da identidade coletiva. O fazer da arte mantém um universo de comunicação e de troca que caracteriza uma infinidade de mensagens que constituem o acervo de uma memória. “E, dado o caráter universal desse fazer, esses registros são os substratos da história da humanidade.” (COSTA, 1992, p. 109)

A consciência da importância do *hip hop* como instrumento de sociabilidade entre as classes populares é uma forma de se tornar o cotidiano mais humano, ao passo em que surgem mais artistas. Uma forma de se aproximar de um legado que mostra as conquistas, intenções e realizações do homem em sua história. Neste legado a identidade dos *manos* sobressai como uma revolução, um desenvolvimento cultural de resistência.

Aproximar a identidade dos *manos* com movimento cultural recorre a percepção a partir da própria palavra cultura. Discutir sob este parâmetro cultural exige trazer a definição de como é esta cultura que produzem e para quem é dirigida. Este entendimento se inicia a partir da noção do que é uma cultura como sendo de “elite” ou “popular”. Tal definição só é possível se pensarmos em como está envolvida a linguagem para o acesso de culturas que não estão no mesmo padrão estético de serem percebidas.

É certo que a cultura disseminada pela arte tem de cumprir o papel em ser reflexiva, a percepção da forma como a cultura dos *manos* está sendo dirigida, ou seja, a linguagem utilizada é decodificada muitas vezes como agressiva e incoerente aos olhos das classes sociais que possuem maior acesso. Já no próprio universo em que vivem, outra condição avaliada para a formação desta cultura é a acessibilidade da forma como divulgam suas expressões, assim como conhecimento e domínio de determinada mídia e seus suportes.

Avaliar a cultura difundida e criada pela mídia tradicional mostra especificidades que antes não eram percebidas. O conceito de cultura não associado a interferência dos meios de comunicação não bastaria para dar conta da enorme variedade de significados, uma vez que o seu sentido se modifica dependendo de quem a formula, para quem a formula e o porquê a formula.

A dificuldade maior de se conquistar uma harmonia entre esses vastos sentidos que a cultura veio tomando, consideravelmente neste fim de século, deve-se ao fato que cultura possui tanto uma expressão global como também uma parcial, ou seja, todas as coisas inerentes ao ser humano (seu modo de pensar, de agir e de ser). Esta liberdade de significação, que é um dos traços da cultura, fez com que se pensasse religião, arte, política, sociabilidade entre os homens ou/e entre eles e a natureza, economia, como apenas uma de suas partes constituintes, sendo que seu valor modificou dependendo da sociedade a qual se direciona.

Com o passar dos séculos a cultura foi fundamental para o surgimento de novas manifestações coletivas no mundo. Diferenças ambientais, sociais, religiosas entre tantas outras, foram as responsáveis pela diversificação do modo de vida dos indivíduos, produzindo uma variedade imensa de civilizações com diferentes graus de especificidade. O advento dessas civilizações se deu pelo processo de criações de identidades, na qual vendo-se no outro, os indivíduos passaram a se enxergar e a atribuir valores e características que só eram possíveis de existir se houvesse comparação entre os mesmos, gerando um processo de atração e repulsão entre eles que originou *consciências coletivas* superiores às pequenas particularidades de cada um, e que, por sua vez, originaram povos distintos em vários lugares do mundo.

Seguindo nesta idéia, pode-se imaginar que a cultura originou-se a partir do momento em que o homem percebeu que sua vida era mais do que comer e habitar, mas também pensar. Justamente, o pensar foi o grande responsável pela superação do homem em meio a natureza, num processo sempre progressivo no qual não é possível de se prever o fim, pois nenhum indivíduo pensa de forma igual a outro, apenas de forma parecida e isso contribuiu para esta superação constante.

A nova racionalidade tecnológica trouxe sentidos diferentes para a cultura no que tange sua dimensão objetiva e subjetiva. A cultura e a comunicação versam na dualidade do

meio e da forma como são criadas e difundidas. Uma nova racionalidade tecnológica que tange a dimensão subjetiva. Muniz Sodré apresenta uma teoria onde define a mídia não como transmissora de informação mas mídia como ambiência, como uma forma de vida, onde o real ganha outros sentidos não da mesma ordem da realidade das coisas (SODRÉ:2002).

A comunicação que os manos estabelecem entre si, mediadas pela fala ou pela música deve ser compreendida como atitude (interativa) e como procedimento (ação), acrescentando que com esta lógica a fala abrange a três mundos: o mundo objetivo das coisas, o mundo social das normas e instituições e o mundo subjetivo das vivências e dos sentimentos. As relações com esses três mundos estão presentes e mostram a necessidade de reavaliação do conceito que deve ir além da democratização midiática que debatida na forma reducionista como acesso a tecnologias e suportes, e assim, alcançar uma renovada democracia, que deve existir para a produção do conhecimento disseminado por conteúdos midiáticos que estejam preocupados com a formação intelecto-social desta população que vive em condição de risco social. A predisposição dos manos para superar os obstáculos impostos pela realidade de afastamento e de exclusão para um isolamento social é revelada pela própria linguagem que criaram. A forma como se comunicam é o primeiro passo de uma comunicação que atua como resistência, mesmo que forjada pela mídia consumista.

A comunicação deste segmento de jovens está voltada para a ação com buscas a emancipação e liberdade de pensamento. A comunicação é, sob este prisma, inseparável da ação, existindo autoridade epistêmica nas comunidades onde uns falam com os outros. A ação comunicativa assume papel de intérprete do mundo real, assim o conceito do “agir comunicativo” é o referencial para a integração dos manos na sociedade. (HABERMAS: 1987).

Para a conquista da liberdade de expressão e fortalecimento da identidade coletiva, a atuação desses jovens precisa estar orientada e ter apoio político-cultural. Desenvolver projetos culturais que envolvam este segmento, mediante o recurso do lúdico, com atividades que trazem questionamentos das posturas e necessidades que são produzidas pela ideologia do consumo, aproximam esses indivíduos à uma leitura de suas necessidades e da própria consciência de identidade com influência e rupturas da mídia tradicional. Um trabalho que exponha como essas necessidades, produzidas e impostas pela ideologia do

consumo, que operam imaginários e que são manifestações simbólicas de violência aos que têm menos acesso já é um caminho para se pensar nos mecanismos de reação a esse processo.

As práticas sociais que envolvem as classes populares para estarem atuando com o propósito de conscientização precisam estar envolvidas, com “posturas” e “alternativas” adversas, ao que o meio técnico incita como necessidade; ao individualismo que é produzido com a globalização. Nesta concentração de forças pode haver as possibilidades potenciais para a formação de movimentos sociais que inclui a identidade e comunicação dos manos e que tenham por objetivo viabilizar a criação de alternativas e posturas diferentes das que são perversamente produzidas nos processos da globalização.

A construção de um universo de valores que fomente a formação de uma cultura de resistência a essa cultura imposta pela cultura de massa, é o recurso que pode trazer o desvelar da impotência desses indivíduos para a concretização de seus anseios pela vida; sair das teias dos processos alienantes e passar a ser pessoas cujas vidas pulsam por mudanças. São com os recursos que resultam em manifestação e formação de movimentos sociais que se pode concretizar as reações para que o sistema, num contexto adverso, passe a atuar a serviço da formação de uma sociedade mais justa e democrática. São essas lutas que caracterizam o processo de evolução da sociedade.

CONCLUSÕES

A partir de um aprofundamento reflexivo da organização do segmento de jovens envolvido neste trabalho foi possível compreender o conjunto de limitações aos acessos à cultura, educação, lazer, moradia, trabalho, entre outros aspectos presentes nos bairros populares e na periferia de São Paulo. A leitura deste universo, com uma apuração em perspectiva crítica das carências e necessidades presentes na vida desses indivíduos, mostra a existência de mecanismos de resistência às relações de classe, incluindo o sistema capitalista e as tendências neoliberais nas relações de poder, de exploração e dominação. Em meio ao complexo quadro de opressões e de influência a modelos e padrões homogeneizados pela mídia consumista, as representações da sociabilidade desta população revelaram a possibilidade de os considerarem como um movimento coletivo.

Esta consideração se explica com o conjunto de identificações na forma étnico-racial e nas condições de classe marginalizada, reveladas com expressões cotidianas a importância de se assumirem como atores de mudança da história brasileira; um movimento coletivo que recupera sua auto-estima como sujeitos que se assumem como maioria afro-descendente e moradora da periferia.

A leitura das condições do desenvolvimento da cidade de São Paulo, o processo de periferização, e as influências geradas pelo distanciamento das classes sociais evidenciaram a mobilização deste segmento de jovens em sua esfera de atuação na complexa sociedade que se tece em rede. Neste cenário pôde ser traduzidas a produção de identidades desses sujeitos, com suas evidentes necessidades e reivindicações.

A condição de excluídos ou marginalizados se confere nas dificuldades que encontram para a forma convencional de inclusão no mercado de trabalho formal, legalizado. A superação das limitações sócio-econômicas destes jovens que vivem em situação de risco social é representada pelas condições que encontram para terem os acessos aos produtos e mercadorias. A grande maioria movimenta sua economia pelo sistema de trabalho informal e pelo considerado mercado paralelo, assim como as atividades tangenciais ao crime e a própria criminalidade.

Os conflitos entre as classes sociais, os conceitos da elite dominadora - a hegemônica influência da mídia com supostas necessidades que violam os sentidos para a concretização de projetos de vida para os que possuem menos acesso - trazem a esta juventude a necessidade de um repensar das suas relações. A identidade coletiva desta população se constrói a partir dos resultados de seus anseios e aspirações que, de certa forma, são influenciados pela ideologia do consumo.

Suas afirmações que valorizam a condição de viverem em periferia e bairros populares criam as complexidades para compreender seus próprios valores na construção de uma identidade coletiva. Ao mesmo tempo em que defendem a importância de assumirem a postura de classe oprimida, e valorizarem a condição da cultura onde moram, eles almejam os produtos que são criados para outras classes sociais, privilegiadas aos acessos político social e econômico.

As condições que esses jovens questionados encontram para o consumo, assim como também suas aproximações aos espaços de cultura e lazer mostram o quanto são discriminados pela sociedade em geral. O movimento coletivo desta população que defende a cultura da periferia traz um desafio constante para a ordem social estabelecida. No ideário deste movimento, as reivindicações, objetivos e valores se dimensionam em uma relação ambígua dada pela incitação ao consumo pela mídia, mediante a frustração de serem pertencentes a uma camada social não privilegiada pelos interesses mercadológicos.

A forma como este segmento da população encontra para adquirir bens materiais que consideram como necessidades, tais como: os produtos para o vestuário, suportes e tecnologias da comunicação são referências para a formação coletiva de identificação. No entanto, a forma como criam seus acessos às mercadorias, fazem contrapontos com a negação que têm em relação à estruturação de classe social. Estas características do movimento destes jovens, aliadas aos determinantes históricos, trazem as imagens reais da identidade que constroem.

Este segmento das classes populares legitima a produção histórica de uma identidade na organização da sociedade brasileira, com elementos de identificações que se pautam a partir do reconhecimento que têm como uma grande comunidade onde os valores são universais. Uma juventude que se identifica independentemente da região em que mora na cidade. A forte referência de uma linguagem cultural própria, com a presença de um

vocabulário específico que desenvolvem, caracteriza uma identificação e reafirmação como comunidade. É através do laço coletivo estabelecido por meio da identificação que se fortalecem e reivindicam as diferenças e discriminações enfrentadas no cotidiano. O conjunto de identificações que é construído por esta população traz o entendimento da formação do conceito de comunidade que não se refere a um espaço físico, e sim ao caráter complexo de valores morais. Como noção de comunidade da periferia ficou evidenciada que esta maneira de se identificar é formada pela maioria das pessoas pertencentes às classes populares com pouca disponibilidade para os prazeres e lazeres, como também para as propriedades de discurso e poder.

Este segmento de jovens integra em seu cotidiano as expressões oriundas de uma realidade que é marcada pela condição de risco social, e que formam um universo que é desprotegido de leis que deveria preservá-los de todos os perigos para manter seu valor diferencial. Podem ser considerados como atores representativos da juventude das classes populares marginalizadas no Brasil. Formam um movimento coletivo que inclui manifestações artísticas e as atividades que desenvolvem para movimentar a sua economia como expressões cotidianas que são representadas por uma maioria de pessoas do sexo masculino que vive em condição de risco social, e têm entre 21 e 29 anos. Este segmento da população corresponde ao perfil que aproxima a definição de quem são os *manos*; uma juventude que age com instrumentos transformadores; uma população identificada através do desenvolvimento de uma cultura que é gerada nos redutos da criminalidade, e que se manifesta com “armas comunicacionais” diante das diferenças e injustiças sociais.

Os *manos* entrevistados durante os roteiros dos metros e nos próprios arredores das estações demonstraram, de forma peculiar, seus olhares e percepções dos aspectos que caracterizam sua identificação como uma população marginalizada que reivindica suas necessidades. Os depoimentos dos doze jovens, sujeitos desta pesquisa, revelaram, em sua maioria, que as condições de acessos ao consumo são por intermédio de atividades consideradas ilegais. Em algumas falas foi possível perceber as dificuldades que encontram para se incluírem como cidadãos, com seus direitos nos espaços públicos. Esses sujeitos escolhidos para uma avaliação mais aprofundada sobre suas identidades e influência da mídia.

Suas falas revelam a antipatia que esta população tem pela polícia, ente outros órgãos oficiais. Esta negação se despona como forte elemento de construção de sua identidade, e se constitui como resistência à organização da sociedade civil. São reação que foram verificadas através das várias representações integradas neste universo . A linguagem que desenvolvem na música, na dança e nos diálogos reflete o distanciamento que estabelecem dos órgãos oficiais e, principalmente da polícia. As identidades coletivas que determinam reação ao padrão uniformizador da sociedade se estabelecem mediante as características de um grupo social que parti lha as mesmas intenções.

Durante as entrevistas o que também pôde ser percebido é que para alguns deles a noção do que é o crime ganha outro significado. As atividades que não são legalizadas na sociedade contemporânea têm outro sentido para alguns dos manos entrevistados. Não são eles que estão errados, tampouco roubam ou cometem infrações. Esta parcela da população que admite estar na “correria” ou no mercado paralelo diz que nunca roubaram e que têm uma vida “muito limpa”. Entre essas contradições acreditam que a ordem social é que está errada. Para eles, o crime tem um outro sentido por abrir espaços para a conquista de necessidades de uma população oprimida.

Aqui, as impressões da autora ficam registradas nas dimensões objetivas e subjetivas diante da condição gerada pela práxis do diálogo com os sujeitos envolvidos. As situações dos encontros para estabelecer a comunicação trouxeram, em dados momentos, a condição de apreensão caracterizada pela própria condição de alguns dos sujeitos, já que se encontram ou já estiveram envolvidos com o universo do crime onde matar ou agredir não são expressões alheias, e ter proximidades com organizações consideradas ilegais representa poder e coragem.

O acesso ao mercado de trabalho formal é praticamente inexistente para a maioria dos manos. Portanto, diante dessa realidade, a imersão desses jovens na condição de protagonistas de um movimento coletivo revelou significativos aspectos do contexto no qual ocorrem as tentativas e as realizações concretas das busca s incessantes de superaram as condições de exclusão, de massificação e de alienação acompanhadas pela perda de identidade existentes, que se manifestam de diferentes formas, nas sociedades de mercado e consumo.

A experiência de comunicação alternativa por parte deste segmento da população mostra a diversidade e complexidade das sociedades contemporâneas, o que tornou difícil a leitura de análise de aspectos de resistência e alienação presentes nas expressões cotidianas deste movimento coletivo. A relação dos jovens com a mídia e com a condição de risco social dissemina um universo de comunicação e de troca que são oriundos da cultura que é cultivada por este segmento das classes populares. Determina um conjunto de identificações em meio as contradições históricas da sociedade.

A identidade como uma construção social estabelecida confere aos indivíduos as qualidades de proximidade e semelhança. Identificar esse movimento coletivo como identidade com âmbitos de resistência foi possível porque suas expressões estão calcadas na necessidade que têm em se contrapor à ideologização. No atual contexto histórico contemporâneo a identidade que é destinada à resistência apresenta ser a mais relevante para a transformação social. A importância e diferenciação estão expressas nas condições de seu surgimento como uma resistência coletiva a padrões de opressão que atingem o limite de determinado contexto das classes populares. É no processo de projeção dos direitos sociais que o coletivo de jovens da periferia, e bairros populares empreenderam a luta pelo direito de acesso à organização econômica, às atividades de lazer e às práticas culturais. Basicamente, a resistência é gerada pelas relações conflituosas de inserção ao mercado e ao consumo.

Na sociedade em rede, o processo da reestruturação produtiva afetou a realidade do trabalho, da cultura, e das relações sociais. As relações de poder são expressas na forma de organização social. Nesta organização da sociedade, a influência da cultura de massa determina os aspectos considerados positivos e negativos na identificação dos jovens da periferia.

A permanência de obstáculos como o desemprego, a burocracia, a violência, a corrupção estatal, entre outras formas de domínio e poder, propiciam a formação de coletivos dentro do tecido social. A relação entre grupos de pessoas promove um sistema organizacional de características próprias em sua identificação. Porém, mesmo com o fortalecimento de um campo social das relações de um movimento coletivo as possibilidades de transições de tipos de identidades definidas por Castells (2000), quando transpostas para a realidade do universo que se questiona, explicitam fatos que ocorrem na

apropriação de estilos culturais e, ao mesmo tempo na distorção, que a elite faz das expressões que surgem no cotidiano dos mansos. A manifestação cultural de contestação quando vira mercadoria se distancia das questões ideológicas. O próprio estilo musical como o *hip hop*, que se disseminou entre outras camadas pode ser considerado um produto da moda.

Não obstante, a produção do *hip hop* que surge das classes populares é uma resposta à condição de opressão. Uma alternativa de apresentar também o universo do crime, da prisão, e da condição de risco social. O fato de esta pesquisa estar situada em São Paulo, considerada a cidade onde mais se produz o *hip hop* brasileiro, facilitou a avaliação de elementos utilizados na música, na dança, e na plasticidade do *graffiti* como instrumentos de participação social. Entre todos os estilos musicais produzidos pelos jovens das classes populares, o *hip hop* é o que mais procura se alinhar com as questões ideológicas do movimento negro, e aqui os jovens entrevistados revelam que neste espaço encontram possibilidades de se assumir a condição do valor diferencial da maior parte deste segmento da população ser afro-descendente.

O *hip hop*, enquanto representação da cultura popular tem como objetivo buscar, trazer à tona expressões que orientam descobertas e suas implicações no contexto histórico-social. Estas representações são o produto e engendro de uma consciência crítica adquirida como reação aos conceitos pragmáticos do modelo de sociedade brasileiro. Interage como atividade criadora e libertadora das condições de opressão. A atuação desta consciência é mecanismo de resistência sobre a ideologia mantenedora da cultura burguesa, e alimenta a força da coletividade desta população. A atitude destes jovens em passar a frequentar as festas e, nas danças competirem com passos reproduz a dimensão lúdica do cotidiano deste universo juvenil. A sociabilização entre os jovens da periferia é reforçada por ter como principal característica de ser a fase humana, a juventude, o período em que mais afloram as buscas da própria autonomia. A partir de reflexão sobre a realidade, constroem sua própria cultura e sociabilidade em contextos adversos dos conceitos institucionalizados para ser cidadão.

Suas aspirações como atores sociais de um universo subjugado nas relações capitalistas são transpostas a um mundo imaginário. É grande a contribuição da arte para esses indivíduos chegarem a uma leitura de suas necessidades. No entanto, embora essas

manifestações culturais abram espaços para criarem formas de participação cultural e de comunicação, na prática existem muitos limites para esses jovens conseguirem ter reconhecimento. As atividades desenvolvidas por essa comunidade trazem elevados questionamentos das posturas e necessidades produzidas pelo sistema ideológico da sociedade burguesa.

Os depoimentos, o movimento de ação desses sujeitos, e a reação que surge no tecido social evidenciaram o entendimento desta identidade, que mesmo por apresentar âmbitos de resistência aos conceitos e padrões formalizados, regidos por um conjunto de valores sociais ideologicamente aprovados, tem em sua formação a influência da comunicação de massa em sua condição exercida, direta e indiretamente, na operacionalização de imaginários. Esta identidade, calcada em uma dinâmica construída como reação ao capitalismo, ao passo em que é alimentada pela própria lógica deste sistema, mostra a complexa relação dialética na construção de emancipação por meio da fantasia e opressão. Portanto, a manifestação cultural deste segmento de jovens apresenta âmbitos de resistência, ao mesmo tempo em que aspiram adquirir os produtos da moda, as necessidades supostamente criadas.

São Paulo e os contrastes que existem entre as camadas sociais mostram as dificuldades que os jovens das classes populares enfrentam por pertencer a um movimento coletivo que busca por espaços para se expressarem. Os relatos dos jovens revelam a importância do *hip hop* como lugar de auto-afirmação, de identificação e cumplicidade. Suas trajetórias apresentam entre os cenários de segregação de suas moradias, a falta de oportunidades e de espaços de inserção na sociedade, assim como, a precária qualidade dos serviços públicos e as ameaças traduzidas em dados alarmantes de violências.

O desenvolvimento cultural da população moradora dos bairros populares e da periferia, geralmente, está envolvido em projetos do Terceiro Setor. Os trabalhos sociais com os meios de comunicação tradicionais para as classes populares de São Paulo são poucos e o tratamento à informação para o fortalecimento da identidade deste movimento coletivo está, basicamente, centrado nas mídias alternativas e comunitárias.

A abordagem da cultura da periferia, por parte desses meios de comunicação locais, atua como referenciais para os jovens se estabelecerem enquanto atores sociais de um movimento coletivo. Ainda que existam os meios de comunicação considerados

comunitários e alternativos nos bairros populares e periferia de São Paulo, o apoio das mídias tradicionais para a produção de informação que atenda necessidades específicas desta população é praticamente ausente.

O interesse dos grandes grupos econômicos que detêm o controle das programações da mídia acessada pelas massas volta-se, principalmente, ao incentivo do consumo o que mostra a dificuldade em relacionar a discussão dos instrumentos de difusão de informação nas modernas sociedades de massa inseridas no processo de ampliação e alargamento dos direitos de cidadania na verticalidade de direito a conteúdos formadores de conhecimento e crítica.

A avaliação do tratamento dispensado a informação, e a ausência de preocupação com a formação intelecto-cultural das classes populares mostram a atuação da mídia na operacionalização de imaginários, como expressão de violência simbólica. Esta afirmação pode ser constatada através da representação que o consumo de produtos e acessos aos lazeres têm para este segmento da população. A incitação, dirigida para as grandes massas, em obter as mercadorias da moda é um fato que vulnerabiliza as pessoas que vivem com pouco acesso às necessidades básicas de sobrevivência. Este processo fetichista da mídia em angariar público para obter os produtos que são ideologicamente aprovados pela indústria cultural trouxe respostas de como as necessidades produzidas ocupam espaço no imaginário desses jovens.

Os recursos da comunicação de massa atuam sob da lógica da produção das necessidades de consumo, e traz como representação as simulações e dissimulações enganosas. A diversidade de conteúdos, informações e o avanço das tecnologias existem somente em função da segmentação de mercado e potencializam o engendro da cultura popular de massa em sua dimensão excludente. Esta cultura produzida pela indústria cultural possui um arcabouço de meios de comunicação cujas informações são aprovadas ideologicamente. O maior acesso a informações são aspectos positivos somente para os Estados, grandes grupos econômicos e classes sociais detentoras de grandes fortunas que monopolizam o poder político nos mais diferentes níveis das relações sociais, e das transações econômicas.

Neste contexto, a pouca atração oferecida pelos meios tradicionais de formação e educação, como escolas, igrejas e família afetam as classes populares por não contarem

com muitos mecanismos nem opções de lazer, cultura e ensino. Esta realidade abre espaços para os meios de comunicação de massa passar a assumir a “posição de agências educadoras” sem o condicionamento necessário para a formação do conhecimento crítico. Esta informação “mediática”, de mais fácil acesso, como a televisão e outros meios que recorrem aos recursos audiovisuais, é dispersiva, desconexa e desarticula a produção do conhecimento que não é mediada pela *mass média*. Aceleraram ainda mais os fenômenos de “parcelização da cultura”, desestrutura e convergem à perda de “referências estáveis”.

A estratégia mercantil de utilização da imagem rompe questões ideológicas de movimentos coletivos que se formam com base na resistência. Neste espaço, a moda, a publicidade, a metalinguagem, entre outros elementos, são instrumentos de mediação, ao mesmo tempo em que atuam como fontes produtoras das diferenças. A cultura que é construída como reação também se torna fantasia. Superar a falsa-consciência, suplantada pela mídia, é o desafio cotidiano de movimentos coletivos. Descortinar a fantasia como mecanismo de resistência sobre a ideologia mantenedora da cultura de massa é o princípio para o acesso ao conhecimento crítico.

No universo dos *manos*, a relação que esta população tem pelo fato de possuir tecnologias, ou seja, o acesso a suportes de comunicação tem forte influência na inclusão social pela sua dimensão de mercadoria que provê a qualidade de status, o que influencia imaginários. Nos relatos também ficou evidenciada a frustração que é gerada por não possuir as novas tecnologias, suportes dos meios de comunicação. A limitação do acesso à dimensão da fantasia também apresentou significados relevantes na construção da identidade dos *manos* em suas expressões cotidianas.

As expressões desses sujeitos como representações formadas em um conjunto de conceitos, explicações e afirmações apresenta um cotidiano que deixa dúvidas em relação a imagem do real e da falsa consciência. A influência das tecnologias faz parte do conjunto de conceitos que torne possível definir o universo de necessidades e carências desta população e suas ações coletivas. Este segmento de jovens das classes populares se apresenta hoje como uma força explosiva, não só pelo número de pessoas envolvidas em um movimento coletivo, como também pelas reações aos valores e posturas determinadas pela sociedade tradicional.

Nos bairros populares e na periferia de São Paulo a mobilização do hip hop enquanto instrumento educativo para os manos é silencioso, e vista pela maioria das autoridades como inadequado. O *hip hop* não é bem visto, e geralmente está associado com bagunça e desordem, o que fazem esses jovens serem traduzidos com o problemas sociais.

A forma como esta população adquire conhecimento e comunicam o que foi adquirido mostra que não são receptores passivos; eles possuem uma margem de autonomia para produzir e comunicar “representações”. O cotidiano é o espaço onde fazem suas críticas, seus comentários, trocam idéias e decidem suas escolhas que determina a existência de sua identidade formada como resistência por meio das representações.

A aproximação com o universo desses jovens mostrou a possibilidade de levantar os fatos concretos que caracterizam terem adquirido massa crítica para construir um movimento coletivo que reivindica suas necessidades, a partir da forma como constroem uma cultura que permite uma prática e um conceito de comunicação bastante significativa e rica em elementos que ampliam a sociabilidade e identificação. O que na maioria dos casos inexistem nas formas tradicionais de comunicação de massa, tampouco nas atividades políticas convencionais.

Muitas vezes associados como problema social, a formação da identidade desses sujeitos são os resultados da leitura de seu próprio universo, um olhar de como estão situados na sociedade contemporânea. O estilo dos manos representa a condição radical de ‘meio’ para fomentar a necessidade de mudanças do contexto em que vivem. A comunicação deste segmento de jovens está voltada para a ação com buscas a emancipação e liberdade de pensamento. No entanto, as dificuldades cotidianas que encontram para superar a discriminação e a inclusão no mercado de trabalho formalizado mostram que os movimentos coletivos de jovens não têm sido alvo de políticas sociais públicas. Essa realidade confirma que governo e sociedade têm inserido de forma precária e marginal grande parte dos jovens brasileiros. A preocupação em incentivo a projetos sócio-educativos às juventudes marginalizadas é representada por uma pequena parcela de gestores públicos e pauta a necessidade do exercício para adquirir um novo conceito de democracia.

Neste estudo, como um conjunto de elementos envolvidos na construção da cultura dos “manos”, conseguiram-se revelar fatos que demonstra o quanto esses jovens têm

experimentado e demonstrado com atividades lúdicas, como o *hip hop*, a formulação de linguagens juvenis que questionam a realidade das classes populares e são fortes instrumentos de comunicação ao público jovem. É na perspectiva de exigir direitos sociais e de se integrar como cidadãos que os atores sociais se organizam em suas intervenções com o meio lúdico do hip hop. É quando estão frente a esta forma de atividade que encontram o momento livre do espaço de atuação da lógica consumista. É na esfera da manifestação cultural que os jovens produzem o cerne da criação de sua própria cultura e identidade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, T. W. *A Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ADORNO, S. et alii. O adolescente e a criminalidade urbana em São Paulo. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**. São Paulo, IBCrim, ano 6, n.23, setembro 1998, p.189-204.

AJUNTAMENT DE BARCELONA, **15º Premio a los Medios de Comunicación**. 2007.

Disponível em

<http://w3.bcn.es/V45/Serveis/Noticies/V45NoticiesLlistatNoticiesCtl/0,2138,88652498_88654198_2_266588358,00.html?accio=detall&home=> Acesso em 12.m aio.2007

ANDRADE e REBELO, Associações comentam decisão de fundir Radiobrás e TVE para construir rede pública. Maio de 2007, **Agência Brasil** Disponível em <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/05/08/materia.2007-05-08.1085714675/view>> Acesso em: 08.maio.2007

ARANHA, A. Falidos antes da hora: seduzidos pelo crédito fácil, os jovens consomem cada vez mais, se endividam e começam a vida adulta já com o nome no vermelho. **Época**, edição 389, 2005 Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0%2C%2CEPT1061890-1664%2C00.html>> Acesso em: 08.abr.2006

ATLAS AMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, **O meio físico e a ocupação urbana**. 2006. Disponível em

<<http://atlasambiental.prefeitura.sp.gov.br/pagina.php?B=45&id=28>> Acesso em: 18.jun.2006

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade/ Marc Augé. Trad M. L. Pereira Campinas, SP: Papirus, 1994.

AUGUSTO, E. Cineasta de quebrada. **Tela Viva**, nº 158, 2006. Disponível em <<http://www.telaviva.com.br/revista/158/figuras.htm>> Acesso em: 08.maio.2007

BÁREZ, M. *Hip hop*: uma performance afro-americana. **Globalization: Hemispheric Institute** Disponível em <<http://hemi.nyu.edu/course-rio/perfconq04/students/work/hiphop%20performance%20afro.htm> > Acesso em: 18.jun.2006

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5. ed. Trad. Michel Lahud et al. São Paulo: Hucitec, 1978.

BENJAMIN, W. **Crítica da violência** - crítica do poder. Documentos da cultura, documentos de barbárie. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1986.

_____. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p.4 – 28.

BERGER, P. I. & LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes. 1976

BOSI, Ecléa. Memórias da cidade: lembranças paulistanas. In: São Paulo (Cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento de Patrimônio Histórico. **O direito à memória**. Patrimônio histórico e cidadania. São Paulo, 1992. p. 145 -149.

_____. Problemas ligados à cultura das classes pobres, *in*: Valle, Edênio e Queiroz, José K. (Orgs). **A cultura do povo**. São Paulo Cortez&Moraes, EDUC, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **La Distinción**. Madrid: Taurus. 1998

_____. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Trad. de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

_____. **O poder simbólico**. Lisboa, Difel e Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.

CANCLINI, Nestor. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Imaginários Urbanos**. Buenos Aires: EUDEBA, 1997.

_____. **Culturas Híbridas**. Buenos Aires: Sudamericana/ Edusp, 1992

_____. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: EdUFRJ. 1995

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Oxford University Press, 2003. 304 p.

_____. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p.

_____. **La cuestión urbana**. Buenos Aires : Siglo XXI, 1974.

_____. **La era de la información**: economía, sociedad y cultura. Volume 2 - El poder de la identidad. Tradução de Carmen Martínez Gimeno. Londres, Blackwell Publishers, 1997.

_____. **The Power of Identity**. The Information Age: Economy, Society and Culture, vol. II. Malden/Oxford, Blackwell, 1997

_____. Seminário professor Manuel Castells. **Prefeitura de São Paulo, 28 de janeiro, 2005** Disponível em <<http://www.aulas.prefeitura.sp.gov.br/palestra3.htm>> Acesso em: 08.abr.2006

CHAUI, Marilena. **Cultura e Democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 1997.

COSTA, Cristina. **Questões de arte: a natureza do belo, da percepção e do prazer estético**. São Paulo: Moderna, 1999 (Coleção Polêmica).

_____. **A milésima segunda noite**: da narrativa mítica à telenovela – análise estética e sociológica. São Paulo: Anablume/Fapesp, 2000.

COSTA LIMA, Luiz (Org.). **Teoria da cultura de massa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990.

CRIVELARO, M. Jovens representam 40% dos brasileiros inadimplentes. **Imprensa FIAP – Faculdade de Informática e Administração Paulista, 2006**. Disponível em <http://www.fiap.com.br/portal/int_cda_conteudo.jsp?ID=114515> Acesso em: 09.set.2006

DaMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIMENSTAIN, G. O escândalo das meninas grávidas, **Folha Online**, 18/10/2004
Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/colunas/gd181004a.htm>>
Acesso em: 08.maio 2005

FELIPPE, K.B. Indulto de 2004, uma nova história para as mulheres encarceradas. **Jornal Juízes para a Democracia**. São Paulo, 10 de março de 2005. Disponível em <http://www.ajd.org.br/ler_noticiad.php?idNoticia=53> Acesso em: 08.maio 2005

FERREIRA, M. I. C. Jovens pobres na favela: múltipla escolha para quê, se no fim nada dá em nada? **Imagário**;12(12):149-170, jan.-jun. 2006. Disponível em <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&base=ADOLEC&lang=p&nextAction=lnk&isisFrom=1&count=10&exprSearch=gravidez%20and%20precoce%20and%20na%20and%20periferia>> Acesso em: 04.out.2006

FOLHA ONLINE. **Criminosos atacam bases da polícia em São Paulo** - Folha Online, 08/05/2007 Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u135141.shtml>> Acesso em: 09.mai.2007

FRÚGOLI JR., Heitor. **Centralidade em São Paulo**: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez, Edusp, 2000.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade pessoal**. Oeiras: Celta, 1997.

_____. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo : UNESP, 1991.

GUEDES, S. Serviço de Alto-falante: a mídia da periferia (a difusão da cultura popular nas veredas do comércio, política e religião) **Universidade Metodista de São Paulo**

Disponível em

<http://www2.metodista.br/unesco/agora/PMC_Acervo_Entretanto_sandra.pdf> Acesso em: 09.nov. 2006

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985. 236p.

_____. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988. 158p.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Corpo e Forma**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

_____. **O Campo não-hermenêutico ou a Materialidade da Comunicação**. Rio de Janeiro: UERJ, **Cadernos do Mestrado**, n. 5, 1993.

FAUSTO, B. **Crime e cotidiano**. A criminalidade em São Paulo, 1880-1924. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FERREZ. **Ninguém é Inocente em São Paulo**, São Paulo: Objetiva, 2006

GEERTZ, C. **Negara: o Estado teatro no século XIX**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre, Tchê, 1987. 230pp.

GIDDENS, A. Dimensões da modernidade. **Sociologia**. Problemas e Práticas. Lisboa, n. 4, p. 237-251, maio1998

GOUVÊA, Maria das Graças. **Educação popular junto aos movimentos sociais: O centro de direitos humanos e educação popular - CDHEF - Campo Limpo. São Paulo**. Tese de doutoramento em Serviço Social. PUC/SP.1997 b.

HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987

_____. **Consciência moral e agir comunicado**. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1989.

HADDAD. F.M. **Práticas e representações do lazer dos moradores da favela Goiti** . 2000. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas/Paisagem) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 186 p.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz T. S. e Guacira L. Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. Quem precisa de identidade? In:Silva, Tomás T. (or g.): **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, 133p.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro:Ed UFRJ, 2000.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

_____.Sociologia de la Vida Cotidiana, trad. José Francisco Ivars e Enric Pérez Nadal, Ediciones Peninsula, Barcelona, 1977.

_____. **Indivíduo e Comunidade**. Uma contraposição real ou aparente. Rio de Janeiro Paz e Terra, 1976

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003

IANNI, Otávio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

KENSKI, Vani M. **A construção social da inconsciência**. In: Cadernos CEDES (Centro de Estudos Educação e Sociedade). Campinas: Ed. Papirus, v.26, p. 5, 1992

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto** - 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie Quotidienne I Introduction**. Paris L'Arche Editeur, 1958.

_____. **La révolution urbaine**. Paris: Éditions Gallimard, 1970

_____. **La presencia y la ausencia**. Contribución à la teoria de las representaciones. México : Fondo de Cultura Económica, 1983.

_____. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991 a.

_____. **O direito a cidade**. São Paulo: Moraes, 1991 b.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. 263p.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. 260 p.

_____. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea** .

Porto Alegre: Sulina, 2002, 328 p.

LOPES, Maria Immacolata V. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2001.

MAGALHÃES, H. J. Quatro anos de matança: Banho de sangue das últimas semanas coroa política de massacre da população pobre promovida por Alckmin e Saulo. **A nova**

democracia, ano 5. n° 30, 2006. Disponível em

<<http://www.anovademocracia.com.br/30/08.htm> > Acesso em: 08.maio 2005

MAIO, MARCOS E VENTURA. **‘Política de cotas raciais, os "olhos da sociedade" e os usos da antropologia: o caso do vestibular da Universidade de Brasília (UnB)’** , artigo

publicado na revista científica **Horizontes Antropológicos** . vol.11 n°23 Porto

Alegre Jan./Jun 2005.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo:

Companhia das Letras, 2001.

MANTOVANI, F. Elas pintam o sete, **Folha de São Paulo**, Folhateen, 20/12/2004)

Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm2012200405.htm> Acesso em: 08.maio 2005

MARCONDES Filho, C. (org.) **A linguagem da sedução- A conquista das consciências pela fantasia**. São Paulo: Com-Arte, 1989.

_____. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza** .

251 p. 1983 (Tese de Livre Docência) Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação de Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1983.

_____. **Imprensa e capitalismo**. São Paulo, Kairos, 1984.

_____. **Sociedade tecnológica**. São Paulo: Scipione, 1994.

_____. **Superciber**: a civilização místico-tecnológica do século 21. Sobrevivência e ações possíveis : texto introdutório. São Paulo: Ática/ECA-USP, 2000.

_____.Haverá vida após a Internet? **FiloCom - Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação**, 2006 Disponível em <<http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/ciro1.html>>
Acesso em: 30.maio 2007

MARTIN BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, Cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 2001.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza, classes sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____.**O modo de pensar capitalista**. São Paulo: HUCITEC, 1982

MARX, K & ENGELS, F. **Ideologia Alemã**. São Paulo. Hucitec,1984.

MARX, K. **O capital**. Livro 1, vols. I e II. Rio de Janeiro, DIFEL, 1984

_____.**Obras escogidas**. Moscou: Progresso. 1978.

_____.**Manuscritos Económico-Filosóficos**. México: Gribaldo. 1978.

_____.**Manuscritos econômicos e filosóficos**. In: *Os Pensadores: Marx*. São Paulo: Abril Cultural 1978.

MÁXIMO, W. **Secretário diz que nova TV pública vai oferecer programação alternativa à das emissoras privadas**. Disponível em
<<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/05/09/materia.2007-05-09.8710308401/view>> Acesso em 12.maio.2007

MEDIOS DE COMUNICACIÓN DIGITAL EN ESPAÑA E IBEROAMÉRICA,
Universia. Disponível em <

<http://www1.universia.net/CatalogaXXI/C10044PPESII1/INDEX.HTML>> Acesso em: 04.out.2006

MÉSZAROS, I. Marx. **A Teoria da alienação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1996

MINGARDI, Guaracy. **O Estado e o crime organizado**. 239p. 1996. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Lei Rouanet**, 2006 Disponível em <http://www.cultura.gov.br/apoio_a_projetos/investidores/index.php?p=19310&more=1> Acesso em 01.out.2006

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no séc. XX**. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

MUNIZ, D. Relato da Virada: "Vi um homem erguer uma arma e atirar" **Folha Online**, 06/05/2007. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/coltidiano/ult95u135041.shtml>> Acesso em: 07.maio 2007

NEGROPONTE, Nicholas. **A Vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 231 p.

NOGUEIRA, S. **Cidade ameaçada – Aspectos da violência infanto – juvenil em Ribeirão Preto**. 256p Dissertação (Mestrado em Sociologia) UNESP Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Araraquara, 1998. Dissertação mestrado, Araraquara 1998.

RAMONET, Ignácio. **A Tirania da Comunicação**. Petrópolis. Editora Vozes,1999

PALLONE, Simone. **Diferenciando subúrbio de periferia**. Cienc. Cult., Jun 2005, vol.57, no.2, p.11

PONCIANO, Levino. **Bairros paulistanos de A a Z**. São Paulo: Ed. SENAC, 2002

PREFEITURA do Município de São Paulo. Secretaria de Estado dos Negócios Metropolitanos, EMPLASA, SEMPLA . **Bens culturais arquitetônicos no município e na região metropolitana de São Paulo** . 1984

QUEIROZ, Maria Isaura P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983.

_____. **Relatos Oraís**: Do “Indizível ao “Dizível” in Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais. Experimentos com Histórias de Vida(Itália - Brasil), org. Olga de Moraes non Sinson. São Paulo: Ed. Vertice, 1988RAMONET, Ignácio. **A tirania da Comunicação** : Petrópolis: Vozes, 1999

_____. **Propagandas Silenciosas**. Massa, televisão, cinema. Petrópolis: Vozes, 2002

RANDAZZO, S. **A criação de mitos na publicidade** . Rio de Janeiro: Rocco, 1997

RIBEIRO. As redes informais de comunicação com a participação das mulheres. **Verso e reverso - revista da Comunicação**, nº 44, 2006. Disponível em <
<http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=8&s=9&a=66>> Acesso em: 07.maio 2007

RODRIGUES, Vera Maria Lion Pereira. **Grupos Juvenis na Periferia** : Reconstituindo relações de gênero e de raça/etnia. Tese (Doutorado em Serviço Social) 2004. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005

RUDIGER, F. **Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade** . Adorno e a Escola de Frankfurt. Porto Alegre: Edipucrs, 1999

SAAD, Beth. **Estratégias para a mídia digital**: internet, informação e comunicação. São Paulo: Senac, 2003.

SALZMAN, Marcela Gleizer. **Identidad, subjetividad y sentido en las sociedades complejas**. México, FLACSO/Juan Pablos, 1997

SANSAULIEU, R. **L'identité au Travail**. Paris: Press de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1977

SANTAELLA, L. & NÖTH, W. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SANTOS, Boaventura (org.): **A globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2.000.

SELAIMEN, G. Telecentros de São Paulo: cidadania en el focus. **Asociación para el Progreso de las Comunicaciones**, 2004. Disponível em <<http://lac.derechos.apc.org/cdocs.shtml?x=25697>> Acesso em: 18.jun.2006

SILVA, A. J. S. As Tecnologias de Redes *Wireless*. **Boletim bimestral sobre tecnologia de redes da RNP-Rede Nacional de Ensino e Pesquisa**, 1998, v. 2, nº5 Disponível em <<http://www.rnp.br/newsgen/9805/wireless.html>> Acesso em: 20.nov.2006

SODRÉ, Muniz. **A comunicação do grotesco**. Um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. **O monopólio da fala**. Função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **A verdade seduzida**. Por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Codecri, 1983

_____. **Reinventando a cultura**: a comunicação e seus produtos. Petrópolis: Vozes, 1996.

SOUZA, Ana Daniela. **Arte e Cidadania**; O Fazer da Arte no Cotidiano das Classes Populares de Ribeirão Preto. 197 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) 2002. Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2002.

SPOSITO, Marília. **Algumas reflexões e muitas indagações**. In: Retratos da juventude brasileira – Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TRIVIÑOS, N.S.A. **Introdução À Pesquisa Em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXOS

Anexo A



Local: rua Cardeal Arcoverde com avenida Dr. Arnaldo

Grafites

Tema: Batida Policial

Acervo de fotos disponibilizados em: **Graffiti e Pichações na cidade de São Paulo**

Mídia digital: <http://fotos.br101.org/gallery/graffiti-pichacao/?g2_page=1>



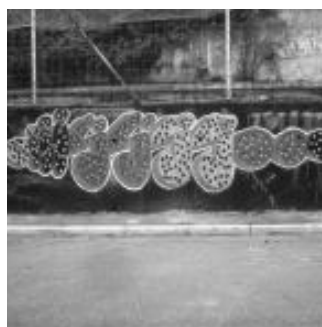
Local: rua Cardeal Arco Verde

Grafitos com temas variados.

Acervo de fotos disponibilizados em: **Graffiti e Pichações na cidade de São Paulo**

Mídia digital – Disponível em

<http://fotos.br101.org/gallery/graffiti-pichacao/?g2_page=1>



Local: avenida Sumaré

Grafitos com temas variados.

Acervo de fotos disponibilizados em: **Graffiti e Pichações na cidade de São Paulo**

Mídia digital – Disponível em

<http://fotos.br101.org/gallery/graffiti-pichacao/?g2_page=1>



Local: avenida Heitor Penteado



Local: rua Joaquim Antunes

Grafitas com temas variados.

Acervo de fotos disponibilizados em: **Graffiti e Pichações na cidade de São Paulo**

Mídia digital – Disponível em

<http://fotos.br101.org/gallery/graffiti-pichacao/?g2_page=1>



Local: rua Ignácio Pereira da Rocha



Local: avenida Sumaré

Grafitos com temas variados.

Acervo de fotos disponibilizados em: **Graffiti e Pichações na cidade de São Paulo**

Mídia digital – Disponível em

<http://fotos.br101.org/gallery/graffiti-pichacao/?g2_page=1>



Grafitos com temas variados

Local: ruas do bairro Vila Madalena.

Acervo de fotos disponibilizados em: **Graffiti e Pichações na cidade de São Paulo**

Mídia digital – Disponível em

<http://fotos.br101.org/gallery/graffiti-pichacao/?g2_page=1>



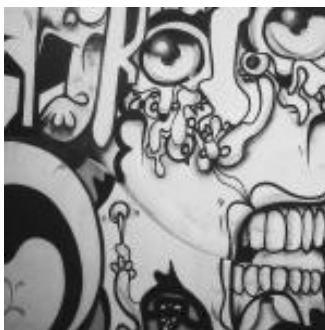
Grafitos com temas variados

Local: ruas do bairro Vila Madalena.

Acervo de fotos disponibilizados em: **Graffiti e Pichações na cidade de São Paulo**

Mídia digital – Disponível em

<http://fotos.br101.org/gallery/graffiti-pichacao/?g2_page=1>



Grafitos com temas variados

Local: ruas do bairro Vila Madalena.

Acervo de fotos disponibilizados em: **Graffiti e Pichações na cidade de São Paulo**

Mídia digital – Disponível em

<http://fotos.br101.org/gallery/graffiti-pichacao/?g2_page=1>



Grafites com temas variados

Local: largo da Batata.

Acervo de fotos disponibilizados em: **Graffiti e Pichações na cidade de São Paulo**

Mídia digital – Disponível em

<http://fotos.br101.org/gallery/graffiti-pichacao/?g2_page=1>



Grafitos com temas variados

Local: largo da Batata.

Acervo de fotos disponibilizados em: **Graffiti e Pichações na cidade de São Paulo**

Mídia digital – Disponível em

<http://fotos.br101.org/gallery/graffiti-pichacao/?g2_page=1>

Anexo B



Ilustração veiculada em: Mapa do transporte metropolitano

Mídia digital – Disponível em:

< http://pt.wikipedia.org/wiki/Metr%C3%B4_de_S%C3%A3o_Paulo >

Quadro Informativo do sistema metropolitano de São Paulo

Linha	Terminais	Inauguração	Comprimento (km)	Estações	Duração das viagens (min)	Funcionamento
1	Tucuruvi Jabaquara	14 de setembro de 1974	20,2	23	44	Diariamente, das 4h40 às 0h35 (1)
2	Vila Madalena Imigrantes (em Expansão), mais detalhes no artigo	25 de janeiro de 1991	10,4	10*(13)	16	Diariamente, das 4h40 às 0h20 (1)
3	Palmeiras-Barra Funda Corinthians-Itaquera	10 de março de 1979	22	18	36	Diariamente, das 4h40 às 0h35 (1)
4	Luz Vila Sônia	Entrega prevista para 2009	12,8	11	***	<i>em construção</i>
5	Capão Redondo Largo Treze , a expansão da linha e mais detalhes no artigo	20 de outubro de 2002	9,4*(21)	6*(16)	13	De seg. a sáb, exceto feriados, das 4h40 às 0h00

(1) As estações das Linhas [1-Azul](#), [2-Verde](#) e [3-Vermelha](#) fecham em horários diferenciados, de acordo com a passagem do último trem. Ou seja, enquanto, por exemplo, a estação Jabaquara fecha às 0h14, a estação Liberdade fecha às 0h

Informações disponibilizadas em: Metrô de São Paulo

Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Metr%C3%B4_de_S%C3%A3o_Paulo >

Anexo C



Fotos dos arredores das estações, das estações e dos metrô de São Paulo
Acervo de fotos disponibilizados em: Mobilidade urbana no município de São Paulo
Disponível em
< http://pt.wikipedia.org/wiki/Transporte_na_cidade_de_S%C3%A3o_Paulo >



Estação Sé no horário do *rush*, 18:00, numa sexta-feira dia util.

Filmagem feita no dia 13 de maio de 2006

Imagens em vídeo no *You Tube*

Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=Ju6BHb6OStM>>



Estação Sumaré



Estação São Bento



Estação Consolação

Imagens no *YouTube*

Disponível em

http://www.youtube.com/results?search_query=metr%C3%B4s+de+s%C3%A3o+paulo&search=>



Visita à Linha 3 do Metrô de São Paulo em novembro de 2005



Estação Brás - Embarque no Expresso leste, CPTM - SP



Trajetos do metrô na linha 3 visto da Estação Brás

Imagens em vídeo no *You Tube*

Disponível em:

<http://www.youtube.com/results?search_query=esta%C3%A7%C3%A3o+br%C3%A1s&search=>



PAREDES DA ESTAÇÃO GUAIANAZES RECEBEM INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS

Informações da Imagem em mídia digital – CPTM - Notícias

Disponível em

< http://www.cptm.sp.gov.br/e_noticias/webnoticias/one_news.asp?IDNews=2883 >

GRAFITE DÁ COR E EXPRESSÃO A TAPUMES DE OBRAS NAS ESTAÇÕES

Na próxima quinta-feira [20/10], a partir das 9 horas, oito membros do grupo Fosco Crew irão concluir o 1º Grafilinha, iniciativa idealizada para que sejam grafitados mais de 60 m² de tapumes de obras das estações Osasco e Presidente Altino, na Linha B [Júlio Prestes – Itapevi], da CPTM. O tema predominante é a paz, além de desenhos típicos dos movimentos artísticos cubismo, futurismo e arte contemporânea.

Há tempos, a empresa vem ampliando o espaço às manifestações artísticas de crianças e adolescentes, cedendo sua estrutura a atividades que visam a inclusão social da garotada participante. Entre as ações, destacam -se o grafite realizado às terças-feiras na passarela da Estação Santa Terezinha [Linha B] pela turma de 40 adolescentes da Fundação Orsa. E a grafita gem de painéis [4m x 5m] produzidos pelos jovens da ONG Aprendiz, fundada por Gilberto Dimenstein, durante as apresentações mensais do projeto Rock nos Trilhos. Depois de concluídas, as peças ficam expostas na Estação Brás.

Motivado pelo Decreto 49.913 – assinado pelo Governador Geraldo Alckmin no dia 25 de agosto, permitindo a utilização dos tapumes de obras públicas estaduais como espaço cultural destinado ao grafite – e seguindo a linha dos writers [grafiteiros] do Hip-Hop de Nova York, o pessoal do Fosco Crew iniciou os trabalhos em 4 de outubro, na Estação Presidente Altino, e nos dias 5 e 9 em Osasco.

"Enquanto pintávamos com spray e látex, na plataforma, os usuários tinham o contato direto com a arte. Descobriam como é feito o grafite e interagem conosco fazendo perguntas e elogios", conta Blaus Hugo Schincke, mais conhecido como 13laus.

Para Blaus, idealizador da ação nas estações da zona oeste, juntamente com Gilmar Del Bargo Junior [o Dingos], o grafite preenche a cultura visual dos cidadãos privados de conhecer museus, feiras culturais e de obter informações que permitam interpretar a arte contemporânea. "Também queremos motivar crianças e adolescentes a realizar um trabalho artístico reconhecido pela sociedade, ao invés de gastarem suas energias pichando prédios, casas e monumentos públicos."

Arte em movimento

Em 2001, uma homenagem ao ex-governador Mário Covas grafitada pelo artista Bonga, na Estação Domingos de Moraes [Linha B], dava início ao Projeto Grafite da CPTM. Em pouco tempo, a cultura da grafitagem ganhou muros de várias unidades, revitalizou o exterior de trens e deu ar de modernidade ao interior das estações.

Muito mais do que transformar a ferrovia numa 'galeria de arte' moderna e popular a céu aberto, a iniciativa visa colaborar com a inclusão social dos adolescentes que aprendem a técnica em entidades assistenciais parceiras da CPTM e preservar o

patrimônio da própria população – trens e estações – de ações de vandalismo como a 'famigerada' pichação.

O Expresso Arte, desenvolvido pelos artistas "Os Gêmeos", Ise e Nina, em parceria com a CPTM, é um exemplo que se destaca pela inovação e beleza dos murais grafitados nas estações "Referência da Lapa", na Linha A [Luz –Francisco Morato] e "Referência Ipiranga", na Linha D [Luz -Rio Grande da Serra]. E também nos trens da extensão da Linha B [Itapevi -Amador Bueno], totalmente revitalizados pela arte do grafite.

Além da integração gratuita entre CPTM e Metrô, que começou a operar em novembro, a Estação da Luz ainda receberá a futura Linha 4 - Amarela do Metrô. Vislumbrando a chegada dos trens na Luz, o próprio presidente da CPTM, Mário Bandeira, sugeriu aos artistas "Os Gêmeos" e Ise um painel alusivo à obra. Os grafiteiros, reproduzindo as composições, em tamanho natural, em um painel na parede do túnel de acesso à integração gratuita entre as linhas da CPTM e a Linha 1 – Azul, do Metrô, exatamente onde os trens da linha que está sendo construída vão chegar e partir.

Na Estação Brás Cubas, na Linha E [Luz –Estudantes], em Mogi das Cruzes, teve um muro de 50 metros de extensão grafitado por 20 artistas, que escolheram a fauna, a flora, e o paraíso como tema. O trabalho foi viabilizado graças a uma parceria entre a prefeitura local, os artistas e a CPTM.

Vale ressaltar as intervenções realizadas na Estação de Jandira, na Linha B. O projeto fez parte do projeto "Oficinas de Hip -Hop", promovidas pela AJAES [Associação Jandirense de Apoio a Entidades Sociais], entidade que atende jovens de 12 a 18 anos em liberdade assistida, oriundos da FEBEM. Os desenhos grafitados levam mensagens de paz e cidadania.

Informações da Companhia Paulista dos Trens Metropolitanos

Disponível em

< http://www.cptm.sp.gov.br/e_noticias/webnoticias/one_news.asp?IDNews=530



Foto de grafite em estação da Companhia paulista dos trens metropolitanos
Informações da Imagem em mídia digital – CPTM - Notícias
Disponível em
< http://www.cptm.sp.gov.br/e_noticias/webnoticias/one_news.asp?IDNews=530



Foto de grafite em estação da Companhia paulista dos trens metropolitanos
Informações da Imagem em Mídia digital – CPTM - Notícias
Disponível em
< http://www.cptm.sp.gov.br/e_noticias/webnoticias/one_news.asp?IDNews=530



Foto de grafite em estação da Companhia paulista dos trens metropolitanos
Informações da Imagem em Mídia digital – CPTM - Notícias
< http://www.cptm.sp.gov.br/e_noticias/webnoticias/one_news.asp?IDNews=530 >

O *hip-hop* é tão urbano quanto as grandes construções de concreto e as estações de metrô,

e cada dia se torna mais presente nas grandes metrópoles mundiais. No Brasil, é a voz cantada dos presídios, está nos grafites que embelezam ou enfeiam muros e paredes das grandes cidades, nas roupas da juventude, é um movimento que invade as metrópoles brasileiras da periferia para o centro. Para muitos jovens, o *hip-hop* vem fazendo a diferença, mudando jeitos de pensar, dando oportunidades e denunciando a desigualdade social e racial.

"O *hip-hop* nasceu na periferia dos bairros pobres de Nova York. Pode ser considerada uma cultura juvenil urbana", explica Viviane Melo de Mendonça Magro, psicóloga que estuda o movimento no Brasil, com ênfase na questão de gênero. "O *hip-hop* é formado por três elementos: a música (*rap*), as artes plásticas (o grafite) e a dança (o *break*). No *hip-hop* os jovens usam as expressões artísticas como uma forma de luta e resistência política", diz a pesquisadora.

Micael Herschmann, autor do livro *O funk e o hip-hop invadem a cena* e pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), conta que o *hip-hop* "nacional" chegou no Brasil há pouco mais de vinte anos, mobilizando inicialmente a juventude negra e trabalhadora da cidade de São Paulo. "Um de seus introdutores foi o *rapper* Nelson que, ainda nos anos 1980, trouxe o ritmo para a praça da Sé, na capital paulista. O programa de rádio mais antigo foi *Rap Brasil*, dirigido pelo Dr. Rap, veiculado na rádio Metropolitana FM", diz Herschmann.

Enraizado nas camadas populares urbanas, o *hip-hop* afirmou-se no Brasil e no mundo com um discurso político a favor dos excluídos, sobre tudo dos negros. Não é por acaso que o famoso *rapper* Mano Brown teve uma recepção tão calorosa na Febem do Brás, em São Paulo, em um show realizado em 2003. Os jovens detentos sabiam de cor as letras das músicas, que falavam da realidade dos moradores das periferias. "As histórias do *rap* são fictícias ou reais, mas tratam de pessoas que vivem na periferia" conta Viviane.

HIP-HOP BRASILEIRO É ÚNICO Apesar de ser um movimento originário das periferias norte-americanas, o *hip-hop* não encontrou barreiras no Brasil, onde se instalou com certa naturalidade. "A apropriação de elementos que não estão necessariamente legitimados na cultura brasileira deu-se de forma mais natural e tranqüila porque estamos em um mundo globalizado", considera Herschmann. O que, no entanto, não significa que o *hip-hop* brasileiro não tenha influências locais. O movimento no Brasil é híbrido, com traços evidentes da cultura nacional: no *hip-hop* brasileiro tem rap com um pouco de samba, *break* parecido com capoeira e grafites de cores muito vivas.

Mas as diferenças estão além do visível. Na opinião dos militantes brasileiros, o *hip-hop* nacional é mais crítico e politizado que o norte-americano. "O *hip-hop* brasileiro é muito melhor do que o americano, que foi banalizado. Muitos representantes do *hip-hop* lá fora se


venderam para o sistema. No Brasil o *hip-hop* é mais consciente, quer ver o povo melhorar e prega a informação" declara Cibele Cristiane Rodrigues, militante do movimento.

MÚSICA PARA A CIDADANIA

Em um dos bairros mais valorizados da capital paulista, o Morumbi, fica instalado o prédio da Associação Meninos do Morumbi. Fundada em 1996, atualmente reúne mais de 4 mil crianças e adolescentes de comunidades carentes com o objetivo de promover sua integração social por meio da arte (dança, percussão e canto) e da prática de esportes. A principal atividade da associação é a banda Meninos do Morumbi, que já gravou um CD e se apresentou, inclusive, na França e na Inglaterra. Os ensaios são coordenados pelo músico e maestro Flávio Pimenta, presidente e fundador da associação. Para integrar a banda é preciso participar de uma das atividades artísticas do grupo, além de ser obrigatório estar estudando. "Todos participam, e isso é o que cria identidade dos Meninos do Morumbi", afirma.

Para psicóloga Lígia Pimenta, coordenadora de projetos da associação, as atividades desenvolvidas ajudam as crianças a melhorarem sua auto-estima e ampliar a rede social. "Aqui essas crianças desenvolvem valores e se tornam menos vulneráveis a situações de risco", afirma. Desde 2001, o Núcleo da Família e Comunidade da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, da qual Lígia faz parte, atende o grupo por meio de terapias familiares, envolvendo os pais e as crianças e adolescentes. Mais informações sobre a Associação Meninos do Morumbi estão no site www.meninosdomorumbi.org.br.

Sabine Righetti



Artigo veiculado sob o título: Arte popular: Hip Hop: das seções policiais para os cadernos culturais dos jornais. Revista Ciência e Cultura vol.56 no.2 São Paulo Apr./June 2004.

Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252004000200025&script=sci_arttext>